

UNIVERSIDADE DE UBERABA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMISIA LUIZA ROCHA

**O plágio na pesquisa escolar: perspectivas de professores e alunos de duas escolas de  
Monte Carmelo/MG**

Uberaba – MG

2013

TERMISIA LUIZA ROCHA

**O plágio na pesquisa escolar: perspectivas de professores e alunos de duas escolas de Monte Carmelo/MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Uberaba, como requisito final, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Profissional e Trabalho Docente.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Alzira Almeida Pimenta.

Uberaba – MG  
2013

TERMISIA LUIZA ROCHA

**O plágio na pesquisa escolar: perspectivas de professores e alunos de duas escolas de Monte Carmelo/MG.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

## DEDICATÓRIA

Dedico esta produção a Maria Rosa, companheira amada, pela compreensão e por permanecer ao meu lado.

À Hilda, mãe adorada, pelas palavras de incentivo e pelos cuidados, mesmo diante daquilo que não compreendia com clareza.

Aos irmãos, pela presença, especialmente à Telma, por me permitir experimentar as doçuras de ser titia.

À Isadora e Giovanna, que desde sempre me alegram e me distraem.

À Jeronimo, pai estimado, que mesmo distante continua presente em minhas lembranças.

Enfim, a todos que estimo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível concretizar o objetivo de ser Mestre.

Agradeço ao diretor da FUCAMP – Fundação Carmelitana Mário Palmério, Prof. Msc. Guilherme Marcos Ghelli e à sua esposa Prof<sup>a</sup> Msc. Kelma Gomes Mendonça Ghelli, pelo incentivo e pela oportunidade concedida a mim nesta instituição.

Agradeço aos colegas de turma, especialmente à Sônia, Betânia e ao querido Heber Junior, por tantos momentos de alegria e descontração, nos quais construímos laços de carinho e amizade.

A todos os docentes do programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, pelos momentos de aprendizado e incentivo à pesquisa, especialmente a professora Maria Alzira.

Aos diretores, professores e demais servidores, que me receberam nas escolas investigadas, com o devido respeito e colaboraram para que o trabalho pudesse chegar ao final.

Aos alunos e alunas que dedicaram parte do seu tempo na busca de soluções para problemas e dificuldades coletivas.

Aos amigos, que sempre me incentivaram, especialmente quando o desânimo ameaçava ficar bem forte.

E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

“O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chegue a sua explicação” (FREIRE, 1999, p. 98).

## RESUMO

A frequente prática do plágio em atividades de pesquisa na graduação e na pós-graduação tem levado educadores e pesquisadores a atentarem para essa temática. Neste sentido, esta pesquisa, de natureza intervencionista, com abordagem qualitativa e quantitativa, buscou responder à seguinte questão: que ações podem ser tomadas por professores e estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, para minimizarem o plágio na pesquisa escolar? O objetivo geral foi construir juntamente com professores e alunos ações que contribuam para minimizar a prática do plágio na pesquisa escolar. Foram objetivos específicos: conhecer o estado da arte da produção acadêmica sobre plágio; identificar como alunos e professores identificam e percebem o plágio, levantando sugestões para seu enfrentamento; elaborar material informativo sobre plágio, a partir do que professores e alunos apontaram que poderia ser feito. O referencial teórico apoiou-se principalmente nas contribuições de Thiollent (2008); Barbier (2007); Franco (2005); Rosa (2009); Christofe (1996); Moran (2000); Garschagen (2006); Pimenta (2008); Comas e Sureda (2007); Costa (2012); Krokosz (2011); Barbastefano e Souza (2007). Foi feita consulta ao banco de dados do Portal Eletrônico Domínio Público – Biblioteca Digital – da Capes, no Scientific Electronic Library Online – Scielo e nas Bibliotecas Digitais de Universidades Federais Brasileiras e da Universidade de Uberaba. Foram aplicados questionários, grupo focal e utilizamos a técnica de seminários. As respostas coletadas no grupo focal foram submetidas à análise de conteúdo (BARDIN, 1997). A análise e interpretação dos dados enfatizou a necessidade de informar aos alunos sobre plágio e autoria, oportunizando a utilização das atividades de pesquisa escolar como ferramenta de busca e ampliação de conhecimentos. Dentre as ações produzidas nesta investigação, destacam-se a confecção de uma cartilha informativa sobre o plágio e a criação de uma Fan Page, apoiadas na tríade pesquisa-ensino-aprendizagem. As considerações finais apontam para alta incidência do plágio em atividades de pesquisa, indicando que ele é pouco abordado nas escolas e a exígua produção acadêmica sobre esse tema, especialmente, nos anos finais do Ensino Fundamental. Considera-se, ainda, a necessidade de rever o conceito e a prática da pesquisa escolar, articulando-a com a ampla e frequente divulgação de informações sobre o plágio.

Palavras-Chaves: Plágio. Pesquisa escolar. Intervenção. Pesquisa-ação.

## ABSTRACT

The common practice of plagiarism in research activities for undergraduate and graduate has led educators and researchers to pay attention to this issue. In this sense, this research, interventional in nature, with qualitative and quantitative approach, we sought to answer the following question: what actions can be taken by teachers and students of final years of elementary school, to minimize plagiarism in academic research? The overall goal was to build together with teachers and students actions that will help minimize the practice of plagiarism in academic research. Specific objectives were: to know the state of the art production on academic plagiarism; identify how students and teachers perceive and identify plagiarism, raising suggestions for coping; develop information materials on plagiarism, from the teachers and students showed what could be done . The theoretical relied mainly on contributions from Thiollent (2008), Barbier (2007), Franco (2005), Rose (2009); Christofe (1996), Moran (2000); Garschagen (2006), Pepper (2008); Comas and Sureda (2007), Costa (2012); Krokoscz (2011); Barbastefano and Souza (2007). The methodology included search in Electronic Portal Public Domain - Digital Library - Capes, the Scientific Electronic Library Online - SciELO and digital libraries in Brazilian Federal Universities and the University of Uberaba. Questionnaires were used, and used the focus group technique seminars. The responses collected in the focus group were subjected to content analysis (Bardin, 1997). The analysis and interpretation of data emphasized the need to inform students about plagiarism and authorship, allowing the use of research activities as school search tool and increase their knowledge. Among the actions produced in this research, we highlight the creation of an informative booklet on plagiarism and creating a Fan Page, supported research on triad-teaching and learning. The conclusions point to a high incidence of plagiarism in research activities, indicating that it is rarely addressed in schools and scant scholarship on this issue, especially in the final years of elementary school. It was also the need to review the concept and practice of school research, linking it with the wide and frequent dissemination of information about plagiarism.

KeyWords: Plagiarism. Search school. Intervention. Action Research.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACEMC	Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo
AluPar	Aluno Escola Particular
AluPu	Aluno Escola Pública
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação do Comitê de Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Profissional de Nível Superior
ECAD	Escritório Central de Arrecadação e Distribuição
EscoPar	Escola Particular
EscoPu	Escola Pública
IES	Instituição de Ensino Superior
ITA	Instituto Tecnológico da Aeronáutica
LDA	Lei de Direitos Autorais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias e documentos recuperados.....	53
Quadro 2: Conceituações para Pesquisa-ação de acordo com Franco (2005).....	55
Quadro 3: Dimensões da Pesquisa-ação Integral.....	56
Quadro 4: Matriz de Análise – Estudantes.....	59
Quadro 5: Matriz de Análise – Professores.....	59
Quadro 6: Motivos para participar da pesquisa- Professores.....	63
Quadro 7: Motivos para participar da pesquisa- Alunos.....	63
Quadro 8: Atividades desenvolvidas nos seminários.....	66
Quadro 9: Matriz de análise dos Questionários.....	74
Quadro 10: Citação de fontes pelos alunos.....	75
Quadro 11: Respostas dos alunos com relação a prática do plágio.....	76
Quadro 12: Procedimentos de pesquisa.....	77
Quadro 13: Uso de cópias de textos em pesquisa.....	78
Quadro 14: Porque os alunos praticam plágio.....	81
Quadro 15: Definição de plágio.....	82
Quadro 16: Fontes de pesquisa.....	83
Quadro 17: Internet associada a outras fontes de pesquisa.....	83
Quadro 18: Sugestões dos alunos para minimizar o plágio.....	85
Quadro 19: Sugestões dos professores para minimizar o plágio.....	86
Quadro 20: Concepções dos docentes sobre o que é plágio.....	87
Quadro 21: Concepções dos discentes sobre o que é plágio.....	88
Quadro 22: Forma que docentes orientam seus alunos a pesquisarem.....	89
Quadro 23: Formas de pesquisar dos alunos.....	90
Quadro 24: Porque os estudantes praticam o plágio.....	92
Quadro 25: Sugestões de docentes e discentes para minimizar o plágio.....	93

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Plágio.....	25
Figura 2: Pesquisa Escolar.....	41
Figura 3: Perguntas norteadoras para confecção da cartilha.....	68
Figura 4: Tópicos para compor a cartilha.....	69
Figura 5: Fan Page UFES.....	72
Figura 6: Motivos que levam os alunos a plagiarem.....	78
Figura 7: Primeira folha da Cartilha.....	95
Figura 8: Segunda folha da Cartilha.....	96
Figura 9: Terceira folha da Cartilha.....	97
Figura 10: Quarta folha da Cartilha.....	98
Figura 11: Quinta folha da Cartilha.....	99
Figura 12: Sexta folha da Cartilha.....	100
Figura 13: Página Inicial da Fan Page.....	101
Figura 14: Sobre a Fan Page “Nós não curtimos o plágio”.....	101
Figura 15: Painel Administrativo da Fan Page.....	102
Figura 16: Vídeos da Fan Page.....	102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fontes de pesquisa consultadas por alunos.....	91
--	----

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
INTRODUÇÃO.....	16
1 FRAUDE ACADÊMICA E PESQUISA.....	20
1.1 Fraude Acadêmica.....	20
1.1.1 Plágio.....	23
1.1.1.1 Plágio e Direitos Autorais.....	26
1.1.1.2 A Produção Acadêmica sobre Plágio.....	28
1.1.1.3 As dimensões do Plágio.....	33
1.2 Pesquisa e Ensino.....	36
1.2.1 A Pesquisa enquanto prática pedagógica.....	39
1.2.2 A Pesquisa na Internet.....	43
1.2.2.1 Ciber-Plágio.....	46
2 ENFRENTAMENTO DO PLÁGIO NAS ESCOLAS.....	49
2.1 Os sujeitos da pesquisa e o lócus investigado.....	49
2.2 Revisão Bibliográfica.....	50
2.2.1 Coleta e seleção dos dados.....	51
2.3 Pesquisa-ação como intervenção.....	53
2.3.1 Aplicação dos Questionários e Grupo Focal.....	58
2.3.2 Seminário.....	62
2.3.3 Ações.....	67
3 RESULTADOS E AÇÕES.....	74
3.1 A investigação por Questionários.....	74
3.2 Grupo Focal.....	87
3.3 Ações.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE A – ROTEIRO GRUPO FOCAL/PROFESSOR E ALUNO.....	117
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PROFESSOR E ALUNO.....	119
APÊNDICE C – TCLE PROFESSOR/ALUNO.....	123
ANEXO 1- ORIENTAÇÕES DA CAPES SOBRE PLÁGIO.....	127

## APRESENTAÇÃO

Início este trabalho em meio a alegrias e tristezas que experimento hoje em um contexto de procura incessante pelo conhecimento. O que pretendo trazer de novo é o diferencial do caminho percorrido, a tênue relação estabelecida entre/pelos sujeitos pesquisados. Aponto direcionamentos que percebo há quase uma década, e só neste momento, devido aos percalços pelos quais fui instigada a transpor no exercício da função de docente de um curso de graduação em Pedagogia e da função de Pedagoga em Escolas Estaduais da jurisdição da Superintendência Regional de Ensino de Monte Carmelo/MG, chego a essa produção.

Ao enunciar a apresentação desta dissertação, recordo e revivo as etapas do longo processo vivido, fazendo emergir no pensamento os fatos, as particularidades, as escolhas e as ações que após terem sido tomadas representaram os movimentos de cada instante percorrido.

A formação acadêmica em Pedagogia que busca compreender e analisar as relações estabelecidas pelos sujeitos nas diversas formas de educar e educar-se, e a interação com alunos, professores, pesquisadora e indivíduos, impulsionaram meu ingresso no Mestrado em Educação, que dentre outras contribuições, proporcionou-me discutir e compartilhar assuntos de interesse educacional.

Como Pedagoga, preocupava-me a maneira como professores e alunos têm lidado com a prática do plágio na pesquisa escolar. No desempenho da função de docente no ensino superior, inquietava-me o fato dos alunos chegarem a esse nível de escolaridade, apresentando trabalhos de pesquisa ou de conclusão de curso plagiados. Nas escolas, em que trabalho, o plágio era assunto corriqueiro e isso aumentou meu interesse pelo tema.

A definição dos sujeitos a serem pesquisados, professores e alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, deriva do fato de que, apesar da mídia, seja ela impressa, televisionada ou virtual, apresentar muitos alertas sobre o problema do plágio no Ensino Superior, a meu ver o foco mais inquietante precede neste nível de ensino. O que me faz pensar que os alunos que aprendem a usar indevidamente as fontes na formação básica, poderão continuar a usá-las, indevidamente, durante a educação superior e, futuramente, em trabalhos de pesquisa na graduação e na pós-graduação. Neste sentido, destaco a importância de enfrentar o plágio no Ensino Fundamental.

Outro aspecto importante a ser considerado é que observar a prática do plágio sob a ótica pedagógica, possibilita caracterizá-lo como um problema de cunho educacional. E por compreendê-lo assim, como problema pedagógico, situo sua incidência no campo da

Educação, especialmente a escolar, porque o plágio que nos interessa estudar acontece a partir das relações de trabalho e estudo que são protagonizadas por professores e alunos, dentro e fora das instituições de ensino.

Entretanto, é preciso ir além da mera identificação e denúncia de casos de plágio, principalmente em ambientes educacionais, onde leitores e autores estão sendo formados. Assim, o que precisa ser buscado e descoberto são as razões pelas quais um número expressivo de estudantes utiliza-se dessa prática em atividades escolares. Portanto, o desafio é aprender como lidar, na atualidade, com o plágio na pesquisa escolar, usando os recursos disponíveis a nosso favor, ao invés de lançarmos mão de punições e taxações que pouco contribuem para o seu enfrentamento.

Além disso, a busca por maneiras de lidar com essa situação me parece oportuna, pois não é aceitável que professores e alunos vivenciem no mesmo espaço, um discurso de formação ética e moral, que esteja tão distante da prática. Daí, a importância de saber que ações, professores e alunos podem desenvolver para minimizar o plágio em atividades de pesquisa escolar.

## INTRODUÇÃO

O plágio é uma das formas mais frequentes e banalizadas de fraude acadêmica. Ele é definido por Moraes (2003, p.96) como apropriação de palavras, ideias, cópias parciais ou integrais de obras de autores, sem dar-lhes o devido crédito, ou seja, sem citá-los como fonte de pesquisa. Nessa perspectiva, o plagiador toma para si a autoria de algo que não foi ele quem de fato criou, o plagiário assina seu nome no lugar de outro, subtraindo do legítimo autor os créditos por sua produção. Todavia, quando tratamos em plágio nas atividades de pesquisa escolar, precisamos considerar que na maioria das situações em que as pesquisas são solicitadas, a finalidade dos textos produzidos pelos estudantes é o aprendizado e não a publicação. Logo, não se pode falar em transgressão de direitos autorais. Por essa razão, o foco deve ser o plágio enquanto prática e não enquanto infração. Lindley (1952, apud SALOMON, 2008, p.3) afirma que “embora plágio e violação de direitos autorais sejam frequentemente associados, não são a mesma coisa”.

A pesquisa escolar, por sua vez, é vista por Demo (1997, p.23) como um processo que leva o aluno a agir autonomamente diante do material pesquisado. Para este autor, “uma coisa é manejar textos, copiá-los, decorá-los, reproduzi-los. Outra é interpretá-los com alguma autonomia, para saber fazê-los e refazê-los. Na primeira condição, o aluno ainda é objeto de ensino. Na segunda, começa a despontar o sujeito com proposta própria”.

Ao propormos a articulação entre pesquisa escolar, enquanto instrumento pedagógico e a prática do plágio, adotamos a abordagem de pesquisa indicada por Demo (1997) que considera para essa atividade duas nuances: uma científica e outra educativa. A segunda, que é a que nos interessa neste trabalho, é vista como modo de educar e não como construção técnica do conhecimento. Corroborando com Demo (1997), Oligurski e Pachane (2010, p.252) afirmam que “no espaço do trabalho na educação básica prepondera a segunda face, porque não está em jogo produzir ciência propriamente, mas, construir a metodologia do aprender a aprender”.

A prática do plágio em pesquisas escolares alude discussões de cunho ético e sugere-nos indagações sobre a necessidade e viabilidade de inclusão de estudos sobre fraude nas matrizes pedagógicas da escola.

O fato de alunos utilizarem cópias de textos em trabalhos de pesquisa, assumindo a criação de tal material, não é por si só o cerne do problema. Neste caso, é preciso observar os condicionantes refletidos na inobservância da autoria e no eventual esquecimento da

especificação das fontes consultadas. Resta saber os motivos que levam os estudantes a essa prática e se o professor está preparado para lidar com isso. Importa que discussões sobre a prática do plágio na pesquisa leve a questionamentos e reflexões sobre a influência desta e de outras fraudes na formação educacional do estudante de hoje, que vive nesta sociedade definida como a Sociedade da Informação<sup>1</sup>.

Ao se falar em pesquisa escolar, na contemporaneidade, a questão da busca e do armazenamento das informações torna-se secundária se comparada ao discernimento necessário diante da quantidade de informação disponível. A comunicação além de ser falada, passou a ser escrita em blogs, emails, correios eletrônicos e enciclopédias virtuais que alteraram nossa maneira de ler e nossos procedimentos de pesquisa. Existem páginas na Internet<sup>2</sup> que fornecem a qualquer pessoa, trabalhos de conclusão de curso, monografias, artigos, dissertações, teses, sínteses e outros materiais prontos.

Neste sentido, o maior desafio posto aos professores é auxiliar o estudante para que ele desenvolva aptidões que vão além da habilidade de localização de dados. Nessa perspectiva, percebemos que a pesquisa escolar precisa ser entendida não como um trabalho maçante ou como uma cópia de trechos de livros e enciclopédias – ou, com o computador, com o uso indiscriminado do “CTRL C + CTRL V”<sup>3</sup> –, mas como atividade básica no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados. A pesquisa possibilita que o ensino e a aprendizagem sejam pensados além de um conjunto de conhecimentos sistematizados e apresentados nos livros didáticos – estes, muitas vezes, desconsideram o contexto escolar dos alunos.

Dispomos de uma diversidade de espaços onde a aprendizagem ocorre de forma natural e interativa. É possível considerar que, devido à expansão e disponibilidade dos meios de acesso à informação, fazer pesquisa escolar hoje, seria mais fácil, entretanto, o que poderia ser uma vantagem nas salas de aula tem se configurado como um problema, por facilitar a cópia e incentivar o plágio.

---

<sup>1</sup> A expressão “Sociedade da Informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. Esta sociedade pós-industrial ou “informacional”, como prefere Castells (1998), está ligada à expansão e reestruturação do capitalismo desde a década de 1980 do século que termina. (WHERTHEIN, 2000, p.71).

<sup>2</sup> Alguns endereços dessas páginas: [www.monografiapronta.com.br](http://www.monografiapronta.com.br), [www.trabalhosfeitos.com.br](http://www.trabalhosfeitos.com.br), [www.coladaweb.com.br](http://www.coladaweb.com.br), [www.zemoleza.com.br](http://www.zemoleza.com.br), [www.trabalhos-prontos-escolares.com](http://www.trabalhos-prontos-escolares.com), [www.ebah.com.br/search?q=trabalhos+prontos+revisados](http://www.ebah.com.br/search?q=trabalhos+prontos+revisados), [www.clickgratis.com.br](http://www.clickgratis.com.br), acesso em 26/12/2012.

<sup>3</sup> CTRC C e CTRC V são teclas do teclado do computador que desempenham a função de copiar e colar.

Diante da frequência de casos de plágio na sociedade em várias áreas do conhecimento, como nas pesquisas científicas e acadêmicas, torna-se preciso propor alternativas que contribuam para que o aluno tenha uma aprendizagem que lhe permita questionar, criticar e intervir no ambiente social, obtendo com essa postura melhoria na qualidade de sua formação. Paiva (2010) preocupado com os altos índices de plágio protocolou junto ao Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, o requerimento de uma proposição, solicitando que o órgão tomasse medidas. Destacamos o envio através de ofício de recomendação do Conselho Federal da OAB a todas as Instituições de Ensino Superior - IES do país para que utilizem softwares de busca de similaridade na internet e em banco de dados em suas atividades e adotem políticas de conscientização e informação sobre propriedade intelectual. Em resposta a essa proposição a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES<sup>4</sup>, recomendou que as instituições públicas e privadas brasileiras adotassem políticas de conscientização e informassem seus alunos sobre plágio e propriedade intelectual.

Nesse contexto, assinalado pela necessidade de enfrentamento do plágio, que esta pesquisa buscou responder à seguinte questão: que ações professores e estudantes podem tomar para minimizar o plágio em atividades de pesquisa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental? Ela orientou-se pela premissa: o plágio é visto como um problema por professores e estudantes e acontece muitas vezes por falta de informação sobre esse assunto. Seu objetivo geral foi criar ações capazes de fazer frente a essa prática, buscando minimizar o plágio em atividades de pesquisa de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Foram objetivos específicos: conhecer o estado da arte da produção acadêmica sobre o plágio; identificar como professores e alunos identificam a prática do plágio em atividades de pesquisa; elaborar material informativo sobre o plágio, a partir das sugestões de professores e de alunos.

A metodologia utilizada foi baseada nos pressupostos da pesquisa-ação, com aplicação de questionários, grupo focal e seminários. Neste último, foram produzidas duas ações para informar sobre plágio: Cartilha e Fan Page. A dissertação foi estruturada em três capítulos.

No capítulo 1, dividido em dois tópicos é apresentada a produção acadêmica sobre o plágio no Ensino Fundamental e Superior, desencadeando uma fundamentação teórica sobre Plágio, Direitos Autorais e Pesquisa. Tratamos da pesquisa escolar enquanto prática

---

<sup>4</sup> Ver ANEXO 1

pedagógica, mostrando os aspectos que a fortalecem enquanto instrumento útil nos processos de ensino aprendizagem.

No capítulo 2, são descritos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do estudo. Foi realizada uma intervenção baseada nos pressupostos da pesquisa-ação, que permitiu aos professores e estudantes participarem ativamente na construção das ações propostas para o enfrentamento do plágio na pesquisa dos anos finais do Ensino Fundamental.

No capítulo 3, são apresentados, analisados e interpretados os resultados obtidos durante o processo de pesquisa, incluindo os questionários, o grupo focal e as ações propostas pelos sujeitos pesquisados – Cartilha e Fan Page.

Nas Considerações Finais, destacamos que a relação com a prática do plágio, apresentada por professores e alunos, mostrou-se contraditória durante a pesquisa. Percebemos que existe a compreensão da necessidade de combate ao plágio nas escolas, porém, verificamos dificuldades em viabilizar na prática ações que façam frente ao problema. A necessidade de criação e adoção de mecanismos que informassem os alunos sobre o que é plágio, foi premente em toda a investigação.

## CAPÍTULO 1

### 1 FRAUDE ACADÊMICA E PESQUISA

No primeiro capítulo, são apresentados: a fraude acadêmica, o estado da arte sobre o plágio no Ensino Superior e Fundamental, Direitos Autorais e Pesquisa. Mais especificamente são tratados aspectos sobre a pesquisa escolar enquanto prática pedagógica que favorece o processo de ensino-aprendizagem.

#### 1.1 Fraude Acadêmica

Fraude, em geral, pode ser entendida como um processo de burlar algo ou forjar alguma coisa, podendo se exteriorizar de várias maneiras e em diferentes ambientes: social, profissional, cultural etc.. A fraude que ocorre no meio educacional, no Ensino Básico, Fundamental ou Superior é identificada como fraude acadêmica. Neste trabalho, foram tratados três tipos: cola, falsificação de dados de pesquisa (compra/venda de trabalhos) e o plágio.

Pimenta (2008) observa que são poucas as discussões existentes no Brasil sobre a fraude acadêmica. Entretanto, ela ocorre de forma reiterada em nossas salas de aula e, embora constitua elemento que distorce o processo de avaliação da aprendizagem, tem sido tratada como um costume socialmente aceito.

Além de implicações pedagógicas, Eckstein (2003), em estudo realizado para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, concluiu que a fraude acadêmica implica ameaças graves para o funcionamento eficiente e para a confiança da sociedade na reabilitação e na segurança de suas instituições.

#### *Cola*

A cola (em inglês: *cheating* – traição/burla) pode ser praticada de diversas maneiras, copiando de outro estudante respostas em avaliações ou provas, utilizando anotações da matéria feitas em papéis que ficam guardados no bolso e são consultados durante a prova, ou mesmo, sussurrando respostas em testes ou avaliações. Segundo Green (2004, *apud*

PIMENTA, 2008, p.67) para que se defina uma ação como sendo traição/burla, são dois os critérios a serem considerados. Em primeiro lugar, “esse ato deve violar uma regra que oriente uma conduta. E em segundo lugar, essa regra, por ser justa, ao ser violada, promove uma vantagem para quem viola”. Porém, de acordo com a autora se houver desconhecimento da regra ou falta de intencionalidade ao praticar o ato, a burla ou traição não se configura, mesmo que o ato cause danos.

Silva et. al. (2006), em estudo sobre a prática da cola entre estudantes universitários do curso de Engenharia de Universidades Públicas de São Paulo, analisou a prática da burla sob a perspectiva da teoria do altruísmo recíproco. Nesta teoria, de acordo com Trivers (1971, *apud* SILVA et.al., 2006, p.02), “o valor adaptativo da ajuda decorreria de uma potencial aliança de trocas pró-sociais: um indivíduo ajuda outro num certo momento, com um custo relativamente baixo, e mais tarde pode receber uma retribuição valiosa”. Sendo assim, apesar de envolver uma transgressão, a prática da cola abrange questões de altruísmo, porque o estudante, ao praticar esse tipo de ação, está reagindo à situação de dificuldade de um colega, procurando atenuá-la e a princípio não visa o interesse próprio. Como envolve uma transgressão, a ação altruísta tem custo. O aluno que "passa a cola" corre o risco de ser descoberto e sofrer consequências negativas, como o rebaixamento de sua própria nota e a perda da confiança do professor.

É pressuposto para a compreensão do problema da cola, que se entenda o processo de ensino-aprendizagem como uma superação da tradicional concepção do ensino como mera transmissão de conhecimento. Compreendemos que a educação envolve inúmeros procedimentos e atitudes que vão além da ideia simplista de que cabe ao professor tão somente a função de repassar a informação e ao aluno captá-la e repeti-la (FREIRE,1996). Para que o ensino torne-se aprendizagem, espera-se que ele possibilite a ocorrência de transformação nos sujeitos, de maneira que, especialmente ao aluno, seja instigada sua capacidade de construção pessoal sobre e além do que aprendeu.

Antunes (2002, *apud* IOCOHAMA, 2007, p. 02) afirma que o "aprender em sala de aula não é apenas copiar ou reproduzir a realidade, eleger modelos e conquistar novas habituações e novos condicionamentos". Mais do que isto, a verdadeira aprendizagem escolar deve buscar desafiar o aprendiz a ser capaz de elaborar uma representação pessoal sobre um objeto da realidade ou conteúdo que pretende aprender, de maneira que seja capaz de construir significados.

*Falsificação de dados de pesquisa*

Este tipo de fraude é identificado por Garschagen (2006) como proveniente de uma “indústria de fraudes”. Para o autor, o que antes podia ser tratado como uma infração individual, atualmente com a ampliação dos aparatos tecnológicos, passou a configurar-se como uma indústria. Paradoxalmente, esse sistema se beneficia dos avanços da eletrônica, da informática e da comunicação para potencializar suas estratégias de fraude. Uma pesquisa simples em sites de busca, prática rotineira de quem procura informações, pode localizar várias ofertas e endereços de sites que se especializaram em comercializar trabalhos escolares. Encontra-se de tudo, desde resolução de listas de exercícios de conteúdos de Matemática até Teses de Doutorado. Para o autor, fatores como a falta de tempo e pressão para produzir trabalhos, contribuem para o número expressivo das fraudes que estão diretamente ligadas ao mercado de desonestidade intelectual, alimentado, sobretudo, pela diversificação tecnológica presente nos meios sociais.

Sem dúvida, o crescimento tecnológico, exige da sociedade contemporânea um preparo para dirigir e acompanhar o desenvolvimento das tecnologias de modo a promover a convergência entre o técnico e o humano, sem desvalorizar, nem sobrepor, nenhuma destas duas dimensões. A tecnologia é um agente de transformação responsável pela criação de novas linguagens e de novos ambientes de comunicação como a Internet, e tem contribuído para alterar as relações do mundo do trabalho, do lazer e o consumo dos sujeitos.

A Internet é vista com preocupação por pesquisadores como Connor (1996, apud BARBASTEFANO e SOUZA, 2007, p.02) que demonstrava há vinte anos, ansiedade com o aparecimento de sites especializados em vender trabalhos acadêmicos. Contudo, é preciso cautela antes de apontar a tecnologia, ou mesmo a Internet como responsáveis pela fraude acadêmica. Acreditamos, que a Internet, pode até potencializar a incidência de fraudes, como é o caso da falsificação de dados de pesquisa ou mesmo do plágio, porém, o maior responsável por essa situação, a nosso ver, é o próprio sujeito que se utiliza desses meios. Não pode a Internet sozinha ser apontada como responsável, até porque ela configura-se como importante instrumento de pesquisa acadêmica e tende a ser cada vez mais valorizada na atual sociedade.

Por este motivo, acreditamos que a divulgação de informações e sistematização da aprendizagem sobre fraude acadêmica, deve ser iniciada nos primeiros anos do Ensino Fundamental, contribuindo para minimizar inclusive, os altos índices de casos de plágio no Ensino Superior e na Pós-Graduação.

O fato é que independentemente da fraude cometida, há que se pensar em avaliar tanto suas causas como seus efeitos, o que significa ir além de apontar responsáveis, seja o sistema

escolar, as exigências do mundo do trabalho, os professores ou a invenção da internet. O aumento da incidência de fraude acadêmica como a cola, falsificação de dados de pesquisa e o plágio, e a ausência de estudos e mecanismos para o enfrentamento desses problemas, precisam ser observados, se quisermos inverter essa situação. Deste modo, ancoramos esta investigação no propósito de discutir a temática e realizar ações de enfrentamento ao plágio na pesquisa.

Acreditamos que professores, alunos, pesquisadores, pedagogos, individualmente ou coletivamente precisam apresentar e executar propostas para minimizar a fraude acadêmica. É preciso incentivar a criatividade, estimulando os alunos para que produzam e ofereçam criações competentes: textos acadêmicos, pesquisas escolares, artigos, monografias e outros. Para alcançar esse intento, é imperioso estudar o processo educativo dentro de um contexto amplo de práticas, que favorecem ou prejudicam a aprendizagem – caso do plágio.

Compreendemos que a aprendizagem é um movimento, longo, complexo e nunca acabado, no sentido de se apropriar (parcialmente) de um mundo preexistente (CHARLOT, 2006). É por meio de suas experiências que a criança toma contato com as muitas maneiras de aprender. Ela pode adquirir um saber específico, compreender um conteúdo intelectual (a Gramática, a Matemática, a História da Arte etc.), pode dominar uma habilidade (como caminhar, amarrar os sapatos, nadar etc.) e pode aprender formas de se relacionar com os outros (saber como cumprimentar as pessoas, ter boas maneiras à mesa etc.). O sujeito é constantemente influenciado por suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Nessa perspectiva, vemos a prática do plágio como um entrave ao processo educativo e, portanto, à Educação, sendo preciso estudá-lo, compreendê-lo e combatê-lo.

Para analisarmos o plágio na pesquisa escolar, buscamos outros conceitos e significados de práticas relacionadas a esta, que apresentamos nos tópicos: Plágio, Direitos Autorais, Pesquisa e Ensino e Pesquisa na Internet.

### 1.1.1 Plágio

O sentido etimológico do termo plágio é citado por Christofe (1996) em sua tese de doutoramento, na qual é discutida a Intertextualidade e o plágio. Segundo a autora, ele está relacionado à expressão grega *plágios/plágion* e pode significar: oblíquo, sinuoso, trapaceiro, astucioso, tortuoso, transversal e

[...] a concepção latina do termo pode ser encontrada na tradição romana no século II a. C. na qual “*plagium*” segundo o Direito Romano, correspondia a um ato criminoso relacionado às fraudes de propriedade nas relações de compra e venda de escravos. O delito consumava-se, quase sempre, sobre escravos libertos pelo

proprietário ou sobre escravos alheios e era caracterizado como crime de corrupção com simulação fraudulenta de propriedade mediado por interesses difusos e realizado de diversas formas, sempre envolvendo apropriação desonesta (CHRISTOFE, 1996, p.20).

Na literatura, o uso do termo *plagium* para identificar a apropriação por outros de textos escritos, é atribuída historicamente ao poeta Marcus Valerius Marcialis (40 a. C – 104 d. C), que em sua época “reivindicou o reconhecimento de sua autoria em um texto que estava sendo apresentado por outro poeta” (CHRISTOFE, 1996, p. 21).

O dicionário brasileiro Houaiss (2009, p.89) define plágio como “ato ou efeito de plagiar; apresentação feita por alguém como de sua própria autoria, de trabalho, obra intelectual etc. produzido por outrem”. Este entendimento é comum ao Novo Dicionário da Língua Portuguesa que considera “assinar ou apresentar como sua obra artística ou científica de outrem. Imitar trabalho alheio” (FERREIRA, 1986, p.1343). Semelhante compreensão é apresentada por Hartmann (2006, p.01) ao afirmar que a “reprodução integral de uma propriedade intelectual e ou artística é denominada plágio”. Rosales et. al. (2008) corroboram o autor ao afirmarem que o plágio é o ato de assinar ou apresentar uma obra intelectual de qualquer natureza, contendo partes de uma obra que pertença a outra pessoa sem que sejam dados os devidos créditos para o autor da obra consultada.

Gomes (1985, p.118) chama a atenção para aspectos econômicos que envolvem esta prática. O autor afirma que plagiar é tão “velho como a literatura”, mas, só começou a incomodar quando “a ideia de uma usurpação literária, associou-se ao fato material de um prejuízo econômico”. Para ele, antes da exploração comercial das publicações literárias, ser copiado por outros autores era motivo de orgulho ao autor copiado, sendo a cópia entendida como homenagem prestada devido ao talento e criatividade do autor. Porém, com a comercialização em larga escala das obras, os autores passaram a se sentir lesados pelo ganho econômico daqueles que lhes usurparam o patrimônio.

O plágio na perspectiva dos estudantes é tratado por Bonette (2006, p. 92), em sua pesquisa de Mestrado, que analisou a formação do aluno pesquisador no Ensino Médio. A autora concluiu que os alunos compreendem o plágio como sendo cópias de textos, livros ou da Internet, sem que sejam feitas as devidas citações. Neste trabalho, foi verificado que um dos motivos que levam os alunos a plagiarem é “a falta de conhecimento e informação” sobre essa prática. Os alunos demonstraram não perceber que são eles mesmos os mais prejudicados ao plagiar, pois perdem a oportunidade de aprender e se aprofundar nos temas estudados na sala de aula.

O plágio se apresenta como um grande desafio às comunidades escolares. Neste sentido os pesquisadores: Vaz (2006); Silva (2008); Cunha (2006); Salomon (2008); Krokosz (2011); Fachini e Domingues (2008); Moraes (2003); Moraes (2007); Abdalla (2005); Avelar (2011); Brito e Purificação (2005); Silva e Domingues (2008), Bonette (2006) e Garschagen (2006) comungam da ideia de que a utilização do plágio por estudantes está cada vez mais frequente, tornando-se um dos maiores problemas de hoje, na vida escolar e acadêmica. Os alunos utilizam da ação de copiar e colar dados e informações, de maneira desordenada e inconsequente. A figura 1 destaca três pontos comuns apresentados pelos autores com relação ao plágio.

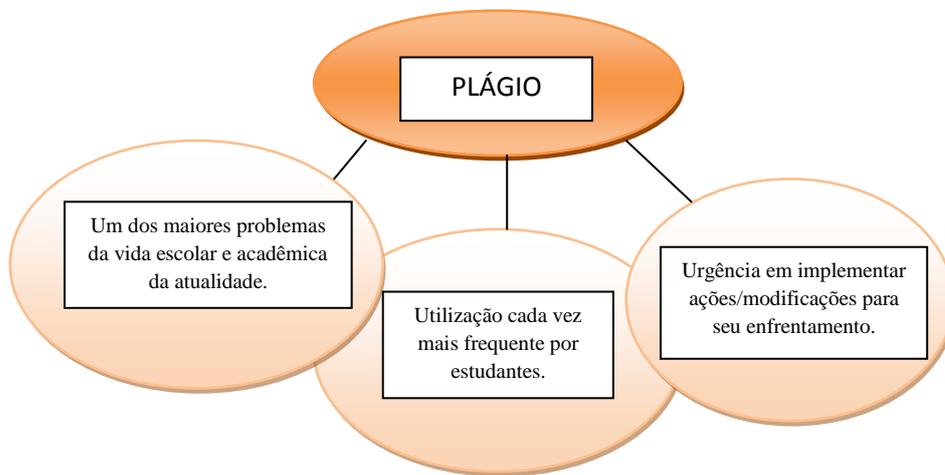


Figura 1 - Plágio  
Fonte: Elaboração própria

A expansão tecnológica e o acesso quase irrestrito a bancos de dados sobre os mais variados assuntos tornou o plágio mais evidente, principalmente no meio acadêmico. Mirow e Shore (1997, apud THOMAS, 2003, p.04) afirmam que:

Tecnologias que alteram dramaticamente a relação leitor/escritor enfraqueceram o sentido de quem é o dono do texto e, assim, exacerbou o antigo problema do plágio, criando novas tentações e riscos. Na educação superior, novas formas de acesso e uso de pesquisas estão desafiando os conceitos aceitos de integridade acadêmica [...] o que propõe vários dilemas para a educação.

Mesmo sendo um assunto de extrema relevância, poucos estudos sobre o plágio foram encontrados nas bases de dados de Universidades e Faculdades Brasileiras. A maior parte do material disponível para consulta refere-se às formas linguísticas em que ele acontece e fazem parte de acervos de áreas de Letras. Porém, vemos o plágio como um problema da Educação, que deve ser considerado nas diversas áreas do saber, principalmente na educacional.

Diante disso, podemos afirmar que é preciso criar mecanismos que facilitem esclarecimentos e informações sobre o plágio e suas consequências na formação ética, moral e intelectual dos sujeitos.

#### **1.1.1.1 Plágio e Direitos Autorais**

Apesar de este trabalho buscar responder questões relativas ao plágio em atividades de pesquisa escolar, acreditamos ser necessário explicar, mesmo que brevemente, aspectos do direito autoral, que está intrinsecamente relacionado a essa prática. Juridicamente os direitos autorais e o plágio são tratados na Lei de Direitos Autorais – LDA - 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. De acordo com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição - ECAD, que é uma sociedade civil, de natureza privada, instituída pela Lei Federal nº 5.988/73 e mantida pela LDA, esta lei é um conjunto de prerrogativas conferidas à pessoa física ou jurídica criadora da obra intelectual, para que ela possa gozar dos benefícios morais e intelectuais resultantes da exploração de suas criações.

Branco (2007, p.124) especifica que o direito autoral é “um ramo da chamada propriedade intelectual”. Para este autor, o direito autoral apresenta duas manifestações distintas, porém ligadas entre si, uma de caráter moral e a outra proveniente de aspectos pecuniários, ou econômicos. Nesta pesquisa, interessou-nos a segunda manifestação, que envolve questões morais e éticas. Isso se deve ao fato de essas questões estarem diretamente relacionadas à formação em valores e a cidadania.

Barbastefano e Souza (2007, p.2) corroboram o autor e veem nos direitos autorais uma forma de “garantir os direitos morais e patrimoniais do autor em relação à obra que criou.” É uma maneira legal de resguardar que somente o autor usufrua dos resultados, econômicos ou morais, oriundos da obra criada, seja ela artística, literária ou científica.

Para o ECAD (2012)<sup>5</sup> os direitos autorais são divididos, em direitos morais e patrimoniais. Os morais são os laços permanentes que unem o autor à sua criação intelectual, permitindo a defesa de sua própria personalidade. Os direitos patrimoniais estão ligados à utilização econômica de obra intelectual, por qualquer processo técnico já existente ou ainda a ser inventado, caracterizando-se como o direito exclusivo do autor de utilizar, fruir e dispor de sua obra criativa, da maneira que quiser, bem como permitir que terceiros a utilizem, total ou parcialmente, caracterizando-se como verdadeiro direito de propriedade garantido em nossa Constituição Federal.

---

<sup>5</sup> Disponível em [www.ecad.org.br](http://www.ecad.org.br), acesso em 02/10/2012.

Ao contrário dos direitos morais, que são intransferíveis, imprescritíveis, inalienáveis e irrenunciáveis, os direitos patrimoniais podem ser transferidos ou cedidos a outras pessoas, às quais o autor concede direito de representação ou mesmo de utilização de suas criações. Sem autorização, portanto, a obra intelectual não poderá ser utilizada sob qualquer forma, e se o for, a pessoa responsável pela utilização desautorizada estará violando normas de direito autoral, conduta passível de medidas judiciais na esfera cível sem prejuízo das medidas criminais (LDA, 1998).

Garzon (2006, p.36) sintetiza o aspecto moral dos direitos autorais como sendo “a expressão do espírito criador da pessoa, como fruto da personalidade do homem na condição de autor de obra intelectual. Já o patrimonial se consubstancia na participação dele nos proventos materiais que da sua obra possam advir”. Consideramos importante que na escola se aprenda a valorizar e respeitar o espírito criador de cada um.

De acordo com a LDA, são protegidos por lei os textos de obras artísticas ou científicas, conferências, composições musicais, ilustrações, obras de desenhos e audiovisuais, as adaptações, traduções e outras transformações de obras originais, apresentadas como obra intelectual nova etc. Isso posto, pensamos na realidade das escolas. Podemos dizer que grande parte do acervo consultado pelos alunos para atividades de pesquisa escolar pertence ao rol de itens protegido por lei. Sendo assim, é imprescindível o estudante entender o que é direito autoral, citação e saber como se faz. Conceitos e procedimentos precisam ser ensinados, para que o estudante consiga fazê-los corretamente.

Nesta perspectiva, podemos falar sobre o direito ao acesso à informação que está diretamente vinculado à Educação. Uma obra protegida por lei pode ser utilizada. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB estabelece como princípios “a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” bem como “o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas”. Porém, reiteramos que o direito ao acesso à informação, não nos exime da responsabilidade de conhecer, compreender e aplicar o disposto em lei específica. O ensino dos direitos autorais nas escolas visa a proporcionar o entendimento da legislação e com isso inibir a prática de atos que infrinjam tal aparato legal, de uma maneira ou de outra, vemos neste processo uma forma de enfrentar o plágio.

#### *Direitos Autorais e Internet*

A Internet é conhecida como campo sem dono, sem proprietário definido. O que está disposto na web, em muitos casos não conta com autoria, qualquer pessoa que tenha um computador e conexão pode acessar as mais diversas informações. De acordo com Oikawa

(2009) os direitos autorais, bem como seus direitos conexos, estão previstos no artigo 5º incisos XXVII e XXVIII da Constituição Federal Brasileira de 1988 e por essa razão esses direitos são considerados fundamentais e com o crescimento dos meios tecnológicos pode-se dizer que sua proteção sofre algumas relativizações, no entanto, não deixa de ser abrangida. Além da conotação dada pela Constituição, o artigo 7 da LDA estabelece a proteção a obras “expressas por qualquer meio, ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro”. Abrangendo a Internet e o material disposto neste ambiente.

Importante dizer que o fato de obras intelectuais (livros, vídeos, filmes, fotos, obras de artes plásticas, música, intérpretes etc.), terem sido digitalizadas não significa que tenham perdido a proteção autoral, continuam não podendo ser utilizadas sem prévia autorização, ou sem a devida citação (FILHO, 1998). Gandelman (1997, p.154) corrobora o autor ao dizer que “a transformação de obras intelectuais para *bits*<sup>6</sup> em nada altera os direitos das obras originalmente fixadas em suportes físicos”.

De fato, independentemente se o material está publicado na Internet ou em qualquer outro meio, os direitos do autor devem ser considerados. E nas escolas, ambiente no qual a utilização de material da Internet tem se configurado em prática comum pelos estudantes, é fundamental o respeito à produção de terceiros não no sentido de coibir, dificultar ou desvalorizar esse material, mas sim, oportunizando ao estudante informações sobre o uso correto deste material. É preciso ensinar e cobrar dos discentes que mencionem autores, sites, data em que o texto estava disponível na página da web e outras informações conexas ao material. Esta é uma das maneiras de se evitar o plágio na pesquisa.

### 1.1.1.2 A Produção Acadêmica sobre Plágio

Krokosz (2011) afirma que no Brasil a pesquisa acadêmica e o debate sobre o plágio ainda são incipientes, embora haja contribuições sobre o tema. Para relacionar produções que investigaram o plágio, buscamos trabalhos nos sites de Universidades Federais e Estaduais Brasileiras e no banco de dados eletrônico da Scientific Electronic Library Online - *Scielo*. Elegemos como parâmetro para seleção o material haver sido publicado nos últimos 20 anos e versar sobre o plágio na Pós-graduação, na Graduação e no Ensino Fundamental. Escolhemos

---

<sup>6</sup> Os computadores "entendem" impulsos elétricos, positivos ou negativos, que são representados por 1 ou 0. A cada impulso elétrico damos o nome de **bit** (*BInary digiT*). Um conjunto de 8 bits reunidos como uma única unidade forma um **byte**. Fonte: <http://www.infowester.com/bit.php>, acesso em 25.09.2012.

seis trabalhos que estão descritos resumidamente no próximo tópico. Nossa intenção foi conhecer como a prática do plágio foi tratada nestas pesquisas.

### *Plágio no Ensino Superior*

A pesquisa de Silva e Domingos (2008) realizada com 87 alunos de uma IES, no Oeste do Paraná, em turmas de Pós-Graduação, coletou dados por meio de questionários, tratou-se de uma pesquisa descritiva, que expôs as características dos inquiridos, suas opiniões e compreensão sobre o plágio. Questionou-se a maneira assertiva de se fazer paráfrases e citar trechos de obras. Os alunos puderam assinalar alternativas que julgassem estar corretas para os casos em que a reprodução é permitida. Neste item, 74,7% dos respondentes marcaram pelo menos uma das opções corretamente, comprovando que naquela IES a maioria dos estudantes demonstrou compreender o que é plágio.

Os autores investigaram o uso de materiais da Internet. Foi perguntado aos alunos se eles foram estimulados durante o Ensino Médio, Superior e/ou na Especialização a utilizar textos da Internet e colocá-los em seus trabalhos. Dos 87 respondentes, 56% afirmaram ter sido estimulado, enquanto 43,7% disseram o contrário. Perguntou-se também sobre Direitos Autorais, inquirindo se algum professor deu orientações sobre tais direitos ou sobre a LDA antes de pedirem pesquisas ou produções de artigos. O percentual de 71,3% dos acadêmicos disse nunca ter recebido orientações sobre a LDA e o plágio. A pesquisa comprovou que a maior parte dos estudantes, apesar de identificarem o que é plágio, afirmaram não haver recebido informações sobre essa prática durante sua formação escolar, o que incluiu o ensino superior. Baseado nessa constatação, nossa ideia de que o plágio não é um assunto abordado nas instituições escolares foi reforçada.

Fachini e Domingues (2008) buscaram identificar a percepção do plágio entre 65 alunos de programas de Pós-graduação em Administração e Ciências Contábeis de uma Universidade da região Sul do Brasil. A metodologia usada pelos autores constituiu-se de uma pesquisa descritiva, com levantamento de dados por meio de questionário estruturado e abordagem quantitativa. Como resultado, verificou-se que 89% dos acadêmicos apontaram o plágio como sendo um crime e 75% admitiram não saber utilizar corretamente os recursos de citação direta e indireta. Apurou-se que conceitos mais específicos, como domínio público, são desconhecidos para 68% dos respondentes. Os autores afirmaram que o conhecimento manifestado pelos estudantes sobre o plágio é basicamente oriundo do senso comum, não apresentando qualquer relação com possíveis orientações recebidas em sala de aula.

Fazendo um paralelo entre as duas pesquisas citadas, podemos dizer que elas têm em comum o fato dos alunos afirmarem que eles não receberam em sala de aula, orientações sobre plágio. A maior parte dos discentes disse que plagiar é algo incorreto, porém, ao serem perguntados sobre o conceito de plágio e formas adequadas de utilização de conteúdos produzidos por outros autores, eles demonstraram despreparo e falta de conhecimento.

Buscando identificar procedimentos adotados por IES para enfrentamento do plágio, Krokosz (2011) efetuou um levantamento utilizando a metodologia de revisão da literatura. O autor analisou documentos constantes nas *home pages* de várias instituições espalhadas pelo mundo e selecionou três universidades de cada um dos cinco continentes e do Brasil. A escolha deu-se com base no ranking do Webometrics Ranking of World Universities (Cybermetrics Lab, 2009)<sup>7</sup>. As ações encontradas foram elencadas em quatro categorias: Institucionais, Preventivas, Diagnósticas e Corretivas.

Entre as Medidas Institucionais encontradas, estava a disponibilização de conteúdos exclusivos nas páginas das instituições tratando sobre o plágio, além de guias e manuais. Na categoria de Medidas Preventivas figuraram ações de esclarecimentos da comunidade educativa como definição e/ou caracterização do plágio; documentos de professores, conferências, workshops etc.

No grupo das ações Diagnósticas, todas as Universidades dispunham ou indicavam softwares de detecção do plágio. E como Medidas Corretivas apareceram práticas como a descrição do plágio nos códigos institucionais (Código de Honra; Código de Ética etc.) e penalizações como advertência, suspensão e expulsão.

Analisando separadamente as universidades brasileiras selecionadas, Krokosz (2011) verificou que a quantidade de ações de abordagem sobre o plágio em suas *home page* é menor se comparada às demais universidades que participaram do estudo. Não foram encontradas ações institucionais sobre o assunto e não foi possível identificar por meio da busca, medidas claras como regras, acompanhamento e penalização em relação à constatação de ocorrência de plágio em trabalhos acadêmicos, o que foi comumente encontrado nas demais IES. Diante do exposto, podemos afirmar que no Brasil, nas IES pesquisadas, foram encontradas deficiências relacionadas à divulgação de informações sobre o plágio, que vão da pouca publicação sobre o assunto, até a inexistência de instrumentos que abordem o tema.

---

<sup>7</sup> O ranking é uma iniciativa do Cybermetrics Lab, grupo de pesquisa do Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC) da Espanha. O Webometrics afere a presença e relevância na internet, ou seja, a visibilidade da produção científica e acadêmica disponível na rede. Fonte: <http://agencia.fapesp.br/16002>, acesso em 29/10/12.

Barbastefano e Souza (2007) investigaram quais são as percepções sobre plágio e direitos autorais de graduandos do curso de Engenharia de Produção do Cefet-RJ. Os autores utilizaram questionários tipo *survey* que foram respondidos por alunos do 1º e do 5º ano do curso. Foi perguntado se eles tinham sido estimulados a colocar textos da Internet em trabalhos acadêmicos no Ensino Básico e se receberam orientações sobre Direitos Autorais ao longo de sua formação. Verificou-se uma situação semelhante à descrita por Silva e Domingues (2008) e Fachini e Domingues (2008), pois 85% dos participantes afirmaram que não receberam orientações dos professores sobre direitos autorais e plágio e 65% afirmou ter sido estimulado a utilizar textos da Internet e colocá-los em seus trabalhos.

De forma geral, a falta de informação sobre plágio esteve presente nas quatro pesquisas citadas. Isso nos leva a inferir que mesmo neste nível de ensino os alunos não foram orientados sobre o plágio. Acreditamos que somente a informação não resolve o problema da prática do plágio, mesmo porque, conforme apontado pela literatura, plagiar é uma realidade que está integrada historicamente ao hábito de produção intelectual. Contudo, medidas de enfrentamento são necessárias para que esse problema seja minimizado.

#### *Plágio no Ensino Fundamental*

Para Martucci et.al. (2000, p. 1), "há quase três décadas, a pesquisa escolar foi incorporada ao Ensino Fundamental e Ensino Médio como uma metodologia de ensino voltada à ampliação e enriquecimento dos conteúdos curriculares". De fato, a pesquisa escolar assume uma importante função na educação que é a de preparar os estudantes para agir ativamente diante do saber adquirido, participando da construção do conhecimento que ele agrega aos poucos, durante sua trajetória escolar.

No processo de pesquisa escolar, de acordo com Demo (1997, p.99) "não se produz ciência, como a entendemos academicamente, mas produz-se saber, entendido como consciência crítica, através da reconstrução do conhecimento e evidenciando autonomia crescente". Neste sentido, a preocupação de professores e administradores educacionais, deve voltar-se para os caminhos pelos quais os alunos transitam para transformar a informação facilmente encontrada em livros, periódicos, revistas e na Internet, em conhecimento. Quando o estudante consegue executar essa ação, ele porta-se como um pesquisador.

Bonette (2006) afirma que ser pesquisador exige que na produção do conhecimento alguns requisitos sejam levados em conta. Professor e aluno precisam dominar ações como planejar, desenvolver a aplicar métodos e técnicas. Isso exige ensino, estudo e prática, caso contrário a pesquisa pode até dificultar a aprendizagem. O estudante deve utilizar as

informações encontradas nos diversos meios, impressos ou virtuais, de maneira ética, e neste sentido percebemos a participação do docente como fundamental, instruindo, informando e cobrando do aluno que não incorra no plágio. Os autores pesquisados afirmam que o plágio na pesquisa além configurar-se prática comum, tem se agravado nos últimos tempos.

Campello et. al. (2000) investigaram o plágio entre alunos do Ensino Fundamental. A pesquisa de campo envolveu 372 alunos da 1ª a 8ª séries<sup>8</sup>, com idades entre 7 e 16 anos, de oito colégios da rede particular de Belo Horizonte/MG. Buscando verificar de que maneira os estudantes estavam apresentando em suas pesquisas escolares, dados retirados da Internet, foi indagado a eles, os procedimentos adotados na apresentação dos trabalhos. Levantou-se três níveis de ações, que foram estruturadas da seguinte forma: Nível 1: imprime as páginas e entrega do jeito que aparecem; Nível 2: copia, recorta, cola e imprime; Nível 3: lê, resume e digita as informações.

O número de alunos que declararam apresentar seus trabalhos nos níveis 1 e 2 (44,9%) foi praticamente igual ao do nível 3 (44,3%). Esses dados evidenciaram dois tipos de plágio categorizados por Ramos (2006, apud GARSCHAGEN, 2006, p.02), o nível 1 indicou a prática do plágio integral, quando o aluno copia totalmente o material pesquisado, assina e entrega ao professor como se de sua autoria fosse. Os níveis 2 e 3 corresponderam ao plágio parcial, no qual o estudante faz um mosaico de dados, copiando trechos de vários autores, resumindo algumas partes, utilizando ideias e conceitos, sem no entanto citá-los, montando um texto único e por fim, entregando ao docente. Podemos dizer que neste caso, neste nível e com estes sujeitos a prática do plágio é comum. Não foram descritas pelos alunos nenhuma ação em que a citação das fontes consultadas tivesse sido feita.

Costa (2012) investigou o plágio entre alunos dos anos finais do Ensino Fundamental em três escolas do sistema municipal de ensino. Participaram 48 estudantes de duas turmas. Os questionários aplicados nas turmas revelaram que, para 100% dos alunos, a palavra plágio é desconhecida. Inquiridos se já foram incentivados pelos professores a usar textos da Internet em suas pesquisas, 73% dos estudantes disseram que Sim e 27%, Não. Perguntados se citavam os autores destes textos, 51% afirmaram que não fazem nenhuma espécie de menção a fonte ou autor pesquisado, os demais alunos não responderam. Os estudantes disseram que não foram informados sobre a necessidade de citar em suas pesquisas as fontes pesquisadas (95%).

---

<sup>8</sup> Após a publicação da Resolução 1086/2008 da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, a nomenclatura usada correspondente a 1º e 8º séries, passou a ser 1º ao 9º ano do ensino fundamental, respectivamente.

Portanto, as pesquisas demonstraram que a ocorrência do plágio é percebida no Ensino Fundamental e também no Ensino Superior. Os estudantes manifestaram falta de conhecimento sobre essa prática, concomitante a ausência de orientação por parte dos professores que solicitam as atividades de pesquisa. Os dados sinalizam que são necessários estudos buscando formas eficazes de resolver o problema. A nosso ver, essas ações passam necessariamente pela informação sobre o assunto.

### **1.1.1.3 As dimensões do Plágio**

Costa (2012) apresentou três dimensões do plágio. Para a autora os estudantes antes de plagiarem sofrem influências de aspectos sociais, culturais e atitudinais. Na primeira dimensão, sócio-cultural, nos chamou atenção a relação entre o desenvolvimento tecnológico presente na sociedade e os efeitos que este exerce sobre o comportamento das pessoas. Neste sentido, percebemos duas vertentes, de um lado a prática do plágio como algo presente e do outro os efeitos de um processo social de globalização que faculta possibilidades para se plagiar, levando em consideração o desenvolvimento dos meios nos quais circulam informações e dados. É preciso observar e estudar essa situação refletida especialmente nos estudantes, cuja formação acadêmica e ética está em processo de desenvolvimento e, portanto, sujeita a influências.

A segunda dimensão é a pedagógica e está relacionada com as práticas vivenciadas em sala de aula. Para a autora, os estudantes chegam despreparados nos anos finais do Ensino Fundamental, sendo possível que a produção acadêmica não faça parte da vida hodierna dos estudantes brasileiros.

É preciso levar em conta este e outros fatores que influenciam pedagogicamente os alunos, porém não podemos ignorar o fato de que existem dificuldades de aprendizagem neste e em outros níveis de ensino. O Relatório de Monitoramento da Educação para Todos Brasil 2008 da UNESCO, atestam que baixos resultados do Ensino Fundamental podem ser atribuídos a vários fatores, dentre eles:

A infraestrutura das escolas, formação e valorização dos professores, gestão da escola e do sistema de ensino, entre outras. Sobre a infraestrutura, o Censo Escolar de 2006 mostrou que metade dos alunos brasileiros (50,5%) estuda em escolas que não possuem biblioteca. Quanto à formação dos professores, no caso das quatro primeiras séries, quase metade dos postos docentes (47,3%) são ocupados por professores que não possuem sequer licenciatura. Nas quatro últimas séries, esse percentual é de 19,6%, tratando-se nesse caso de grau de formação abaixo daquele legalmente exigido (UNESCO, 2008, p.28).

Dados do Censo Escolar 2010 e da Prova Brasil 2009 apresentados no Relatório de Metas do Programa “Todos pela Educação” do Ministério da Educação – MEC<sup>9</sup>, mostraram que dos jovens que chegam ao Ensino Médio no país, metade não o concluem. E entre os que vão até o final, 90% não aprendem o mínimo necessário. Em números no Brasil em 2010, havia 9,4 milhões de jovens brasileiros entre 14 a 17 anos, destes estavam matriculados no Ensino Médio 8,4 milhões, porém, o percentual dos que concluíram foi de 50,2%. E destes últimos, aproximadamente metade não demonstraram o conhecimento esperado, de acordo com os padrões especificados pelo MEC.

Esse contexto requer mudança de comportamento e de embasamento pedagógico. Analisando a dimensão pedagógica do ponto de vista de sua multiplicidade, complexidade e pluralidade, percebemos que ela é algo que exige recursos que vão além da inteligência. A expressividade numérica, apresentada no quadro acima, impõe a necessidade de rever as atuais condições estruturais e pedagógicas vivenciadas em sala de aula, para que se efetive a construção coletiva do conhecimento.

A terceira dimensão diz respeito às inclinações orientadoras da seleção e da tomada de atitudes, portanto, “atitudinais”. Está vinculada a maneira como os estudantes se posicionam diante do que lhes é apresentado. Seus contornos apontam para a ação e dizem respeito às posturas dos estudantes frente ao que é considerado correto ou não. Ao pensarmos em escolhas e ações no cenário da Era da Informação<sup>10</sup>, assim chamada por Freire (2008, p.52) para designar o “mundo no qual usando *logins* e *passwords*<sup>11</sup> se abre um número significativo de possibilidades de acesso a informação”, nas áreas do lazer, do entretenimento ou mesmo da Educação, percebemos que atualmente os sujeitos são instigados a se posicionarem e a reverem suas posições rapidamente.

Um exemplo de adequação pode ser percebido em decorrência das competências exigidas pelo atual mundo do trabalho, a pessoa que há 20, 30 anos atrás sequer datilografava, aprendeu a usar teclados e mouses. Trabalhadores acostumados a manusearem papéis e livros,

---

<sup>9</sup> De acordo com dados do MEC, o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação é a conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, em regime de colaboração, das famílias e da comunidade, em proveito da melhoria da qualidade da educação básica. Os sistemas municipais e estaduais que aderirem ao Compromisso seguirão 28 diretrizes pautadas em resultados de avaliação de qualidade e de rendimento dos estudantes. Fonte: [www.mec.gov.br/arquivos](http://www.mec.gov.br/arquivos), acesso em 26/09/2012.

<sup>10</sup> Freire (2008) chama de “Era da Informação” este cenário no qual “a sociedade contemporânea está mergulhada em um caudaloso fluxo comunicacional” (FREIRE, 2008, p.17).

<sup>11</sup> Login (derivado do inglês *log in*, sendo por vezes também utilizada a alternativa *log on* e de forma menos comum: *sign in*) define o processo através do qual o acesso a um sistema informático é controlado através da identificação e autenticação do utilizador através de credenciais fornecidas por esse mesmo utilizador. Essas credenciais são normalmente constituídas por um Nome de Utilizador ou apenas Utilizador (do inglês *username*) e uma Palavra-passe ou Senha (do inglês *Password*) - ocasionalmente, dependendo de sistemas menos complexos, apenas pedida a Senha. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Login>, acesso em 28/09/2012.

tiveram que lidar com computadores e impressoras e tomar atitudes voltadas à aquisição de habilidades básicas para lidar com novas ferramentas de trabalho. O mesmo acontece com relação às pesquisas escolares. Antes da Internet, os alunos tinham como referência de material de consulta os livros, revistas, jornais, gravações etc. Hoje além destes, os estudantes podem usar os recursos dos computadores, da Internet, dos sites e outros. E diante destas novas formas de se pesquisar é que os estudantes precisam aprender como agir.

A Educação assume papel importante na formação da postura do aluno frente a esse mundo novo. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, em sua parte introdutória (PCN, 2001, p. 107), estão listados objetivos gerais para o Ensino Fundamental, que determinam que os alunos, entre outras competências, sejam capazes de, posicionarem de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Acreditamos que todos esses objetivos podem ser alcançados se a pesquisa for inserida no cotidiano escolar. Esse processo é um desafio, pois visa preparar o aluno para enfrentar o seu trabalho e, futuramente, os desafios da vida acadêmica. E nesse contexto de relações sociais e culturais, chamamos a atenção para a importância dada à inserção dos sujeitos numa realidade aparentemente invisível, em busca do acesso pleno e em tempo real. É a geração do ciberespaço que, de acordo com Lévy (2003, p.17):

[...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo significa não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A geração de estudantes, contemporânea ao ciberespaço, forma um conjunto de indivíduos que dispõe de meios diferenciados para executar as tarefas escolares, inclusive as pesquisas. Esses alunos se deparam com situações corriqueiras de busca e compilação de informações e lhes cabe definir quais atitudes tomar diante de um número expressivo de

informação. Segundo Costa (2012), esses jovens afirmam que citar os autores dos textos pesquisados é importante e que os créditos devem ser atribuídos, no entanto, no momento de externarem esse reconhecimento eles não o fazem.

Importa-nos compreender então, por que motivos esses alunos ignoram os autores, assumindo conscientemente ou não a propriedade de algo que não foi idealizado por eles e por que os estudantes adotam essa postura.

A visão de Bauman (2007) nos ajuda a entender que no mundo em vivemos é preciso correr o máximo para permanecermos no mesmo lugar. As mudanças rápidas e radicais que aconteceram nas últimas décadas e continuam acontecendo, nos desnorream. Para este autor, estando em sociedade é fundamental desenvolver a capacidade de aprender, porém, mais depressa a de se esquecer rapidamente o que se aprendeu. Nesse ambiente líquido moderno, no qual ocorrem mudanças de maneira rápida e estas agem sobre seus membros num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir, “A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo” (BAUMAN, 2007, p.7). A educação e a aprendizagem permanecem em permanentes e inconclusas transformações.

Neste sentido, orientar os estudantes sobre o plágio e os reflexos nocivos desta prática na formação intelectual e moral dos mesmos, requer sistematização e persistência, não bastando tratar o assunto com superficialidade. É preciso repetir reiteradas vezes e em cada uma delas, adequá-las ao contexto atual ou o mais próximo possível dele. Caso contrário, continuaremos a assistir o aumento de práticas fraudulentas e de acusações vazias, de um lado joga-se a culpa no professor, do outro, no aluno. Romancini (2007) afirma que é preciso mudar esta concepção que busca por culpados e observar que o aluno sem dúvida é a pessoa mais prejudicada pelo plágio, porque dentre outros danos, ao plagiar ele deixa de aprender. Ao utilizar-se de ideias alheias que talvez nem mesmo ele concorde, o estudante perde a oportunidade de se expressar e de produzir suas próprias ideias.

## **1.2 Pesquisa e Ensino**

No processo de busca do conhecimento, o saber e os fatos vivenciados pelos indivíduos no cotidiano de suas ações se integram e entrelaçam. Isto quer dizer, que não existe um saber separado das condições mesmas de sua produção, ou seja, de sua vivência. Segundo Splitter (1999, p.11) na relação escolar “de fato, os estudantes, professores, pais e administradores, contribuem para ela com suas próprias perspectivas, culturas, convicções e

valores, que em suma, constituem sua própria ‘visão de mundo’ – além daquilo que adquirem da educação em si, para dar sentido as suas experiências e vidas”.

O saber é compreendido não como um dado estanque que pode ser apreendido, mas como algo que se constrói em comunidade. Portilho e Almeida (2008) investigando sobre avaliação, aprendizagem e ensino com pesquisa, afirmam que a própria história da humanidade revela um processo contínuo de construção e reconstrução histórico-cultural do conhecimento. Para as autoras, desde os primórdios da civilização, a fim de garantir sua sobrevivência, o homem sentiu a premente necessidade de buscar e compartilhar conhecimentos, precisando contar com a intuição, a experimentação, a contemplação, a observação, as analogias, o raciocínio, e assim, resolver os problemas que iam surgindo. Necessitava ainda buscar explicações para os fenômenos. O conhecimento, nesse sentido, responde a uma necessidade humana de situar-se diante do mundo, a fim de deixá-lo em condições de habitabilidade, de moradia.

O contexto social, econômico e tecnológico, impõe às instituições escolares o grande desafio de atender as recentes demandas. Se antes da revolução tecnológica, já era difícil, depois ficou ainda mais complicado. Para Delcin (2005, p.59) “vivemos em um período de desconstrução de teorias”. O modelo tradicional de educação, baseado na reprodução do conhecimento, passou a ser questionado e novas metodologias precisam ser pensadas, para dar conta da complexidade contemporânea. Diante disso, as instituições que se mantêm adeptas da cultura da reprodução, estão com dificuldades em lidar com tanta informação, que se junta, aglomera e se espalha com muita velocidade. Então, nesse ambiente, como professores e alunos precisam agir diante dessa versão de conhecimento que precisa ser revisto, ressignificado e reconstruído constantemente?

Para Garcez (2009, p.42) a resposta a essa pergunta está “com os que atuam na escola, pois diz respeito à percepção que têm em torno de como se pode construir um ambiente educacional questionador, ou seja, de como se pode educar pela e com pesquisa”. Alguns teóricos como Demo (1997), Delcin (2005) e Campello et.al. (2000) comungam da ideia de que o ensino com pesquisa é eficiente e válido. Esses autores defendem um ensino investigativo. O aluno, ao investigar determinado problema, assume a postura de busca, portanto, algo novo pode ser encontrado e essa novidade será construída no desenvolvimento do processo de procura. Desta forma, podemos dizer que a aprendizagem passa a ter significado para o indivíduo.

A aprendizagem significativa permeia a construção do conhecimento “que alia teoria e prática. Ela considera os contextos a cada nova problematização, portanto o já referido senso

comum” (GARCEZ, 2009, p.43). É uma ação sempre inacabada, pois quando se encontra algo, deste algo, já pode ser vislumbrado novas ramificações e destas, novos conhecimentos e aprendizados. Acreditamos que é por intermédio da pesquisa que a escola tem a oportunidade de promover uma aproximação da realidade vivida pelos estudantes e as muitas teorias ministradas nas salas de aula.

De fato, a educação ocorre associada ao contexto social, então, o ensino pautado basicamente no material disponível nos livros didáticos, que não amplia informações e não estabelece relação com a vida, dificulta ao aluno que manifeste seu ponto de vista sobre o que estuda. A escola na sociedade contemporânea, precisa dar conta de estreitar a troca de saberes, propiciando ao aluno que confronte informações, retire dados, manipule, apresente, reúna e aprenda a tirar conclusões, levantando dúvidas novas ou antigas, exprimindo seu ponto de vista de maneira crítica. Assim, ela poderá garantir a todos uma formação de qualidade. A nosso ver a pesquisa escolar está no rol das atividades que podem proporcionar essa vivência.

Essa nova forma de ensinar não é fácil para os professores acostumados ao papel de transmissores do que conhecem bem. Mas, nesta nova realidade social que estamos vivendo, é preciso fazer com que os alunos deixem de se alimentar somente do que está pronto nos livros didáticos ou do que oferece o professor. O ensino com pesquisa potencializa o interesse dos estudantes pela aula, porque de certa maneira, lhes é dada oportunidade para falar sobre o que buscaram, apresentando informações, emitindo pareceres, questionando resultados e contribuindo para o desenvolvimento das aulas. Os alunos tornam-se coautores do seu currículo escolar. Mas, nem todo tipo de pesquisa dará esse resultado. O ensino com pesquisa é algo complexo. De acordo com Choo (2003, p.89) pesquisar envolve o “entrelaçamento de reações emocionais, geradas na busca pela informação”. O contexto, o planejamento, o tempo para construir respostas, a cognição, a avaliação e a aprendizagem, tem reflexos imediatos no emocional e na aprendizagem final do aluno.

Garcez (2009) tratando sobre a pesquisa em sala de aula, explica que comumente essa atividade pode ser mais objetiva, ou não, dependendo do resultado que o professor espera que o aluno alcance. Além disso, a pesquisa pode ser mais elaborada ou não, de fácil realização ou mais difícil, exigir consultas mais detalhadas ou buscas superficiais. Sua apresentação pode ser oral, gestual, plástica, escrita, por maquetes, representações teatrais etc. Porém, a autora afirma que independentemente da maneira eleita para busca e publicação do resultado, para que a pesquisa adquira concretude é “necessário que o aluno saiba ler e interpretar e receba a partir da sala de aula, orientação quanto a sua realização” (GARCEZ, 2009, p.44).

Existem muitas possibilidades para o desenvolvimento e seleção de uma pesquisa, todavia, na nossa investigação, buscamos indicar uma espécie dessa atividade cujo objetivo volta-se para o estudo a partir do levantamento bibliográfico, incluindo neste processo análise e interpretação de dados para posterior apresentação escrita. Acreditamos que este tipo acontece com maior frequência nas escolas. Investigamos a pesquisa escolar que pede um texto escrito, porque é através dela que podemos evidenciar os níveis de leitura e escrita dos alunos, a presença ou não de reflexão e criticidade na elaboração do trabalho, a falta de orientação, a cola e o plágio: reclamações comuns dos professores.

### **1.2.1 A Pesquisa enquanto prática pedagógica**

A palavra “pesquisa” tem origem no latim com o verbo “perquirir”, que significa procurar; buscar com cuidado; procurar em toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca (BAGNO, 2007). Esse autor afirma que a pesquisa faz parte do nosso cotidiano, tanto que a executamos rotineiramente, inclusive quando comparamos preços, marcas, ou antes, de tomarmos decisões. Ela está presente também no desenvolvimento da ciência, no avanço tecnológico, no progresso intelectual de um indivíduo. “A pesquisa é, simplesmente, o fundamento de toda e qualquer ciência” (BAGNO, 2007, p. 18). Sem pesquisa, grandes invenções e descobertas não teriam acontecido.

Demo (1997)<sup>12</sup> define o termo que nominamos, no decorrer desta investigação, como pesquisa escolar, pesquisa enquanto prática pedagógica ou simplesmente como pesquisa. Para o autor a pesquisa escolar é tratada como pedagogia, como modo de educar e não apenas como construção técnica do conhecimento.

Corroboramos o autor, compreendendo que pesquisar refere-se à ação de buscar solução a algo problematizado na sala de aula, que foi originalmente levantado em determinado conteúdo e que cabe no contexto social dos estudantes. Pesquisar é algo que deve transcender a técnica e recair sobre o campo do raciocínio crítico. Este tipo de atividade é geralmente feita pelos alunos por solicitações dos professores ou quando estão previstas nas apostilas e livros didáticos adotados pelas instituições.

Demo (1997) defende a busca por um equilíbrio entre teoria e prática de pesquisa, objetivando recriar uma atividade que ultrapasse os muros da academia e da sofisticação instrumental. Dessa maneira percebemos uma contraposição voluntária ao que ele chama de

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Pedro Demo ao site Educacional. Nesta entrevista ele fala sobre a pesquisa e o conhecimento reconstrutivo, site: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0035.asp>, acesso em 30/07/2012).

ditadura exclusiva do professor-ensina-e-o-aluno-aprende, pois para ele a passividade tende a reduzir os alunos a simples objetos e exaltar o professor como autoridade acabada. Sem desfazer dos momentos em que cabe o aprender, no sentido de internalizar os conhecimentos sistematizados pela humanidade, o autor ressalta que, para a pesquisa como princípio educativo, o contexto deve ser a base da autonomia emancipatória<sup>13</sup>. Sob esse prisma, o aluno deixa de ser mero receptáculo do saber transmitido pelo professor, podendo constituir-se em seu colega de trabalho, parceiro de descobertas ou mesmo descobridor sozinho e não solitário, pois essa prática implica na orientação docente feita com base no questionamento reconstrutivo<sup>14</sup>.

A pesquisa enquanto modo de educar pode ser usada tanto na Universidade quanto na Escola. E precisa pautar-se em quatro pilares:

- 1) a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica; 2) o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política, é o cerne do processo de pesquisa; 3) a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno; e 4) a definição de educação como processo de formação da competência histórica e humana (DEMO, 1997, p. 5).

Entendemos que, preferencialmente, a educação pautada nestes pilares, propicia que se desenvolva no cidadão a autonomia, a reflexão crítica e a singularidade.

### *Pesquisa e Conhecimento*

Demo (1997, p.94) propõe a pesquisa como “estratégia fundamental de aprendizagem reconstrutiva e da gestação da autonomia do sujeito, para que possa produzir conhecimento do qual seja a referência central”. O autor lembra o papel do professor, mostrando que a pesquisa como princípio educativo precisa ser orientada e adverte que “no início todo aluno copia”, porque é o modo de iniciar, em seguida e sob a orientação do docente, passa a ver que reproduzir nada acrescenta, põe-se então a elaboração própria à medida que pesquisa sistematicamente.

Para Martins (2007) trabalhar com pesquisa desde as séries iniciais é uma maneira de evitar situações que muitas vezes ocorrem ao final de cursos acadêmicos de especialização, ou

---

<sup>13</sup> A autonomia emancipatória para o autor refere-se à importância estratégica do professor na sociedade e à economia da informação. O professor assume, o papel de mediador de informações, possibilitando o desenvolvimento de uma visão crítica e a emancipação, ou seja, viabiliza a “capacidade de confronto, quebra da ordem vigente considerada impositiva e injusta”. Disponível em <<http://www.anped.org.br>. Acesso em: 28/09/2012.

<sup>14</sup> O autor justifica o uso do termo reconstrutivismo, porque segundo ele, normalmente as pessoas não produzem conhecimento totalmente novo e sim elas partem do que está construído, disponível, do conhecimento que está aí diante de nós e o refazemos, reelaboramos. Para ele o termo reconstrução é muito mais realista e seu foco está na procura de soluções para os problemas e questões lançadas nas salas de aula. Fonte: <<http://www.anped.org.br>. Acesso em: 28/09/2012.

mesmo de cursos regulares universitários, quando o estudante se vê incapaz de realizar monografias, relatórios de estudos e outros trabalhos. Afirma também que, ao orientar a criança a utilizar métodos científicos no estudo e na investigação, leva-o a reflexão sobre problemas da vida e a investigá-los pela observação.

Machado et.al. (2009, p. 40), chamam a atenção para a relação entre pesquisa e conhecimento ao afirmarem que:

A pesquisa possibilita a construção e transmissão de novos conhecimentos, de forma inédita, sem a repetição de algo que já foi descoberto e escrito, anteriormente, por outro pesquisador. É por meio da atividade de pesquisa que se constrói o conhecimento, e este está disseminado de forma diretamente ligada à aprendizagem.

Esses novos aprendizados permitem ao aluno expandir seu conhecimento sobre os assuntos de seu interesse, desenvolver raciocínio crítico sobre os temas e motivá-lo para o desenvolvimento de uma pesquisa. A pesquisa do aluno pode ser chamada, conforme fazem Portilho & Almeida (2008), de pesquisa escolar quando representada por relevantes instrumentos metodológicos de ensino e aprendizagem sendo que “sua utilização induz ao desenvolvimento de competências e habilidades indispensáveis à formação do educando. Sua prática permite que o aluno aprenda ao transformar informação em conhecimento. (PORTILHO & ALMEIDA, 2008, p.19).

Os autores Barbosa (2009); Tágata (2008); Rocha (2007); André (2001); Campello et.al. (2000); Garcez (2009); Demo (1997) e Mattos e Castanha (2009) consideram que a pesquisa é aplicada pela maioria dos professores como uma atividade secundária dentro do processo de ensino aprendizagem, sendo-lhe atribuído um caráter reducionista, no qual, no qual não é avaliada a criticidade da produção textual elaborada pelos alunos. A figura 2 sintetiza os pontos convergentes entre estes autores.

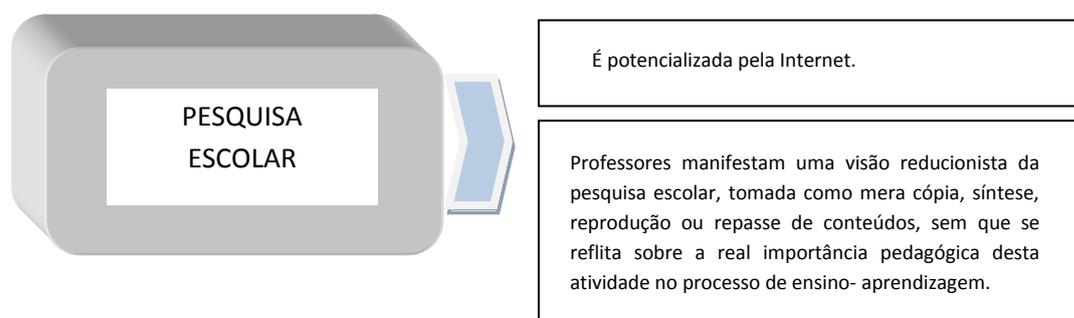


Figura 2 - Pesquisa Escolar

Fonte: Elaboração própria

Mattos e Castanha (2009) afirmam que a realidade na maioria das vezes encontrada é a de que no momento em que o aluno se depara com trabalhos de pesquisa escolar, se vê frente a uma situação conflituosa e, por falta de orientação, sem saber como fazer e onde encontrar materiais sobre o tema solicitado, simplesmente deixa de fazer ou apresenta cópias fiéis de partes de obras ou recorte e cola trechos de textos da Internet, apenas para receber nota, sem consciência do plágio cometido e, muitas vezes, nem lê o que entrega ao professor.

Neste sentido é preciso avaliar até que ponto as atividades de pesquisa, do modo como estão sendo encaminhadas e elaboradas por estudantes, contribuem para seu processo formativo. Além do mais, há que se pensar em qualificação dos professores para lidarem com estas atividades de forma profícua. Acreditamos que a pesquisa em sala de aula pode se tornar uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, oportunizando momentos de investigação, discussão e valorização da criticidade do estudante diante dos vários conteúdos e autores pesquisados.

### *Pesquisa e ética*

O aprendizado intermediado pela pesquisa proporciona aos estudantes o desenvolvimento de competências indispensáveis à formação do ser humano e nesse aspecto citamos a ética e o respeito ao que pertence ao outro, que podem ser manifestados pela atribuição de autoria.

Para que isso aconteça, é fundamental despertar o senso crítico, oportunizando ao aluno o questionamento e provocando nele uma inquietação pela busca do saber. Tágata (2008) define esta como uma questão delicada. Para a autora, ao mesmo tempo em que a educação, entendida como ato de ensinar, traz em seu bojo a ideia de ética, ainda que de forma implícita, é perigoso afirmar que a “ética” possa ser ensinada.

Martins (2008, p.1) corroborando a autora diz que é temerário afirmar que ética ensina-se, porque para ele “não se educa estritamente com o que se sabe, mas fundamentalmente com o que se é”. O agir moral significa não se ater apenas ao seu próprio ponto de vista, mas ser capaz de realizar uma descentração, pois, assim, o indivíduo vai ser capaz de questionar, pensar e criticar, construindo um ponto de vista próprio, mas absorvendo aquilo que a sociedade tem para oferecer. Deve reconhecer que o mundo é feito por seus semelhantes que, apesar de humanos, são muito diferentes, mas com quem devem partilhar tudo, inclusive conhecimentos.

Com a cautela necessária, corroboramos Martins (2008) e acreditamos que se não podemos afirmar que a ética pode ser ensinada nas escolas, durante as etapas da

escolarização, podemos dizer que não existem ocasiões no cotidiano escolar e acadêmico nos quais os alunos não possam aprender a agir de forma ética. Neste caso, os trabalhos de pesquisa escolar, são meios pelos quais os professores podem orientar os alunos, levando-os a pensar, a serem críticos, despertando neles a busca por confrontos de ideias, de opiniões, de assuntos e temas, sem desrespeitar o direito de autoria de terceiros.

No livro *Ética a Nicômaco*, Aristóteles atribuiu ao comportamento humano o grande fator distintivo da ética, vale dizer, que o modo como o ser humano age diante de si mesmo e de terceiros é o que determina se sua conduta é ética ou não (ARISTÓTELES, 2001, p. 34). A decisão entre “agir de maneira ética ou não requer, por sua vez, consciência e discernimento, o que leva a concluir que, no plano valorativo, as ações humanas têm origem na escola” (ARISTÓTELES, 2001, p. 114). Podemos concluir que a conduta humana inicia-se, primeiramente, sob a forma de um raciocínio, possibilitando escolher entre o ético, o verdadeiro ou seu inverso.

Nesses termos, compreendemos que o agir de maneira ética é um hábito, que apenas se consolida com a ação, não sendo, portanto, ensináveis como saber teórico. Antes disso é um conjunto de costumes que demandam ser incansavelmente exercitados com as novas gerações. É preciso cuidar que esses saberes sejam ensinados e trabalhados nas escolas, nas salas de aula. Os momentos direcionados a execução de atividades de pesquisa servem a esse intento.

### **1.2.2 A Pesquisa na Internet**

Na Internet, o aumento do volume de dados configura um grande desafio para o encontro e seleção de informação relevante. Para Campello et.al. (2000) na atual sociedade, por vezes, o excesso de informação, dificulta ao aluno pesquisador que defina o que é relevante ou não. Para os autores:

O desafio para o aluno será, pois, não só o de desenvolver habilidades de ir além da localização das fontes de informação, mas ser capaz de encontrar significados através da produção de sentido em mensagens diversas e numerosas e, por vezes, inconsistentes (CAMPELLO et. al., 2000, p. 3).

Se educar na atualidade passa pela questão do uso das tecnologias, é imperioso então, criar mecanismos que desenvolvam habilidades informacionais nos ambientes tecnológicos. Somente assim, os alunos terão condições de avaliar e usar as informações adequadamente, respondendo às suas necessidades. Kuhlthau (1990, apud ABE, 2009, p.49) analisando de que forma as escolas estão mudando face à sociedade da informação, atribuiu três responsabilidades básicas à Educação, que envolvem a preparação do estudante para o mercado de trabalho, para a cidadania e a para a vida cotidiana. Tais responsabilidades são

críticas, uma vez que a tecnologia modifica a natureza do trabalho, altera o senso de comunidade e aumenta a complexidade da vida, desencadeando questões sobre como desenvolver a criatividade e alcançar a satisfação pessoal. Essas responsabilidades exigem que os indivíduos desenvolvam habilidades que os tornem competentes em informação, ou seja, que possam aprender em um ambiente tecnológico e rico em informação.

Moreira (1998) tem uma visão comedida sobre o uso da Internet, porém ressalta que não é devido aos fatores negativos que a mesma precisa ser desacreditada, inclusive ele tipifica seu conteúdo como produtivo em grande parte. O autor observa que:

Assim como jamais um livro somente, ou somente um periódico, pode ser considerado fator de sucesso ou de insucesso para a condução de uma determinada pesquisa, é preciso que se considere que a Internet não é uma coisa, um bloco inconsútil, mas um conjunto de fontes (na mais ampla concepção do termo) que se molda num ritmo frenético e sem direção, mesmo assim, produtivo em grande parte. Os sistemas de busca representam, hoje, a vitrine desse grande banco de ideias e é tarefa dos profissionais envolvidos, por qualquer forma ou meio com a informação, avaliá-los (MOREIRA, 1998, p.13).

Moran (2000, p.11) afirma que nesta sociedade repleta de informação, estamos todos “reaprendendo a conhecer, a comunicar, a ensinar e a aprender; a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social”. Diante disso, somente serão válidos os computadores, a Internet ou outros recursos presentes nesse novo modelo social, se eles colaborarem com a promoção de conhecimento construtivo. Porém, não basta instalar computadores nas escolas, apesar deste ser um passo importante, objetivamente é preciso que ocorra uma mudança social que só acontecerá se a tecnologia for transformadora.

Para o autor, são necessárias alterações nas posturas de professores e alunos, que em detrimento do crescimento desordenado no número de aparatos tecnológicos e sua expansão por todos os meios sociais, devem se perguntar se acaso este processo de uso da tecnologia tem acontecido de forma conscienciosa. Precisamos nos perguntar se em ambientes educativos a tecnologia tem se mostrado potencialmente positiva e de que maneira isso tem ocorrido. O modismo que impele ao uso impensado pode camuflar ou mesmo deturpar as necessárias reflexões sobre as aplicações da tecnologia nas escolas.

Contudo, ao falar em pesquisa escolar, entendemos que essa prática pode ser potencializada com o acesso às tecnologias de comunicação<sup>15</sup>, principalmente a Internet. Hoje, contamos com um número expressivo de dados disponíveis facilitando as pesquisas

---

<sup>15</sup> Para Moran (2000) as tecnologias da educação como a Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. As tecnologias são só apoio, meios. Mas elas nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos aprender estando em juntos em lugares distantes, sem precisamos estar sempre juntos numa sala para que isso aconteça. Disponível em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/educatec.htm>, acesso em 18/09/2012.

escolares, proporcionando comparações entre diversas fontes e conteúdos. Podemos dizer que em relação à quantidade de informação, a Internet representou e representa um grande avanço na forma de se pesquisar.

Neste ambiente Moran (2000), sugere que a pesquisa pode ser feita de diversas maneiras: individualmente ou em grupo, ao vivo - durante a aula - ou fora da aula, pode ser uma atividade obrigatória ou livre. Nas atividades de apoio ao ensino, podemos conseguir textos, imagens ou sons, utilizando-os como um elemento a mais, junto com livros, revistas e vídeos. As redes atraem os estudantes, que gostam de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas. Mas também podem perder-se entre tantas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas.

Experiências relacionando atividades de pesquisa em ambientes *online*<sup>16</sup> apontam vantagens e sucessos dessa associação. Relatos como os de Moran (2000) que desenvolveu experiências nesse sentido em cursos de Graduação e de Pós-Graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, são bastante otimistas. O autor conta que criou uma página pessoal na Internet no endereço: <http://www.eca.usp.br/prof/moran> e nela constam as disciplinas de pós-graduação - *Redes eletrônicas na Educação* e *Novas Tecnologias para uma Nova Educação* - e três de graduação - *Novas Fronteiras da Televisão*, *Legislação*, *Ética do Radialismo* e *Mercadologia de Rádio e Televisão* - neste endereço estão dispostos o programa das disciplinas e textos do autor e dos alunos. O roteiro básico utilizado nessas atividades tem seu início a cada semestre, quando o aluno escolhe um assunto específico dentro da matéria e vai pesquisando-o na Internet e na biblioteca. Concomitante a essa pesquisa, o aluno realiza outras de temas básicos do curso. Ao final, o estudante apresenta os resultados da sua pesquisa específica na classe e depois pode divulgá-los, se quiser, através da Internet.

Para Moran (2000, p. 2), dentre as vantagens do uso da internet estão fatores como “o aumento da motivação dos alunos, o interesse pela pesquisa e por participar em grupos, a maior sensibilidade para uso das novas tecnologias de comunicação, além dos alunos desenvolverem contatos pessoais e amizades por meio da rede”. Fox (2001, apud CRUZ et.al. 2003, p.06) ratifica esses benefícios e assegura que esta era que estamos construindo pode ser chamada por vários nomes, incluindo ciberespaço, infraestrutura de informação global, era da informação, (super)rodovias da informação, interespaço, sociedade sem papel etc., contudo,

---

<sup>16</sup> *Online* é uma expressão utilizada para designar uma pessoa que está conectada à Internet, fazendo uso da rede.

todos são apoiados por redes de comunicação e a Internet é um exemplo disso. Porém, a essência é a informação, a que flui pela rede, a que nos é ofertada em função de nosso desejo de consumo eletrônico, a que é manipulada por meio de nosso computador e a que é depositada em nossas bibliotecas. E é dessa informação que não se pode privar os estudantes. Os aspectos mencionados confirmam que a pesquisa escolar, tendo como fonte de informação a Internet, merece atenção e deve ser tratada em sala de aula. Por outro lado, na contramão dos melhoramentos, surgem ações e práticas preocupantes, caso do ciber-plágio.

### 1.2.2.1 Ciber-Plágio

A busca por informações na web para atender a atividades de pesquisa, na maioria das vezes, é justificada pelos estudantes devido ao grande volume de dados dispostos e pela facilidade em encontrar extensas listas sobre temas variados, merecendo atenção por parte de acadêmicos e estudiosos do tema. Para Moran (2000, p.147):

A preocupação maior dos professores deve pautar-se na investigação de como os estudantes tem encontrado as informações na Internet, porque “sem a maturidade necessária e sem a devida orientação, estes indivíduos não conseguem se concentrar em um só tema e se deixam seduzir por outros temas, que não o procurado.

É nesse sentido que Simon (2000, p.07) afirma que diante do contexto social em que vivemos é preciso questionar “sobre qual uso podemos nos permitir ou qual uso queremos fazer da informação e do conhecimento na era digital”. Não há dúvidas de que um dos problemas da atual vida escolar e acadêmica é a cópia indiscriminada de textos da internet. Alunos de todos os níveis escolares fazem uso de forma aleatória do copiar/colar, ou seja, retiram textos ou outros materiais da web sem nenhum constrangimento.

Perissé (2006, p.12) afirma que os estudantes “apresentam excelentes trabalhos sobre qualquer assunto: física, semiologia, história, literatura, filosofia [...] Não escrevem, não elaboram. Vão ao Google, instrumento de busca e encontram o material pronto [...]”. As pesquisas tem se resumido a compêndios de material já pronto, tendo como única diferença o novo nome que ocupa lugar na capa do trabalho. Para Comas & Sureda (2007) este tipo de plágio é chamado de ciber-plágio:

Por ciber-plágio acadêmico se entende o uso das TIC (principalmente Internet e os recursos associados a esta, sobretudo o www) para o plágio (total o parcial) de trabalhos acadêmicos por parte dos alunos. Isto é, a localização, adaptação e apresentação de idéias, teorias, hipóteses, resultados, textos, etc., como sendo próprios em qualquer trabalho acadêmico (COMAS & SUREDA, 2007, p.01).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Citação original em castelhano: “Por Ciber-plagio académico se entiende el uso de las TIC (principalmente Internet y los recursos asociados a ésta –sobre todo el WWW-) para el plagio (total o parcial) de trabajos

### *Ciber-Plágio Intencional*

Schneider (1990) em estudo detalhado sobre o plágio, especialmente nas suas ocorrências relacionadas com a Psicanálise e a Literatura, nos leva a pensar na intencionalidade do plágio. Segundo o autor:

O plágio designa um comportamento refletido que visa o emprego dos esforços alheios e a apropriação fraudulenta dos resultados intelectuais de seu trabalho. Em seu sentido estrito, o plágio se distingue tanto da criptomnésia, esquecimento inconsciente das fontes, ou da influência involuntária, pelo caráter consciente do empréstimo e da omissão das fontes. É desonesto plagiar. O plagiário sabe que o que [ele] faz não se faz (SCHNEIDER, 1990, p. 48).

Muitos estudantes manifestam intencionalidade na prática do plágio, empregando esforços para procurar o material a ser copiado, simular a autoria do mesmo e também em alguns casos, alterar a forma original e adaptá-lo ao seu objetivo. Diante disso, outra dimensão da Educação é invocada, qual seja a formação em valores. Se o estudante tem consciência que está plagiando, que o mais importante seria parecer que fez o trabalho e que, portanto, aprendeu, o empenho para fazê-lo e a aprendizagem, nestas condições, tornam-se menos importantes. E é claro que não é isso que queremos que os alunos valorizem.

São quatro os tipos de ciber-plágio com caráter de intencionalidade de acordo com estudos de Comas & Sureda (2007). O primeiro diz respeito à compra de trabalhos acadêmicos como artigos, projetos, monografias e outros. Essa transação tem sido feita tendo como fonte principal fornecedores de sites especializados que se hospedam em páginas na web e comercializam livremente esses produtos. Os fornecedores vendem e fazem intercâmbio de trabalhos, o sujeito, que compra esse material, apropria-se dele, assumindo sua autoria. O segundo tipo é semelhante ao primeiro, porém, neste não há pagamento pela prestação do serviço, ocorrendo tão somente a cópia literal de uma página da Web, ou de um arquivo da Internet e posterior apresentação de tal conteúdo como sendo criação legítima, sem citar as fontes e fazer as devidas referências.

O terceiro tipo caracteriza-se pela ação de copiar partes ou parágrafos distintos de textos extraídos da Internet, a chamada “colcha de retalhos”<sup>18</sup> também conhecida como

---

acadêmicos por parte del alumnado. Esto es, la localización, adopción y presentación de ideas, teorías, hipótesis, resultados, textos, etc. ajenos como propios en cualquier trabajo académico. (COMAS, RUBÈN & SUREDA, JAUME, 2007, p.01)

<sup>18</sup> Termo utilizado pelos autores da cartilha “Nem tudo que parece é: entenda o que é plágio”. Este material é uma iniciativa da Comissão de Avaliação de Casos de Autoria (biênio 2008-2010), do Departamento de Comunicação Social - Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense. Esta Comissão além de avaliar ocorrências de plágio, tem a função de educar os alunos para que eles não incorram neste tipo de situação. Disponível em: <http://www.noticias.uff.br/arquivos/cartilha-sobre-plagio-academico.pdf>, acesso em 26/09/2012.

"plágio collage"<sup>19</sup>. O quarto tipo de ciber-plágio é a “tradução de um trabalho completo ou partes dele, podendo ser inclusive a análise dos resultados de investigação, sem referenciar adequadamente o autor” (SUREDA & COMAS, 2007, p.02).

#### *Ciber-Plágio Acidental*

O Ciber-Plágio Acidental é caracterizado pelo “uso inadequado de paráfrases, ou mesmo de citações incorretas, ou ainda a má aplicação dos recursos e exigências no que se refere à citação da bibliografia utilizada” (SUREDA & COMAS, 2007, p.02).

Salomon (2008, p.05) confirma a possibilidade de se encontrar alunos que não são capazes de reconhecer o plágio e as implicações de sua prática, por não saberem o que é e o que não é permitido. Nestes casos, a dificuldade em reconhecer o que se espera dos estudantes quando solicitados a escrever um relatório ou um texto, facilita o plágio. Para a autora, muitos discentes recebem “poucas informações com relação a formas de citação e referências”.

Comparando o ciber-plágio intencional e o ciber-plágio acidental, podemos dizer que ambos têm em comum aspectos que realçam falta de orientação por parte de quem o comete. Àquele que busca o plágio imbuído da intenção de plagiar, precisa obter esclarecimentos e informações de cunho ético, moral e até mesmo legal sobre a prática. E o outro que comete o plágio sem tê-lo concebido como finalidade, necessita de esclarecimentos sobre normas, citações e referências a autores. As duas situações nos dão pistas do caminho a ser seguido se quisermos contribuir para o enfrentamento do plágio em atividades de pesquisa escolar, e este passa necessariamente pela informação.

Essa constatação nos leva a pensar que tanto as atividades de pesquisa, como orientações sobre as formas de serem feitas, devem ser inseridas nas matrizes pedagógicas das escolas, ainda nos primeiros anos da educação básica, da mesma maneira como são feitas exposições sobre como redigir um texto utilizando corretamente as normas gramaticais da Língua Portuguesa. O foco das ações deve ir além da cópia de informações e convergir para o aprendizado sobre maneiras responsáveis e éticas de agir diante do que pertence a outrem. As escolas precisam preparar os estudantes para o manejo inteligente e competente da informação, ou seja, instrumentalizá-los para desenvolver habilidades para uso das tecnologias da informação de maneira adequada, sem o cometimento de fraudes.

No próximo capítulo, apresentaremos o caminho percorrido para a realização da pesquisa.

---

<sup>19</sup> Em concreto, denomina-se “plágio collage” a elaboração de um trabalho a partir de diferentes fragmentos de diversas páginas web. Fonte: [www.noticias.universia.es](http://www.noticias.universia.es), acesso em 26/09/2012.

## 2 ENFRENTAMENTO DO PLÁGIO NAS ESCOLAS

Neste capítulo, são apresentados os sujeitos da pesquisa e o lócus pesquisado, os fundamentos e procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, a análise e a interpretação dos dados coletados. O projeto foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Uberaba cadastrado no Comitê de Apresentação para Apreciação do Comitê de Ética - CAAE número 0039.0.227.000-11011, aprovado em 29 de novembro de 2011, de acordo com o Parecer Final 110/2011. A investigação foi desenvolvida em duas fases: a primeira, a revisão bibliográfica e a segunda, a pesquisa-ação, que compreendeu a aplicação de questionários, grupo focal e seminários com professores e alunos.

### 2.1 Os sujeitos da pesquisa e o lócus pesquisado

A pesquisa de campo ocorreu em duas escolas do município de Monte Carmelo, identificadas como *EscoPu* e *EscoPar*<sup>20</sup>, por pertencerem respectivamente a rede pública e a rede privada de ensino. A escolha destas instituições se deu baseada no quantitativo de alunos. Segundo dados do Censo Escolar<sup>21</sup> essas duas escolas tiveram no ano de 2011 a maior quantidade de alunos matriculados, se comparadas com as demais escolas nos seus respectivos sistemas de ensino.

Interessa-nos fazer breve histórico do município com a finalidade de elucidar algumas peculiaridades relativas ao público atendido em cada escola pesquisada. Dados da Câmara Municipal de Monte Carmelo<sup>22</sup> indicam que a cidade tem uma população de aproximadamente 52.000 habitantes. É situada geograficamente na parte oeste do Estado e na macrorregião do Alto Paranaíba. Entre os anos de 1920 e 1998, sua principal atividade econômica foi baseada na produção de telhas, tijolos e artefatos cerâmicos o que justificou por

---

<sup>20</sup> *EscoPu* para identificar a Escola Particula e *Escopu* para a Escola da rede Pública de Ensino.

<sup>21</sup> Foi consultada a versão impressa do Censo Escolar 2011, disponível na SRE de Monte Carmelo em 10/02/2012.

<sup>22</sup> Disponível em [www.camaramontecarmelo.mg.gov.br](http://www.camaramontecarmelo.mg.gov.br), acesso em 12/09/2012.

décadas sua fama de “Capital Mineira da Telha” ou “Cidade das Chaminés”, obtendo com isso destaque no cenário nacional devido ao seu volumoso parque cerâmico.

Silva (2001, p. 14), em pesquisa sobre o parque cerâmico da cidade, afirmou que a “indústria ceramista esteve incisivamente presente na história do município e por um período de quase 80 anos foi a principal responsável pela maior parte da fonte de renda dos trabalhadores do município, juntamente com a colheita do café”. Podendo dizer que mesmo em profunda crise a partir do ano 2000, devido a complicações ambientais envolvendo a aquisição de matéria prima, as cerâmicas ainda mantiveram influência na cidade, prova disso é que em fevereiro de 2000, de um total de 69 indústrias credenciadas junto à prefeitura, 49 eram cerâmicas e de acordo com dados da ACEMC - Associação dos Ceramistas de Monte Carmelo- neste mesmo ano elas ainda geravam em torno de 4.000 empregos diretos o que significa dizer que aproximadamente 71% das indústrias do município nesta data eram cerâmicas e que cerca de 10% dos carmelitanos<sup>23</sup> trabalhavam nelas, visto que nesse período a população da cidade contava com 42.000 habitantes. De fato, após a derrocada das cerâmicas, muitos trabalhadores acabaram por ficar desempregados, tendo que buscar fontes alternativas de renda que vieram surgindo aos poucos proporcionadas pelo comércio varejista e pequenas indústrias que se fixaram na cidade, como fábrica de sabão, de calçados, de fabricação de gêneros alimentícios etc. Essa mudança tem um reflexo direto na qualidade de vida e no rendimento financeiro das famílias carmelitanas.

Em termos financeiros podemos dizer que a clientela da *EscoPu* é composta na sua maioria de estudantes de classe econômica baixa, cujos pais trabalhavam nas cerâmicas e atualmente ganham a vida prestando serviço braçal no comércio ou em serviços esporádicos nos períodos de colheita de café nas fazendas da região (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p.26).

A clientela da *EscoPar* em contrapartida, é constituída por estudantes cujos pais são na maioria, os proprietários dos comércios da cidade, donos de cerâmica. Financeiramente pode-se dizer que se concentram nesta escola duas faixas: baixa classe alta e a alta<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Carmelitano é o termo usado para designar a pessoa que nasce ou reside no município de Monte Carmelo.

<sup>24</sup> A Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Federal – SAE, divulgou no mês de outubro de 2012 o Relatório de definição da classe média no Brasil e de acordo com esse relatório, pessoas com renda familiar per capita entre cerca de R\$ 291 e R\$ 1.019 são as que formam a classe média brasileira. Dentro da classe média, foram definidos três grupos: a baixa classe média, com renda familiar per capita entre R\$ 291 e R\$ 441, a média, com renda familiar per capita de R\$ R\$ 441 a R\$ 641 e a alta classe média, cuja renda familiar per capita fica entre R\$ 641 e R\$ 1.019. A classe alta estaria acima de R\$ 1.019 e também foi dividida em dois grupos. A baixa classe alta ficaria entre R\$ 1.019 e R\$ 2.480 e a alta, que fica acima deste valor. Fonte: <http://www.sae.gov.br/site/?p=13425>, acesso em 15.10.2012.

## **2.2 Revisão Bibliográfica**

A revisão bibliográfica iniciou-se pela seleção de dissertações e artigos que abrangessem a temática investigada – plágio na pesquisa escolar- tomando como referência os resumos. Estes documentos permitiram uma pré-avaliação do material coletado, ponto de partida para o trabalho.

No desenvolvimento da revisão da literatura, utilizamos práticas presentes na Revisão Sistemática, que apesar de ser bastante difundida em pesquisas na área das Ciências Sociais e da Saúde, atendeu-nos ao objetivo de responder a seguinte pergunta: o que tratam as publicações e produções acadêmicas sobre o plágio na pesquisa escolar? Para Sampaio e Mancini (2006, p.84), a Revisão Sistemática, “assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema”.

Para Rosa (2009) a Revisão Sistemática baseia-se em estudos que usam procedimentos, antecipadamente definidos e explícitos, para identificar, selecionar e avaliar criticamente pesquisas relevantes. Sua aplicação promove a preparação do caminho a ser percorrido pelo pesquisador, sendo muito útil nas tomadas de decisão, motivo, pelo qual é constantemente utilizada na área da saúde. O mesmo pode ser aplicado em outras áreas, como a Educação, sendo que sua pujança vai depender dos meios empregados para o alcance dos objetivos.

Castro (2001, p.1) afirma que este tipo de estudo é uma “revisão planejada para responder a uma pergunta específica”. De acordo com o autor, os recursos, conhecimentos e habilidades necessárias para se realizar com sucesso uma revisão sistemática, são tempo livre, por ser considerada uma atividade como parte do empenho para se manter atualizado em sua área de interesse, intimidade com o assunto, quantidade de estudos acerca do tema pesquisado, os métodos utilizados e a experiência do pesquisador.

Posto isto, podemos dizer que, nesta investigação, na área de conhecimento das Ciências Humanas, direcionada para a Educação, cujo tema centrou-se no plágio na pesquisa escolar, procuramos conciliar tempo determinado, familiaridade e experiência como facilitadores para o desenvolvimento da revisão. Esta compreendeu um tempo de 12 meses, referente ao período de maio de 2011 a maio de 2012.

### **2.2.1 Coleta e seleção dos dados**

Para desenvolver a pesquisa, fizemos uma busca no Portal Eletrônico Domínio Público – Biblioteca Digital – da Capes e no acervo virtual da Scielo, tendo como objeto de estudo

trabalhos acadêmicos abordando o tema plágio na pesquisa escolar, publicados nos últimos 20 anos. Escolhemos esse portal porque a maior parte do acervo disponível para consulta no *website* <http://www.dominiopublico.gov.br> contém obras que se encontram em domínio público, obras licenciadas pelos titulares dos direitos autorais pendentes e porque permitem acesso a informações e conhecimentos (textos completos) livre e gratuitamente. Usamos o mesmo corte temporal e ampliamos a busca nos acervos da Biblioteca Digital da Unicamp e da Biblioteca de Teses e Dissertações da USP, além da biblioteca da Universidade de Uberaba e de outras universidades e faculdades brasileiras.

Como resultado amplo da primeira incursão na coleta dos dados, foram recuperados 339 documentos. Todavia, após a leitura do material e verificação de adequação ao conteúdo investigado, selecionamos 24 documentos, sendo 8 dissertações e 16 artigos, que compuseram o material estudado porque atenderam aos critérios de inclusão previamente definidos: 1- os documentos para o estudo teriam de se referir a um dos descritores: *Plágio, Plágio Acadêmico, Plágio no Ensino Fundamental, Plágio na Pesquisa Escolar, Pesquisa Escolar, Pesquisa Escolar no Ensino Fundamental, Plágio na Pesquisa Escolar no Ensino Fundamental*; 2- serem em língua portuguesa; 3- terem sido produzidos entre 1992 e 2012; 4- tratarem do plágio preferencialmente no Ensino Fundamental.

Os critérios de exclusão foram: 1- documentos produzidos fora do período preestabelecido; 2- documentos cujo estudo não tratava do plágio e nem da pesquisa escolar. Os dados de pesquisas apresentados nas dissertações e nos artigos selecionados compuseram o referencial teórico desta dissertação e foram separados em categorias: Plágio; Pesquisa Escolar e Plágio na Pesquisa Escolar.

Na segunda etapa, identificamos as instituições, a espécie e a quantidade de documentos recuperados por unidade de ensino pesquisada. Feita a seleção das dissertações e dos artigos para compor o estudo, recorreremos à revisão sistemática para desenvolver os procedimentos que proporcionaram os caminhos até os resultados desta parte da pesquisa. Nossa revisão sistemática se apoiou em alguns passos indicados por Sampaio e Mancini (2006), apresentados a seguir, tendo como referência estudos encontrados na revisão de literatura.

### *Passo 1: Definindo a pergunta*

Como em qualquer planejamento de pesquisa, foi feita a definição da questão que orientou e justificou a investigação, para depois utilizarmos a metodologia da revisão sistemática. No nosso caso, a pergunta norteadora foi: como o plágio na pesquisa escolar é

tratado nas atuais publicações? A definição da pergunta permitiu direcionar a execução de outras atividades relativas ao processo e dela partiram os demais procedimentos.

*Passo 2: Buscando evidências*

A busca por evidências teve início com a definição de termos ou palavras-chave, seguida da eleição de estratégias de busca e demarcação das bases de dados e de outras fontes de informação a serem pesquisadas. No nosso caso, foi usada uma estratégia ampla de busca de material, que consistiu na procura em bases eletrônicas de dados (portal Domínio Público biblioteca digital, da CAPES) no banco de teses, dissertações e artigos de Universidades e Faculdades Brasileiras, além da Coleção da Biblioteca do portal da Scielo.

*Passo 3: Revisando e selecionando os estudos*

Tendo como base os resumos das dissertações e artigos, definimos os documentos para fazer a revisão sistemática. À medida que os resumos indicavam conteúdos relativos ao tema, selecionávamos o material para estudo e recuperávamos os documentos, na íntegra.

*Passo 4: Analisando a qualidade do material*

Nessa fase, as dissertações foram agrupadas de acordo com três (3) categorias preestabelecidas: Plágio; Pesquisa Escolar; Plágio na Pesquisa Escolar. Averiguamos novamente a pertinência dos documentos ao tema da pesquisa – plágio na pesquisa escolar, para posteriores sínteses e comparações.

*Passo 5: Interpretação e análise dos dados*

De posse das informações coletadas, apresentamos as concepções dos pesquisadores e analisamos as informações conforme cada categoria. Pudemos comparar um estudo com outro para identificar semelhanças e, em cada categoria, destacamos os pontos homogêneos entre os pesquisadores.

O quadro 1, especifica o total de documentos recuperados por categoria preestabelecida.

CATEGORIAS	TOTAL DE DOCUMENTOS RECUPERADOS
Plágio	14
Pesquisa Escolar	08
Plágio na Pesquisa Escolar	02
TOTAL	24

Quadro 1 – Categorias e documentos recuperados  
Fonte: Elaboração própria

### 2.3 Pesquisa-ação como intervenção

Desde o início, esta investigação pretendeu construir juntamente com professores e alunos, ações que pudessem minimizar a prática do plágio na pesquisa escolar. Por isso, elegemos procedimentos baseados nos pressupostos da Pesquisa-ação, por entendermos que essa abordagem metodológica poderia possibilitar a professores e estudantes participarem ativamente da compreensão e do enfrentamento da problemática do plágio na pesquisa.

Elliot (1997, p.17) sintetiza a metodologia da pesquisa-ação como:

(...) um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, onde cada espiral inclui: aclarar e diagnosticar uma situação prática ou um problema prático que se quer melhorar ou resolver; formular estratégias de ação; desenvolver essas estratégias e avaliar sua eficiência; ampliar a compreensão da nova situação; proceder os mesmos passos para a nova situação.

Para Thiollent (2008, p. 14), pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em “estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” Os participantes, desta forma, desempenham um papel ativo no processo da pesquisa, não sendo reduzidos a cobaias do processo de investigação, mas constituindo-se como sujeitos, portanto, ativos.

Entretanto, o autor reconhece que a pesquisa-ação ainda está em fase de discussão e não é objeto de unanimidade entre cientistas sociais e profissionais das diversas áreas. A pesquisa-ação procede de uma busca por alternativas ao padrão de pesquisas convencionais visando facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído.

Thiollent (2008) considera a pesquisa-ação como um “método que concebe e organiza uma pesquisa social de finalidade prática que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada”. Para exemplificar esta afirmação, o autor compara a metodologia a uma bússola que esclarece as decisões dos pesquisadores por meio de princípios de cientificidade. Ela opera a partir de determinadas instruções (diretrizes) “relativas ao modo de encarar os problemas identificados na situação investigada e relativa aos modos de ação” (2008, p. 36).

As instruções possuem um caráter bem menos rígido do que as hipóteses da pesquisa tradicional. Geralmente, as ações são realizadas através de reuniões e seminários nos quais participam pessoas de diversos grupos implicados na transformação, podendo ser mescladas

com outras técnicas, “mais tradicionais de pesquisa como observações, entrevistas, dentre outras” (THIOLLENT, 2008, p. 22).

Os objetivos deste tipo de pesquisa estão voltados para a produção de conhecimento que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local e existe cooperação e colaboração entre as partes envolvidas neste tipo de pesquisa. Sua especificidade deve-se ao fato de ser:

(...) um conhecimento a ser cotejado com outros estudos e suscetível de parciais generalizações no estudo de problemas sociológicos, educacionais ou outros, de maior alcance. A ênfase pode ser dada a um dos três aspectos: resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento. Muitas vezes, a pesquisa-ação só consegue alcançar um ou outro desses três aspectos. Podemos imaginar que, com maior amadurecimento metodológico, a pesquisa-ação, quando bem conduzida, poderá vir a alcançá-los simultaneamente (THIOLLENT, 2008, p.18).

Franco (2005) afirma que a escolha dessa metodologia pressupõe a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende agir de maneira à transformação da prática. A autora indica conceituações distintas para a pesquisa-ação, que se diferem com relação à busca da transformação. O quadro 2 trata as três conceituações:

**Quadro 2 – Conceituações para Pesquisa-Ação de acordo com Franco (2005)**

<i>Pesquisa-ação Colaborativa</i>	<i>Pesquisa-ação Crítica</i>	<i>Pesquisa-ação Estratégica</i>
a) Ocorre quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores, em que a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo;	b) Acontece quando a transformação é percebida como necessária a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, decorre de um processo que valoriza a construção cognitiva da experiência, sustentada por reflexão crítica coletiva, com vistas a emancipação dos sujeitos e das condições que o coletivo considera opressivas. Inicialmente e ao longo do processo essa espécie de pesquisa vai assumindo um caráter de criticidade, daí a sua identificação como pesquisa-ação crítica.	c) Sucede neste tipo de pesquisa o contrário, das duas anteriores, neste caso a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação, essa pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica, podendo ser denominada de pesquisa-ação estratégica.

Fonte: FRANCO, M.A.S. Pedagogia da Pesquisa-Ação, 2005, p.485.

Relacionando o presente trabalho aos conceitos apresentados pela autora, podemos dizer que esta foi uma Pesquisa Ação Crítica, porque não houve prévia solicitação dos sujeitos envolvidos à pesquisadora e não havia nenhum estudo ou mesmo ação que estivesse sendo tomada nas unidades escolares estudadas, referente ao tema. Não houve desencadeamento de nenhuma ação anterior, planejada por alunos e professores que tivesse tido seus efeitos acompanhados pela pesquisadora. A necessidade da mudança, ou seja, o enfrentamento ao plágio foi apontado tanto pela pesquisadora, como por professores e alunos, tornando-se imperativo a partir do grupo e não pelo grupo ou para o grupo.

Nesta Pesquisa-ação Crítica foi necessário que a investigação extrapolasse o campo da compreensão e da descrição do universo da prática, buscando transformá-lo, por isso envolveu professores e alunos na construção de ações para o enfrentamento do plágio. A pesquisa teve um caráter crítico, não implementando nenhum projeto ou mesmo proposta pensada apenas por um segmento dos sujeitos pesquisados. As ações foram sugeridas e avaliadas por todo o grupo.

Barbier (2007), ao falar do contexto onde nasce a pesquisa-ação e a postura do pesquisador diante dos sujeitos que se veem envolvidos nesse problema, afirma que:

A pesquisa ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema em uma ação coletiva (BARBIER, 2007, p.54).

O que Franco (2005) identifica como sendo “Pesquisa-ação Crítica” assemelha-se ao que Barbier (2007) apoiado nos escritos de Morin (apud BARBIER, 2007, p.54) considera ser Pesquisa-ação Integral. Trata-se de um tipo de pesquisa *por, para, sobre* e – sobretudo- *com* os atores, amplamente implicacional, sem excluir o rigor metodológico.

Essa pesquisa-ação insere-se num modelo de pesquisa aplicada, quer dizer, de uma pesquisa que está sendo desenvolvida *in loco*, com cinco vertentes: Contrato, Participação, Mudança, Discurso e Ação. O quadro 3 exemplificadas essas dimensões.

**Quadro 3: Dimensões da Pesquisa-ação Integral**

<b>Dimensão</b>	<b>Características</b>
Contrato	Firme, factual, aberto, formal
Participação	Passiva, representativa, cooperativa, co-gerenciada
Mudança	Aplicativa, de desenvolvimento, indutiva, transformativa
Discurso	Submisso, racional, de conscientização, crítico
Ação	Individual, individual/grupal, grupal/coletiva, comunitária.

Fonte: BARBIER, René. A Pesquisa-Ação, 2007, p.78.

Para Barbier (2007) a pesquisa-ação é um conjunto de passos, ou fases, nas quais o pesquisador está cada vez mais imbricado nas dimensões citadas. O Contrato é concebido tendo como base uma ação de caráter formal entre as partes (pesquisador e pesquisados) cujo objetivo seria o de esclarecer as atribuições iniciais de cada segmento. Com ele, espera-se uma participação das pessoas a quem se destina o recurso. O autor afirma que o Contrato deve ser:

Respeitador dos valores e das ideologias, visa melhor definir a noção de militância nessa implicação completa do pesquisador [...]. O contrato é aberto, flexível e ágil, preciso em seus objetivos e nas tarefas de cada um. Suficientemente formal [...], ele

respeita os valores do grupo explicando a linguagem comum de referência (BARBIER, 2007, p.80).

O Contrato aberto torna-se mais formal, mas deve permanecer não estruturado para poder adaptar-se às circunstâncias e aos imprevistos. A participação cooperativa do início melhora constantemente para chegar eventualmente a uma co-gestão. “Trata-se então, de descobrir as causas ou as soluções do problema, maneiras mais indutivas para obter uma transformação de uma visão de saber que leva a um discurso conscientizador, engajado, e por fim, crítico” (BARBIER, 2007, p.79).

A Participação preconiza um engajamento de cunho pessoal, caracterizada pela dependência do diálogo entre as partes. Um processo de pesquisa-ação Integral visa a participação de todos os membros em todas as tomadas de decisão do início ao fim do processo, ação que esteve presente em todas as etapas da presente pesquisa.

O objetivo final de uma Pesquisa-ação Integral é a mudança que objetiva a passar de um estado para outro. A dimensão Mudança é esboçada por Barbier (2007) representada por um espiral, no qual se indica ações, reflete-se sobre elas e sendo necessário, ocorre a proposição de novas ações. A pesquisa-ação não deve ser confundida com um processo solitário de auto-avaliação. Trata-se, porém, de uma prática reflexiva de ênfase social sobre o que se investiga e sobre o processo de investigação da prática.

Durante a pesquisa observamos mudanças, especialmente nos momentos de construção das sugestões de ações para minimizar o plágio na pesquisa. O Discurso, por sua vez, é filosoficamente o entendimento em oposição à intuição. Para Morin (1992, apud BARBIER, 2007, p.82) ele só tem sentido se estiver inserido na ação, mais ainda, o discurso racional deve permanecer compreensível para os atores e estar inter-relacionado com o vivido.

Em pesquisa-ação, o Discurso reivindica o caráter de implicação, enriquecendo o saber prático e aperfeiçoando-se por experiências humanas dialogadas. A realização de uma pesquisa pressupõe o confronto entre os dados coletados, as constatações referentes às observações e o embasamento teórico que vem sendo acumulado a respeito do objeto investigado, a partir de um dado problema que promove a delimitação da pesquisa a uma determinada porção do saber. A Ação é caracterizada pela sua interligação com a pesquisa. Para Barbier (2007) trata-se de:

Agindo em espiral com a reflexão, a ação questiona ininterruptamente o discurso estabelecido. A ação é tanto mais eficaz quanto mais obtém o consenso de todos e corresponde às capacidades dos participantes. Ela é tanto mais inteligente, quanto mais compreende todos os elementos da complexidade do real (BARBIER, 2007, p.83).

Apesar das semelhanças, entre a Pesquisa-ação Integral e a Pesquisa-ação Crítica, nos sentimos mais a vontade para apontar a presente investigação como sendo Pesquisa-ação Crítica pelo fácil diálogo com o que escreveu Franco (2005) e por compreendermos que o que fizemos foi Pesquisa-ação Crítica. Esta durou sete meses e foi dividida em duas fases. Na primeira, tivemos contato com os sujeitos pesquisados durante os seminários (encontros). Aplicamos questionários e fizemos grupo focal com professores e alunos. Analisamos e interpretamos os relatos de experiências pessoais e profissionais dos sujeitos pesquisados e os mesmos puderam manifestar suas opiniões e concepções sobre o plágio na pesquisa escolar de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. A segunda fase durou aproximadamente dois meses e apresentou os resultados do trabalho desenvolvidos na primeira fase.

Utilizamos a técnica de seminários, nos quais discutimos as ações mais indicadas para alcançarmos o objetivo central desta pesquisa. Elaboramos um plano de ação, levando em conta a análise do material coletado. Para compor o referencial teórico necessário ao entendimento da orientação metodológica escolhida, buscamos dialogar com Thiollent (2008), Franco (2005) e Barbier (2007). Entendemos que ao fazer pesquisa-ação é necessário integrar a pesquisa e a ação ou prática, implicando uma dinâmica de desenvolvimento e apresentação do conhecimento a respeito dos fatos estudados, tendo como parâmetro a prática cotidiana. Durante o processo de investigação, alunos e professores trabalharam colaborativamente o que possibilitou o esclarecimento de pontos divergentes entre as partes, especialmente no entendimento das finalidades e objetivos das atividades da pesquisa escolar. Trataremos no próximo tópico das técnicas que foram utilizadas para coleta dos dados.

### **2.3.1 Aplicação dos Questionários e Grupo Focal**

#### *Questionários*

A investigação por questionário consiste de um conjunto de questões sobre determinado tema que devem ser respondidas por interlocutores, oralmente ou de maneira escrita. De acordo com Silva (2003), neste tipo de instrumento duas particularidades devem ser observadas: a validade e a fiabilidade. Com a validade questionamos se o instrumento mediu ou descreveu o que se pretendia alcançar, já a fiabilidade prende-se a capacidade de fornecer resultados semelhantes sob condições constantes e em qualquer momento.

Para Ghighione & Matalon (1992, p.119) a construção do questionário e a formulação das questões constituem, uma fase crucial do desenvolvimento de uma investigação,

“qualquer erro, qualquer inépcia, qualquer ambiguidade, repercutir-se-á na totalidade das operações ulteriores, até às conclusões finais”.

Usamos questionários considerando que este instrumento é muito habitual na coleta de dados, porque possibilita que o respondente opine sobre informações que domina e também pode garantir a uniformidade na avaliação da situação pesquisada (CERVO e BERVIAN, 1996).

Nesta fase, definimos os objetivos de cada questão, explicitando-os na matriz de análise, na qual a finalidade de cada item do questionário foi demarcada no âmbito do tema a ser estudado dentro da investigação – plágio e pesquisa escolar. Procuramos evitar imprecisões que poderiam levar a erros, provenientes da desarticulação entre objetivos e métodos.

Os quadros 4 e 5 mostram respectivamente, as matrizes de análise dos questionários dos estudantes e dos professores.

#### *Estudantes*

Quadro 4 - Matriz de Análise

QUESTÕES	OBJETIVO(S)
1- O que é plágio?	Identificar o que o estudante define como plágio.
2- Quais fontes você costuma utilizar nas suas pesquisas?	Conhecer quais as fontes utilizadas pelos alunos em suas atividades de pesquisa escolar.
3- Você cita as fontes que utilizou na sua pesquisa?	Saber se os alunos citam ou não as fontes pesquisadas em seus trabalhos de pesquisa e de que forma o fazem.
4- Você já cometeu plágio alguma vez?	Identificar se o aluno admite ou não o plágio e os motivos que o levam a plagiar.
5- Quais os objetivos do professor ao pedir uma pesquisa?	Identificar a partir da resposta dos alunos os objetivos que eles atribuem às atividades de pesquisa escolar solicitadas pelos professores ou presentes no material de estudo.
6- Como você faz a pesquisa, a partir do pedido do professor até a entrega do texto	Identificar as ações executadas pelos alunos ao fazerem uma atividade de pesquisa escolar.
7- Os alunos usam cópias de textos em suas pesquisas?	Saber se os alunos utilizam ou não cópias de textos em suas atividades de pesquisa.
8- Quais ações poderiam minimizar a prática do plágio em atividades de pesquisa?	Identificar ações sugeridas pelos alunos para minimizar o plágio em atividades de pesquisa escolar.

Fonte: Elaboração própria.

#### *Professores*

Quadro 5 - Matriz de Análise

QUESTÕES	OBJETIVO(S)
1- O que você entende por plágio?	Identificar como o professor define plágio.
2- Como você vê a prática do plágio no processo de formação dos estudantes do Ensino	Identificar como o professor (a) vê no plágio um problema de cunho educacional.

Fundamental?	
3- De que forma você orienta as pesquisas de seus alunos?	Identificar as maneiras utilizadas pelos professor para orientar seus alunos sobre as citações para fazerem as atividades de pesquisa.
4- Em relação as fontes de pesquisa, o que você considera importante que o aluno informe no texto pesquisado?	Perceber o que o professor julga ser importante com relação a referência da fonte pesquisada nos trabalhos dos alunos.
5- Quais seus objetivos quando requisita uma pesquisa do aluno?	Identificar o que objetiva/pretende o professor ao solicitar uma pesquisa ao aluno.
6- Você já identificou a prática do plágio?	Perceber se o professor já se deparou com atividades plagiadas.
7- Você busca identificar se houve plágio?	Perceber se o professor busca identificar o plágio e de que maneira.
8- A que você atribui o plágio em atividades de pesquisa?	Conhecer as acepções do professor sobre a prática do plágio na pesquisa entre alunos.
9- Quais ações poderiam minimizar o plágio nas atividades de pesquisa dos alunos?	Identificar qual (is) ação (ões) pode (m) ser tomada (s) pelos professores para minimizar ou erradicar o plágio.

Fonte: Elaboração própria

Para compor a amostra dos discentes, selecionamos uma turma de cada ano investigado (6º ao 9º), sendo duas em cada escola. Como quesito de seleção das turmas, elegemos o critério de maior quantidade de alunos na turma. O fato da *EscoPu* ter mais alunos matriculados em turmas de 6º e 7º anos, fez com que indicássemos duas turmas nesta escola, portanto, ficando as demais – 8º e 9º anos – para a outra instituição, que na ocasião contava com turmas únicas de 8º e 9º anos. Os professores foram selecionados entre aqueles que manifestaram interesse em participar. Além disso, dois critérios foram estabelecidos: estarem atuando em turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e fazerem uso da pesquisa escolar em suas aulas.

Temos consciência da reduzida dimensão da amostra. Considerando a abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (1999, p.10), é capaz de “incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais”, procuramos durante a formulação das perguntas, zelar para que a linguagem estivesse acessível e apropriada ao entendimento dos estudantes, evitar proposições negativas, não formular questões que remetessem a uma determinada resposta e que as perguntas fizessem parte do contexto do indivíduo.

Fizemos a aplicação de um pré-teste para 15 alunos da *EscoPar* e 15 alunos da *EscoPu*, escolhidos aleatoriamente em turmas do 6º ao 9º ano. Pudemos observar a forma como respondiam e as dificuldades associadas ao entendimento do solicitado em cada item. Estabelecemos um diálogo com os inquiridos, para melhorar a formulação das questões. Com o material devidamente revisto (Apêndice B), procedemos à sua aplicação em quatro turmas,

sendo duas na *EscoPu* e duas na *EscoPar*. As turmas foram respectivamente 6º e 7º anos, na *EscoPu*, e 8º e 9º anos na *EscoPar*, totalizando 73 questionários respondidos.

Além dos alunos, dez professores, sendo cinco de cada escola, responderam ao questionário, compondo a amostra docente. Em ambos os casos, a aplicação foi feita de forma direta, na sala de aula e os professores e os alunos entregaram os instrumentos à pesquisadora após o término da atividade. Os resultados foram apresentados no Capítulo III.

### *Grupo Focal*

Trabalhamos com uma reduzida quantidade de sujeitos, dez professores e oito estudantes, motivo pelo qual elegemos como técnica de coleta de dados o grupo focal. A essência desta técnica consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, objetivando colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos. Dentre as contribuições qualitativas para o uso destes grupos, Iervolino e Pelicioni (2001) afirmam que:

A coleta de dados através do grupo focal tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Ele contrasta, nesse sentido, com dados colhidos em questionários fechados ou entrevistas individuais, onde o indivíduo é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez nunca tenha pensado anteriormente. As pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo. É exatamente este processo que o grupo focal tenta captar (IERVOLINO E PELICIONI, 2001, p.116).

Podemos dizer que o grupo focal foi uma técnica de coleta de dados que estimulou os participantes a discutirem o tema, se apresentando inclusive como facilitadora dos debates e da busca por soluções, objetivo central dessa investigação – construir ações para minimizar o plágio na pesquisa escolar. Neste método, os participantes levaram em conta os pontos de vista dos outros e formularam suas respostas e comentários sobre suas experiências e a de terceiros.

Para Morgan e Krueger (apud IERVOLINE e PELICIONI 2001, p.114) um dos mecanismos de garantia da eficácia do grupo focal é a “composição numérica dos participantes que deve ficar em torno de seis a dez, que não são familiares uns aos outros e participam por terem características em comum, que estão associadas ao tópico que está sendo pesquisado”. Sua duração típica é de uma hora e meia e o pequeno número de participantes tende a favorecer a integração dos mesmos.

Foram feitos dois grupos, sendo que, no primeiro participaram oito alunos, quatro da *EscoPar* e quatro da *EscoPu*. O segundo grupo foi o dos professores e neste caso os dez

docentes que preencheram os questionários, manifestaram interesse em participar do grupo focal.

Para a interpretação da informação resultante dos grupos, procedemos a análise de conteúdo, que é um conjunto de técnicas para examinar as comunicações, visando a obter, por “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens” (BARDIN, 1997, p.29).

Registramos os dados das mensagens obtidas com a ajuda de unidades de análise que foram: *Unidades de Registro*<sup>25</sup>, que são as falas dos sujeitos, representadas por unidades de conteúdo com grande relevância, representando as percepções dos entrevistados, as *Unidades de Sentido*, que são a compreensão que permite decodificar a unidade de registro e descrevê-la sinteticamente, levando em consideração a integralidade do registro e apreendendo o essencial da mensagem falada ou escrita e por fim as *Categorias* que são unidades menores que destacam o elemento mais importante presente nas falas.

Tratamos as mensagens separadamente, iniciando com os dados dos professores e depois com o dos alunos. Não houve intenção de analisar isoladamente dados da rede particular e da rede pública de ensino, coube-nos observar as perspectivas de docentes e discentes, independentemente do segmento ao qual pertenciam.

A terceira técnica utilizada foi o seminário que será descrito no próximo tópico.

### 2.3.2 Seminário

O seminário é uma técnica fundamental para o desenvolvimento da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2008). Durante a realização dos seminários estiveram presentes todos os envolvidos na pesquisa: a pesquisadora, executando o papel de facilitadora, além de professores e alunos. Este momento teve um papel importante de exame, discussão e tomada de decisões.

Nas reuniões de seminário, foram realizadas dentre outras atividades: a elaboração de interpretações sobre o tema investigado, a busca por soluções ao problema da pesquisa e a definição de diretrizes de ação. Acompanhamos e avaliamos as ações, divulgando os

---

<sup>25</sup> A *unidade de registro* é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, tendo em conta a categorização e a contagem das frequências. A nível semântico considera-se o tema como unidade de registro e a nível linguístico a palavra ou a frase. Podem considerar-se todas as palavras de um texto, ou palavras-chave ou palavras -tema. O tema é uma unidade de significação mais complexa e proceder a uma análise temática consiste em descobrir o sentido da comunicação. O tema é utilizado normalmente para estudar opiniões, motivações, atitudes, valores, tendências e crenças, como por exemplo, em respostas a questões abertas, entrevistas, comunicações de massa e outros registros. (BARDIN, 1977, p.39).

resultados pelos canais apropriados. Thiollent (2008) enfatiza a importância dessa ferramenta para o desenvolvimento de uma pesquisa-ação, afirmando que:

O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação. O seminário desempenha a função de coordenar as atividades dos grupos [...] O seminário centraliza todas as informações coletadas e discute as interpretações. [...] o seminário elabora diretrizes da pesquisa (hipóteses) e diretrizes de ação submetidas à aprovação dos interessados, que serão testados na prática dos atores considerados (THIOLLENT, 2008, p.63).

Os seminários aconteceram quinzenalmente por um período médio de duas horas. Não foram citados os nomes de escola, professor ou aluno que participaram. Cada um deles é identificado por números e pelas iniciais correspondentes a cada escola, *Pu* no caso da Escola Pública e *Par* para a Escola Particular.

Também não fizemos distinção de gênero (tanto professoras quanto professores, alunos e alunas foram referidos ao longo desse trabalho como "professor" ou "aluno"). Registramos informações a respeito dos sujeitos da pesquisa nos quadros 6 e 7:

### Professores

Quadro 6 – Motivos dos professores para participar da pesquisa

Professor	Disciplina/Conteúdo	Nível de atuação	Motivo que o levou a participar da pesquisa
<i>PPu 1</i>	Geografia	6º ao 9º anos	"trabalho com pesquisa com meus alunos"
<i>PPu 2</i>	Ciências	8º e 9º anos	"auxílio em tudo na escola"
<i>PPu 3</i>	Língua Portuguesa	6º ao 9º anos	"quero aprender sobre plágio"
<i>PPu 4</i>	Educação Artística	6º ao 9º anos	"percebo que precisamos fazer algo mais para combater as fraudes na escola"
<i>PPu 5</i>	História	6º ao 9º anos	"quero saber mais sobre o assunto"
<i>PPar1</i>	Geografia	6º ao 9º anos	"tenho boas ideias, minhas aulas são diversificadas e precisamos colaborar com a escola"
<i>PPar2</i>	História	6º ao 9º anos	"dou muita atividade de pesquisa"
<i>PPar3</i>	Matemática	6º ao 9º anos	"quero saber mais sobre plágio"
<i>PPar4</i>	Geografia	7º e 8º anos	"quero saber como se faz pesquisa científica"
<i>PPar5</i>	Língua Portuguesa	6º ao 9º anos	"quero melhorar minhas aula e ampliar meus conhecimentos"

Fonte: Elaboração própria

### Alunos

Quadro 7- Motivos dos alunos para participar da pesquisa

Aluno	Nível de escolaridade	Motivo que o levou a participar da pesquisa
<i>APu1</i>	6º	"fui convidado porque acho que sou inteligente"
<i>APu2</i>	7º	"sou bem participativa e tenho vontade de aprender"
<i>APu3</i>	8º	"gosto de estudar e de dar boas ideias para a escola"
<i>APu4</i>	9º	"preciso saber mais sobre pesquisa"
<i>APar1</i>	6º	"para ser melhor na escola"
<i>APar2</i>	7º	"porque minha professora acha que posso ajudar"
<i>APar3</i>	8º	"me interessei pela pesquisa"

APar4	9º	“escrevo bem e sei falar em público, gosto de ajudar”
-------	----	---

Fonte: Elaboração própria

Podemos perceber que dentre os motivos citados pelos professores, a busca por conhecimento e a necessidade de compreender o tema foi preponderante. Entre os alunos, chamou a atenção o gosto pelo estudo e a vontade de colaborar com a escola.

A proposição inicial sobre o local de realização dos seminários indicava que os mesmos ocorreriam alternadamente nas escolas investigadas, contudo, na primeira reunião na *EscoPar*, os participantes, de comum acordo, elegeram uma única escola. Por questões de organização, todos os seminários aconteceram na *EscoPar*, cuja localização mais central, facilitava o acesso a todos os participantes. Para as reuniões foi disponibilizada, pela direção da instituição, uma sala de aula ociosa, na qual, professores, alunos e a pesquisadora se reuniram em dias previamente combinados.

A localização desta sala, próxima ao laboratório de informática, facilitou o acesso dos participantes a este recurso nos momentos em que tal ação foi necessária, afinal os sujeitos pesquisaram informações usando a Internet. No decorrer dos estudos, discutimos, lemos, interpretamos e criamos materiais que compuseram as ações desta pesquisa. Foi disponibilizada, no 1º seminário, a bibliografia que orientou e serviu de referência para as ações do grupo.

Para a investigação estavam previstas oito sessões de estudo (seminários), porém, no decorrer das atividades, para que pudéssemos executar as ações propostas em cada momento com segurança e em tempo hábil, percebemos a necessidade de aumentar esse número para doze sessões. A nova definição foi feita em comum acordo com os sujeitos pesquisados.

Subsidiando as discussões do grupo e facilitando o processo de registro dos dados, adotamos os seguintes procedimentos: registramos os encontros do grupo, utilizando gravações digitais de áudio, nas quais as falas dos participantes foram captadas e depois transcritas. Digitamos o conteúdo dos seminários no editor de textos Word 2003. Esse material foi usado para a análise dos encontros e serviu de parâmetro para propormos os redimensionamentos percebidos como necessários pelo grupo durante as reuniões.

O material teórico fornecido foi apresentado ao grupo pela pesquisadora e oportunizou embasamento para as discussões dos seminários. Os textos tiveram como foco o plágio, a pesquisa escolar, o plágio na pesquisa escolar e pesquisa-ação. Foram lidos e discutidos por todos, porém a apresentação ficou a cargo da pesquisadora. O material foi o seguinte:

- TEXTO 1. TAGATA, C. M. **Ética na pesquisa científica - o papel do professor na construção de um cidadão ético**. Rev. Ciên. Jur. e Soc. da Unipar. Umuarama. v. 11, n. 1, p. 115-125, jan./jun. 2008;
- TEXTO 2. FRANCO, M.A.S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- TEXTO 3. THIOLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 1996. Pg. 14-41.
- TEXTO 4. VAZ, T.R.D. **O avesso da ética: a questão do plágio e da cópia no ciberespaço**. Cadernos de Pós-Graduação – educação, São Paulo, v.5, nº 01, p.159-172, 2006.
- TEXTO 5. KROKOSZ, Marcelo. **Abordagem do plágio nas três melhores universidades de cada um dos cinco continentes e do Brasil**. Revista Brasileira de Educação, v.16, nº 48, set-dez-2008.
- TEXTO 6. MATTOS, E.M.A e CASTANHA, A.P. **A importância da Pesquisa Escolar para a construção do conhecimento do aluno no Ensino Fundamental**. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2009/anais/arquivos/1241\\_1359\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/1241_1359_01.pdf), acesso em 15/08/2012.
- TEXTO 7. MORAES, R. **O Plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual**. Disponível em <http://faculdadesocial.edu.br>.
- TEXTO 8. DEMO, P. **Educar pela pesquisa** – 1997, p. 5-14;

No primeiro encontro, fizemos a apresentação da pesquisa aos professores e alunos. Foram especificados o objetivo geral e os objetivos específicos. Houve a justificativa quanto a intencionalidade da pesquisadora e os motivos que condicionaram a escolha do tema. Foi mencionada a pesquisa de mestrado da aluna Regina Costa da Universidade de Uberaba/MG, na qual se investigou o plágio nos anos finais do Ensino Fundamental. Aplicamos questionários para alunos e professores. Neste encontro, foi definido o local definitivo para as demais reuniões.

No segundo encontro, apresentamos a alunos e professores a análise dos dados dos questionários que foram aplicados a 73 estudantes em fase anterior desta pesquisa. Fizemos o grupo focal com os professores.

No terceiro seminário, discutimos o texto 1. Alunos e professores acessaram a Internet e pesquisaram sobre “Disciplina Consciente”. Os sujeitos foram orientados a acessarem o site do Instituto Tecnológico da Aeronáutica – ITA. Fizemos o grupo focal com os alunos. As atividades desse dia, excepcionalmente, tiveram duração de 2h30min.

As atividades do 4º e 5º encontros foram leituras e discussão da bibliografia indicada. O objetivo foi dar suporte teórico aos sujeitos subsidiando a construção das ações de enfrentamento do plágio na pesquisa, o estudo voltou-se para os temas: plágio, ética, moral, pesquisa escolar, ações para minimizar a prática do plágio, pesquisa na internet. Ao final do 5º encontro, começaram a surgir as primeiras sugestões de ações para o enfrentamento do plágio na pesquisa.

No 6º encontro, fizemos apontamentos acerca dos textos e dedicamos tempo e esforços na indicação, seleção e decisão sobre quais ações seriam indicadas pelo grupo. Relembramos as sugestões apresentadas pelos 73 alunos que responderam ao questionário. Por sugestão dos professores e estudantes, foi decidido que haveria a construção de uma cartilha informativa sobre o plágio, falando sobre esse tipo de fraude, suas consequências e exemplificando maneiras de se pesquisar sem incorrer em plágio.

No 7º encontro, a pesquisadora apresentou dados do texto 8 que foram discutidos pelo grupo. Neste seminário, professores e alunos resolveram elaborar além da cartilha, um segundo material para divulgação de informações sobre o plágio. Foi sugerida a criação de uma Fan Page<sup>26</sup>. Alunos e professores pesquisaram na Internet sobre o que é uma Fan Page e modelos disponíveis neste ambiente. Discutimos a viabilidade e quem seriam os responsáveis por operacionalizar tal material.

O 8º e 9º encontros foram dedicados a criação da cartilha e da Fan Page. No 10º e 11º encontros, fizemos a divulgação das ações construídas pelo grupo de estudo, numa fase que chamamos de experimentação dos materiais. O 12º encontro serviu de reflexão sobre as ações criadas e os resultados alcançados.

O resumo dos encontros e suas respectivas atividades encontram-se no quadro 8:

Quadro 8 - Atividades desenvolvidas nos seminários

Encontro	Data	Atividade desenvolvida
1º	21/05/2012	- Apresentação da pesquisa aos sujeitos (tema, justificativa, objetivo geral e objetivos específicos, metodologia e cronograma); - Explicação sobre dissertação de mestrado da aluna Regina Costa (As TICs nos anos finais do Ensino Fundamental: Internet e Plágio); - Aplicação dos questionários aos docentes e discentes;
2º	04/06/2012	- Grupo focal - professores; - Discussão sobre as respostas apresentadas nos questionários;
3º	18/06/2012	- Grupo focal - estudantes;

<sup>26</sup> Fan Page é uma expressão americana que em português significa página de fãs.

		-Leitura e discussão do texto 1; - Explanação sobre a Disciplina Consciente do ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica);
4°	02/07/2012	- Leitura e discussão dos textos 2 e 3;
5°	16/07/2012	- Leitura e discussão dos textos 4 e 5; - Levantamento sobre sugestões de ações a serem tomadas para minimizar o plágio na pesquisa;
6°	23/07/2012	- Leitura e discussão dos textos 6 e 7; - Discussão sobre prós e contras das ações sugeridas pelo grupo; - Definição de ações a serem efetivamente pensadas e executadas; - Início da elaboração da cartilha, seleção de conteúdo, diagramação.
7°	06/08/2012	- Apresentação do texto 8; - Início da elaboração da Fan Page;
8°	20/08/2012	- Retomada da elaboração cartilha.
9°	03/09/2012	- Finalização da cartilha
10°	17/09/2012	- Divulgação da <i>Fan Page</i> em duas turmas
11°	01/10/2012	- Divulgação da Cartilha
12°	22/10/2012	- Discussão sobre os resultados da divulgação da <i>Fan Page</i> e da Cartilha

Fonte: Elaboração própria

No próximo tópico, descrevemos os procedimentos adotados na criação da Cartilha e da Fan Page.

### 2.3.3 Ações

#### *A Cartilha*

O MEC distribuiu várias cartilhas para informar sobre Consumo, Direitos Humanos, Acompanhamento Escolar. Apesar de ser associada a uma criticada forma de alfabetizar, optamos pela cartilha em função da sugestão dos participantes.

Em uma definição simplificada podemos dizer que a cartilha é uma publicação que implica apresentação de informações importantes de forma sintética, didática, clara e simples, exigindo planejamento adequado e adoção de cuidados básicos para a obtenção de um bom produto final. É bastante comum, encontrarmos elaborações deste tipo visando divulgar informações sobre determinados assuntos ou maneiras de agir diante situações diversas.

Para a construção da cartilha foi utilizada a metodologia da Problematização. Esta pode ser usada como procedimento de ensino, de estudo e de trabalho, em situações relacionadas com o contexto. Esta metodologia:

Volta-se para a realização do propósito maior que é preparar o estudante/ser humano para tomar consciência de seu mundo e atuar intencionalmente para transformá-lo, sempre para melhor, para um mundo e uma sociedade que permitam uma vida mais digna para o próprio homem (BERBEL, 1998, p.142).

Seguimos etapas sugeridas do seu desenvolvimento que conduziram os direcionamentos necessários à confecção da cartilha. O propósito foi arquitetar um material que contivesse informações sobre o plágio em pesquisa escolar.

Os estudantes que compuseram o grupo de estudo alertaram sobre a necessidade de criação de um instrumento interessante, colorido e com linguagem simples.

Os passos que seguimos foram: observamos a realidade, levantamento de pontos-chaves, teorizamos e relacionamos hipóteses de solução e aplicação à realidade. A primeira etapa foi a observação da realidade, na qual planejamos a cartilha.

Neste momento, definimos os objetivos do material a ser produzido, identificamos a finalidade (para quê?) e o público-alvo ao qual se destina o material em preparação (para quem?).

O esquema esboçado, na figura 3, ilustra as perguntas orientadoras que nos ajudaram a organizar as ideias nessa fase.

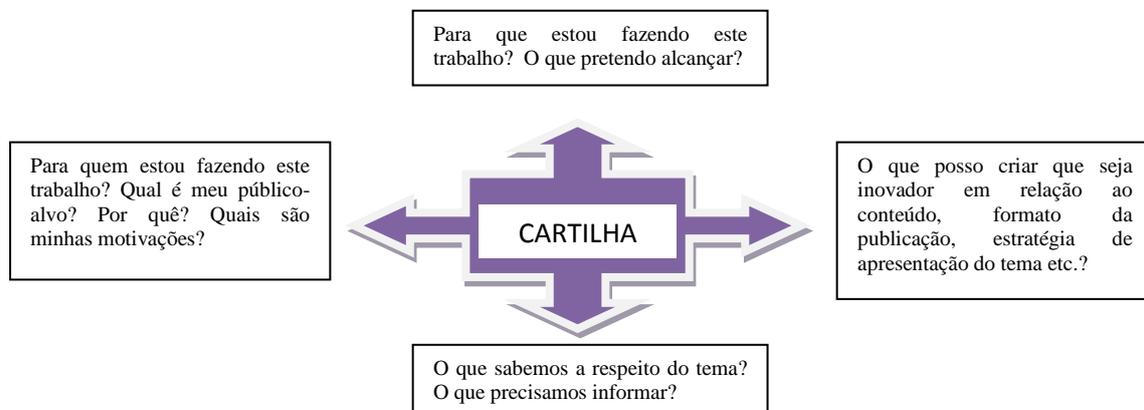


Figura 3 – Perguntas norteadoras para confecção da Cartilha  
Fonte: Elaboração própria

Tendo como ponto de partida as perguntas norteadoras, orientamos os participantes do grupo de estudo a olharem atentamente para a realidade da prática do plágio na pesquisa escolar, previamente levantada mediante análise dos questionários e bastante discutida durante o grupo focal.

Concebemos um instrumento para tratar sobre plágio na pesquisa escolar, possibilitando que os estudantes tivessem acesso a dados sobre a maneira correta de se fazer uma pesquisa sem incorrer nesta prática. Os primeiros esboços do material conduziram o

grupo a discussões em busca do que Berbel (1998) chama de Pontos-chaves. Para realizar as atividades da segunda etapa, pedimos aos professores e alunos que refletissem sobre o problema do plágio e possíveis motivações para tal prática.

Neste percurso de busca, confirmamos que a falta de informação sobre o plágio colabora para a prática dessa fraude. A partir dessa análise reflexiva, os sujeitos foram estimulados a elaborar pontos essenciais que precisavam ser tratados na cartilha, com o objetivo de facultar melhor entendimento sobre o tema abordado.

Na etapa da teorização, buscamos as informações que ilustrariam a cartilha. Apresentamos o conteúdo de maneira sintética, com dados objetivos e linguagem clara. Estes requisitos foram decisivos, pois nosso público alvo era composto por estudantes de 11 a 15 anos. Conteúdos longos, apresentados de maneira pouco criativa poderiam comprometer a eficácia esperada para este instrumento.

Selecionamos o conteúdo garantindo a apresentação de informações que julgamos que seriam fundamentais. A figura 4 especifica em termos gerais seis tópicos/assuntos que compuseram a cartilha.

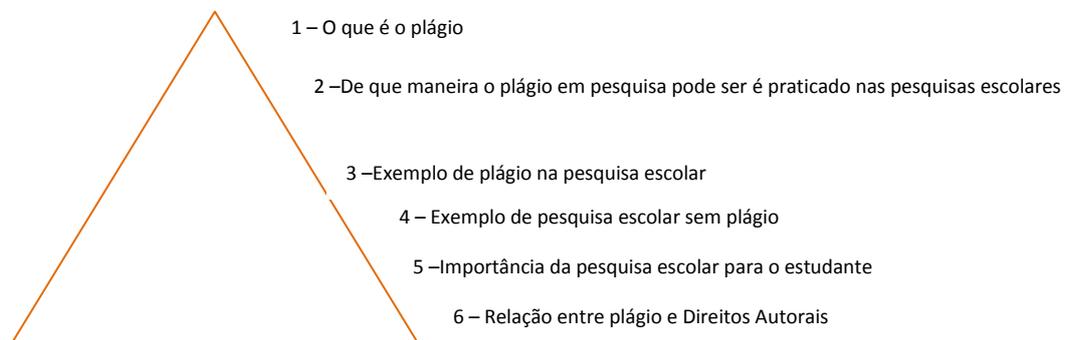


Figura 4 – Tópicos para compor a Cartilha  
Fonte: Elaboração própria

Na quarta etapa, levantamos as Hipóteses de Solução. Neste momento, em virtude das decisões tomadas nas outras fases, elaboramos, de maneira crítica e criativa, uma versão para a apresentação da cartilha. Para esta etapa da metodologia em questão, Berbel (1998, p.143) afirma que “as hipóteses são construídas após o estudo, como fruto da compreensão profunda que se obteve sobre o problema, investigando-o de todos os ângulos possíveis”. Estivemos atentos para evitar a sobrecarga de informações e “poluição” de conteúdos, o que levaria o documento a perder as características básicas de uma boa publicação dessa natureza.

Podemos dizer que nesta etapa criamos a cartilha. Este foi o momento em que todos os participantes se dedicaram a diagramação e formatação do material. Consideramos a

adequação da linguagem e lançamos mão de um recurso diferente, criamos uma espécie de história sequenciada para elucidar as informações. As falas foram reduzidas ao máximo, com o intuito de torná-las simples e compreensíveis.

Sobre o uso de imagens e outros elementos não textuais, o grupo optou por recursos que valorizassem a apresentação, afinal o que mais nos interessava era chamar a atenção dos alunos para o conteúdo da cartilha, tendo como aliadas imagens e ilustrações que facilitassem a percepção de detalhes. Dividimos as etapas de criação da cartilha entre os participantes da pesquisa, para isso levamos em consideração as potencialidades individuais. Aqueles que mais se familiarizavam com digitação de textos, ficaram encarregados desta parte, os que possuíam facilidade em buscar imagens, ilustraram a cartilha e assim por diante. Porém, na medida em que o texto e as imagens iam sendo escolhidas, todo o grupo opinava, discutia e decidia pelo que melhor atendia ao objetivo proposto.

Tivemos, nesta fase da pesquisa, alunos de todos os anos de escolaridade, do 6º ao 9º ano. Esse diferencial facilitou a seleção e adequação das falas e da linguagem utilizada nos diálogos e caixas de textos informativas da cartilha. Terminada a versão final, solicitamos a uma professora de Língua Portuguesa da *EscoPar* que fizesse a correção ortográfica. A quinta etapa foi a Aplicação - Execução da ação, que segundo Berbel (1998, p.8) ancora-se no fato de que “decisões tomadas deverão ser executadas ou encaminhadas”.

Para tanto, apresentamos a cartilha para uma turma do 6º ano na *EscoPar* e outra do 9º ano da *EscoPu*, nesta fase, que chamamos de teste da cartilha, optamos por estas duas turmas, com a convicção de era preciso comprovar a adequação e clareza do conteúdo deste material para estudantes com idade média entre 11 e 14 anos.

A apresentação ocorreu no final do mês de Outubro de 2012, durante o horário normal de aula das turmas selecionadas. Foram necessários dois horários em cada turma, aproximadamente 1 hora e meia. Entregamos uma cartilha para cada aluno e pedimos que eles manuseassem o material por alguns minutos, depois de visualizarem a cartilha, fizemos a leitura da mesma e ao final propomos aos alunos que falassem o que entenderam.

Os estudantes manifestaram suas opiniões, fizeram perguntas e apontaram situações em que praticaram o plágio. Os resultados dessa ação e a cartilha foram citados no Capítulo III.

Segundo dados do Facebook<sup>27</sup>, uma Fan Page é uma interface específica para a divulgação de uma empresa, marca, banda etc. Ao realizar a criação de uma página desse gênero, é possível escolher seu objetivo, conseguindo assim melhor segmentação do público que deseja alcançar.

A Fan Page é, em essência, uma página do Facebook que pode ser seguida pelos usuários e interessados em determinado assunto. Podemos dizer que sua aplicabilidade está fundamentada na disponibilização de um recurso de interação e comunicação cujo foco é condensar dados em um único local, facilitando a consulta pelos interessados.

A ideia da criação de uma Fan Page para informar os estudantes sobre o plágio na pesquisa pareceu-nos inovadora e coerente com a finalidade geral da pesquisa. O objetivo foi disponibilizar no meio virtual, informações e esclarecimentos sobre plágio na pesquisa escolar.

Buscamos nos informar se os alunos das duas escolas investigadas possuíam perfis no Facebook. Rápidas inquirições nas salas de aula nos fizeram perceber que mais da metade dos alunos tem contato e acesso a esta rede social. Realidade que não nos surpreendeu e que não difere do restante do país, principalmente se levarmos em conta dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI<sup>28</sup>, que realizou uma pesquisa com jovens e pais de todas as regiões do Brasil no intuito de apontar como eles lidam com a Internet.

Os resultados da investigação “TIC Kids Online Brasil” foram divulgados recentemente, no mês de Outubro de 2012. A pesquisa mostrou que 70% dos jovens entre 9 e 16 anos têm perfis em redes sociais e 68% usam a internet para navegar em redes sociais. Entre as crianças de 9 a 10 anos, este valor abrange 44% do total. Já entre pré-adolescentes de 11 e 12 anos, o percentual de usuários de redes sociais chega a 71%.

A frequência de acesso é expressiva, 85% dos jovens disseram entrar na web pelo menos uma vez por semana. Já 47% acessam a internet todos os dias. Obviamente que guardadas as devidas particularidades, de forma geral os alunos da *EscoPar* e da *EscoPu* se integram a essas estatísticas.

A criação da Fan Page baseou-se na prerrogativa de que as possibilidades de exploração de estudos em ambientes de interface, como é o caso do Facebook podem servir de aliadas para atividades na área educacional, principalmente se quisermos anunciar algo.

De fato, as influências produzidas na sociedade através dos meios de comunicação amplamente difundidos na atualidade têm provocado modificações no estilo de conduta,

---

<sup>27</sup> Disponível em [www.facebook.com.br](http://www.facebook.com.br), acesso em 02/10/2012.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/index.htm>, acesso em 02/10/2012.

atitudes, costumes e tendências das populações mundiais. As redes sociais potencializam as atividades em grupo, por meio delas os alunos podem se relacionar com outras pessoas. Para Ramal (2012, p.01), estes ambientes são propícios para a “produção coletiva de conhecimento, numa espécie de rede cooperativa de aprendizagem”, pois o modelo unidirecional da comunicação, no qual o professor fala e o aluno ouve, esta sendo substituído pelo modelo das redes em que todos os sujeitos têm vez e voz.

O desenvolvimento do projeto da Fan Page em espaço virtual e informal de encontro permitiu uma construção coletiva e colaborativa aberta. Além disso, o alcance da informação é exponencial, pois uma vez postada ela reflete em um número incalculável de comentários e novas contribuições podem surgir instantaneamente.

Utilizamos o laboratório de informática da *EscoPar* para buscar informações sobre *Fan Pages* disponíveis na Internet e serviram de referência para o nosso trabalho. Encontramos poucas páginas deste tipo voltadas para a área da Educação. A figura 5 contém a imagem de uma Fan Page que foi encontrada durante a busca.



Figura 5 – Fan Page UFES

Fonte: <http://petcefdufes.wordpress.com>, acesso em 06/08/2012

Lendo suas informações, pudemos compreender o funcionamento deste aplicativo e começamos a criar a nossa. O aluno *APar1* pediu para coordenar a criação da página seguindo os passos do Facebook, todos concordaram. O interesse dos alunos, durante essa etapa da pesquisa, superava em muito o dos professores. Essa constatação nos fez pensar que estávamos no caminho certo, afinal o foco era chamar a atenção dos estudantes e estes se mostraram motivados por estarem usando as redes sociais. Iniciamos a digitação dos dados para criar a Fan Page e foi pedido um nome, que representaria a forma pela qual a página seria conhecida nesse ambiente virtual. Os professores e os alunos formularam alternativas e elegeram o nome “Nós não curtimos o plágio”.

Por ser um espaço voltado para a divulgação de informações, buscamos dados para compor a página. Pesquisamos na Internet, vídeos, fotos e materiais afins para iniciarmos a “alimentação” da página. Usamos o Google e o You Tube<sup>29</sup> para essa busca. Os professores e os alunos acessavam os vídeos, assistiam e verificavam a pertinência ao tema, além de observarem a linguagem utilizada nos materiais. Depois disso, escolhemos os que iriam ser introduzidos na Fan Page.

O aluno *APar1* ficou responsável pela inserção dos vídeos, os demais acompanharam este processo. Depois de anexados os vídeos e figuras, professores e estudantes usaram suas contas pessoais no Facebook para acessaram a Fan Page. Assistimos aos vídeos e opinamos sobre os dados que foram colocados na página. Após esse percurso, divulgamos a Fan Page.

Para testar a aceitação dos alunos e verificar se houve interesse pela página criada fizemos a seleção das duas maiores turmas em quantitativo das escolas, sendo uma do 6º ano na *EscoPu* e uma do 9º ano na *EscoPar*. Fomos até as salas de aula e comunicamos aos alunos sobre a Fan Page. Falamos do objetivo da página e indicamos como os estudantes deveriam proceder para buscarem, localizarem e acessarem a Fan Page “Nós não curtimos o plágio”. Pedimos aos alunos que visitassem a página, acessando o material disponível, assistindo os vídeos e postando comentários.

Os resultados foram apresentados no Capítulo 3.

---

<sup>29</sup> Google é um site de busca da Internet e o You tube é um site que permite aos usuários carregarem e compartilharem vídeos e fotos em formato digital.

### 3 RESULTADOS E AÇÕES

Neste capítulo, são apresentadas as análises e interpretações dos dados coletados em cada etapa da pesquisa. Interpretamos os dados dos questionários, do grupo focal e elencamos as ações produzidas durante os seminários, que foram a Cartilha e a Fan Page. O objetivo foi construir juntamente com professores e estudantes ações que pudessem minimizar a prática do plágio na pesquisa.

#### 3.1 A investigação por Questionários

As matrizes de análise confeccionadas para o questionário dos professores e dos alunos foram fundidas em uma única matriz e a partir dela analisamos os tópicos do instrumento. Condensamos os itens levando em consideração as similaridades entre os enunciados e os objetivos das questões. O quadro 9 mostra o agrupamento que foi feito.

Quadro 9 - Matriz de Análise dos Questionários

	QUESTÕES	OBJETIVOS
Questões comuns ao professor e ao aluno	<i>Definição</i> Questão de nº 01	Identificar como professor e aluno definem o que é plágio.
	<i>Fontes de Pesquisa</i> Questão de nº 2 (aluno) e nº 4 (professor)	Identificar quais fontes o aluno utiliza nas suas pesquisas e verificar se o professor julga importante a citação de tais fontes.
	<i>Objetivos de uma pesquisa escolar</i> Questão de nº 5 (alunos) e de nº 5 (professor)	Identificar quais são os objetivos de uma atividade de pesquisa escolar na perspectiva de professores e alunos.
	<i>Ações para minimizar a prática do plágio em atividades de pesquisa escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental?</i> Questão de nº 8 (aluno) e de nº 9 (professor)	Identificar quais ações podem ser tomadas por alunos e professores para minimizar a prática do plágio em atividades de pesquisa escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.
Específicas do questionário dos alunos	<i>Citação de fontes</i> Questão de nº 3	Perceber se os alunos citam ou não as fontes consultadas.
	<i>Cometimento de plágio</i> Questão de nº 04	Identificar se o aluno já cometeu plágio em atividades de pesquisa escolar.
	<i>Procedimentos</i> Questão de nº 6	Identificar os procedimentos adotados pelos estudantes para pesquisarem.
	<i>Utilização de cópias de textos</i>	Perceber se os alunos usam ou não cópias de textos em suas

	Questão de nº 7	pesquisas escolares.
Específicas do questionário dos professores	<i>Influência do plágio na formação educacional do aluno</i> Questão de nº 2	Identificar se o professor associa o plágio a um problema educacional
	<i>Orientação</i> Questão de nº 3	Identificar como o professor orienta seu aluno para pesquisar
	<i>Identificação do plágio</i> Questão de nº 6	Saber se o professor já identificou plágio na pesquisa de seus alunos.
	<i>Busca por plágio</i> Questão de nº 7	Identificar as maneiras utilizadas pelos professores para averiguarem se as pesquisa escolares de seus alunos tem ou não plágio.
	<i>Motivações para o plágio</i> Questão de nº 8	Conhecer as aceções do professor sobre os condicionantes do plágio estudantil

Fonte: Elaboração própria

Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos duas aplicações informáticas, o editor de texto Word 2003, no qual digitamos as respostas dadas nos questionários, na ordem em que estavam listadas no instrumento, de maneira que ao final da digitação tínhamos elencadas as respostas de todos os sujeitos, item por item. Separamos os dados, questão por questão e usando os aplicativos do software Excel, versão 2003, apresentamos o compilado das respostas em forma de gráficos, para melhor visualização dos dados coletados.

A seguir é apresentado o tratamento estatístico dado às respostas, na seguinte ordem: Tópico 1 - Questões específicas do questionário dos estudantes, Tópico 2 - Questões específicas do questionário dos professores e Tópico 3 – Questões comuns a professores e estudantes. O objetivo foi tratar conjuntamente os itens similares e separadamente os demais, respeitando as particularidades de cada grupo de sujeitos inquiridos.

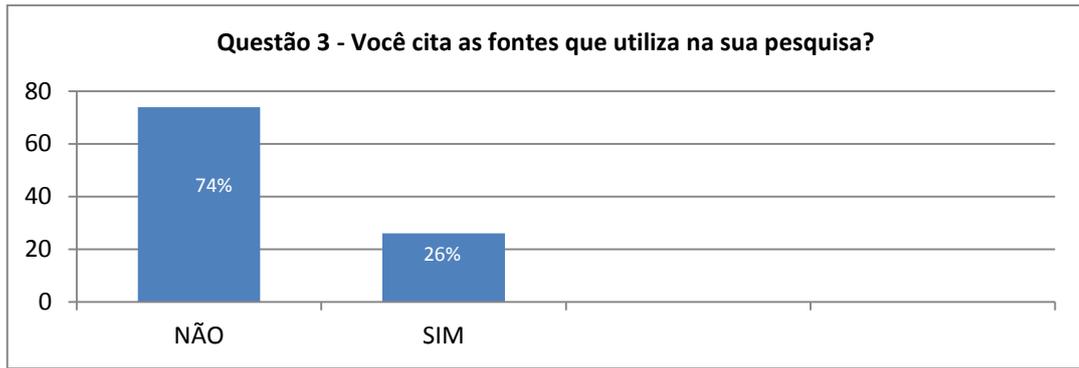
## **Tópico 1 – Questões específicas do questionário dos estudantes**

### **Fontes de pesquisa e citação**

#### *Estudantes*

Questionamos os alunos se eles citam as fontes que costumam utilizar nas suas pesquisas e, em caso afirmativo, pedimos para eles dizerem como faziam essa citação. Em 74% dos instrumentos a resposta a essa questão foi NÃO, conforme quadro 10. A maioria dos alunos consulta fontes durante suas pesquisas sem preocupar-se em citá-las.

Quadro 10- Posicionamento dos alunos com relação a ação de citar a fonte consultada nas pesquisas



Fonte: Elaboração própria

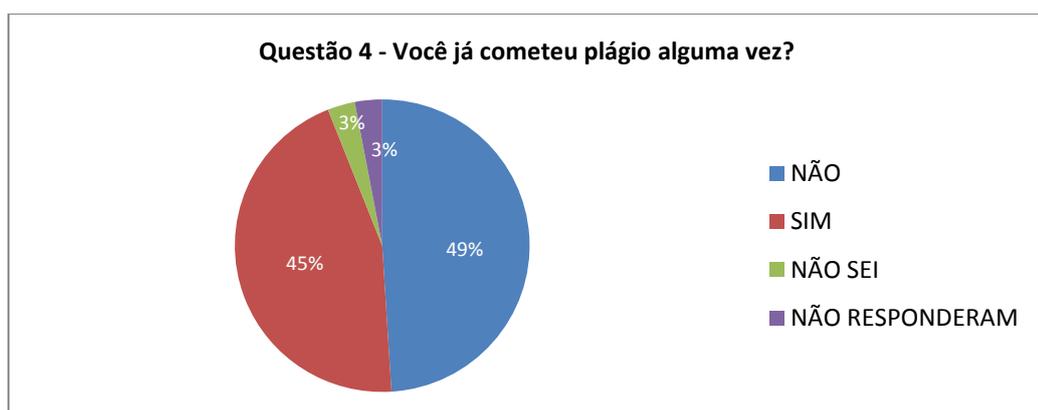
Dos 26% que afirmaram fazer citação, 10% fazem após terminarem o trabalho, colocando o nome do livro ou mesmo o endereço do site consultado, os outros 16%, apesar de dizerem que citam as fontes, afirmaram que só colocam estes dados na pesquisa, condicionados ao fato do professor exigir que cite ou perguntar oralmente a eles de qual fonte o material apresentado foi retirado. Parece-nos que a princípio estes 16% também estariam somados aos 74% que garantem não fazer nenhum tipo de citação. Pensando assim, 90% dos estudantes não citam as fontes em seus trabalhos de pesquisa.

## A prática do plágio

### *Estudantes*

Na questão de número 4, indagamos aos alunos se eles já cometeram o plágio alguma vez. Em caso afirmativo eles deveriam dizer porque plagiaram. Ao responderem esta questão, 49% dos alunos afirmaram NÃO haver cometido plágio nenhuma vez; 45% assumiram já ter cometido; 3% disseram não saber se já plagiaram, alegando desconhecer o que é plágio e outros 3% não responderam a esta questão. Veja quadro 11.

Quadro 11 - Resposta dos alunos com relação a prática do plágio.



Fonte: Elaboração própria

Esse resultado reiterou o fato de que muitos alunos confundem o que é plágio. Apesar de 49% dos estudantes dizerem que não cometem plágio, uma porcentagem maior assumiu na questão anterior, que não fazem citações.

Pedimos aos alunos que, em caso afirmativo, escrevessem os motivos que os levaram a plagiar nas pesquisas. Dos 32 que responderam que já plagiaram alguma vez, dez afirmaram que o fizeram para tirar notas altas; cinco porque foi mais fácil plagiar do que fazer a atividade sozinho; quatro porque não sabiam como fazer ou não entenderam as explicações dos professores; três por preguiça de pesquisar; três disseram que cometeram plágio porque não sabiam que o que estavam fazendo era plágio; dois por falta de tempo de pesquisar adequadamente fazendo as devidas citações; outros três plagiaram porque tinham dúvidas sobre o trabalho; um por hábito de plagiar e mais um aluno disse que plagiou porque não mencionou as fontes pesquisadas.

A maioria que admite plagiar o faz para tirar notas altas (33%), por ser mais fácil (27%) e por não entenderem as explicações do professor (16%). Os dados que representam a motivação da maioria dos alunos questionados, demonstram que a atividade de pesquisa em sala de aula, está atrelada a obtenção de notas ou conceitos.

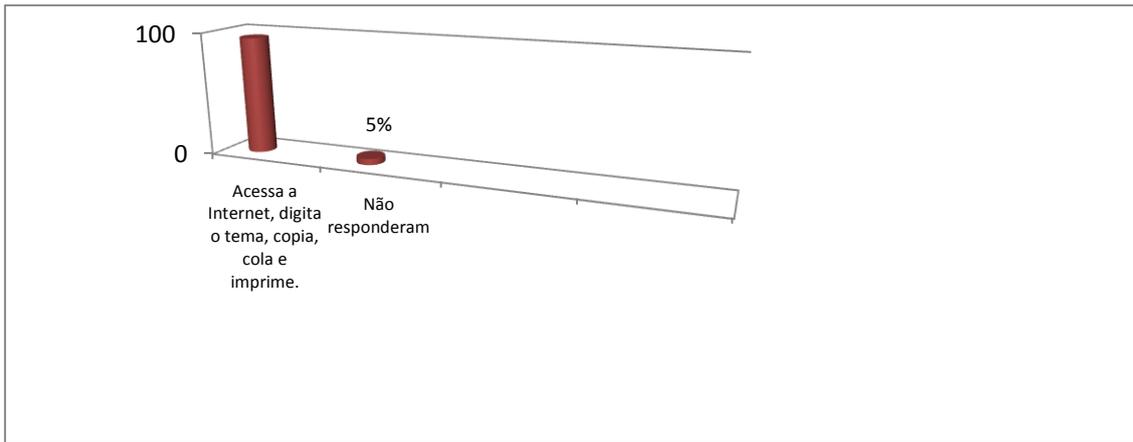
## **Procedimentos**

### *Estudantes*

Pedimos aos alunos que descrevessem como fazem as atividades de pesquisa desde o momento em que são solicitadas pelo professor até a entrega do texto. Para 95% dos alunos, as ações se resumem a acessar a Internet, digitar o tema, copiar trechos de um ou de vários sites, colar os dados em algum editor de texto, imprimindo o que apareceu na página da web e entregar para o professor na data combinada. Não responderam esta questão 5% dos alunos, conforme disposto no quadro 12.

Quadro 12 – Procedimentos de pesquisa

95%



Fonte: Elaboração própria

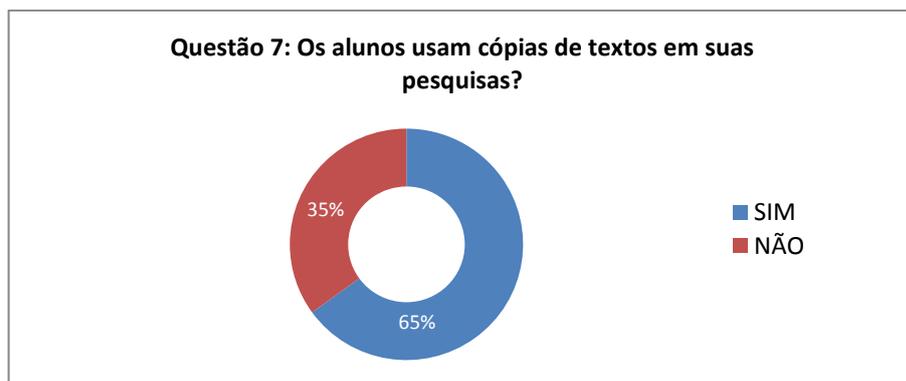
Os alunos não mencionaram se citam as fontes, porém, na questão 3 esse dado já foi tratado, 74% dos alunos disseram que não citam fontes em suas pesquisas.

## Uso de cópias de textos

### *Estudantes*

Perguntamos se os estudantes usam cópias de textos em suas pesquisas e 65% disse que SIM, o restante 35% disse que NÃO.

Quadro 13 - Uso de cópias de textos em pesquisas



Fonte: Elaboração própria

Pedimos que os alunos dissessem por que usam cópias de textos. Os fatores apresentados foram: 70% dos alunos disse que é devido à facilidade e rapidez para acesso às informações; 12% por preguiça de pesquisar; 8% por desconhecer o assunto da pesquisa; 6% porque acreditam que pesquisar é usar cópias e para 4% a falta de interesse pelo tema é determinante para que eles copiem.

Esses dados reiteram os obtidos na questão 4 sobre o plágio ser praticado pela facilidade de acesso às informações e/ou preguiça.

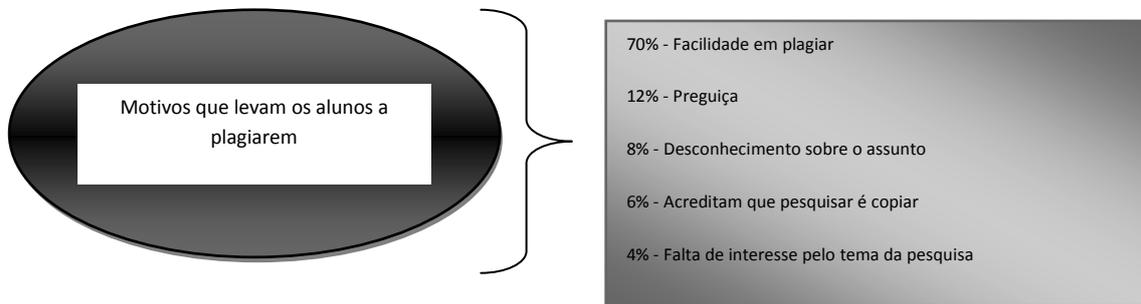


Figura 6- Motivos que levam os alunos a plagiar  
Fonte: Elaboração própria

## Tópico 2 - Questões específicas do questionário dos professores

### Influência do plágio na formação do estudante

#### *Professores*

Perguntamos aos professores como eles veem a prática do plágio no processo de formação dos estudantes, um professor disse que a vê com decepção porque para ele os professores ensinam valores e os alunos parecem se esquecer todas as vezes que cometem fraudes nas atividades escolares; dois afirmaram que sentem-se preocupados; um atribui a prática um caráter de desrespeito a figura do professor, afirmando que os alunos nem lêem o que entregam; um disse que o plágio colabora para a má formação do aluno, que se utiliza de meios ilícitos e imorais para conseguir nota e ser aprovado; para cinco professores esse tipo de atitude do estudante compromete sua formação ética e cidadã, deturpando valores como respeito, verdade e honestidade. Todos concordaram que são necessárias ações para combater o plágio.

Os professores manifestaram preocupação e entendimento sobre o plágio comprometer a formação ética e cidadã. Entretanto, nenhum deles relacionou a prática à aquisição ou não de conhecimentos.

### Orientação

#### *Professores*

Perguntamos aos professores de que forma eles orientam as pesquisas de seus alunos e neste tópico, cindo docentes disseram que as orientações das pesquisas escolares encontravam-se descritas nas apostilas e que cabia aos alunos segui-las. Aos professores cabia

verificar se os alunos seguiram as instruções (contidas nos livros e apostilas) e, em caso de dúvidas, eles esclareciam aos alunos.

É oportuno dizer que responderam ao questionário, docentes de duas escolas. Na *EscoPu*, os professores adotam livros didáticos fornecidos pelo MEC. Na *EscoPar*, eram adotadas apostilas específicas de uma rede de ensino, que produz e fornece este material a alunos e professores. Consultamos estas apostilas e verificamos que as atividades de pesquisa citadas possuem breves explicações sobre o passo a passo que o aluno deve seguir. Observamos, neste caso, que não há orientações para os alunos citarem as fontes que forem consultadas.

O que nos leva a afirmar que, em ambas as unidades escolares, informar e orientar os estudantes sobre fontes consultadas e citação, maneiras que vemos de minimizar o plágio na pesquisa, continuam sendo de competência e de iniciativa do professor.

Para outros três professores, a orientação era feita de forma breve, indicam o tema a ser pesquisado e explicam rapidamente sobre o assunto; dois afirmaram que orientam as pesquisas quando pedem o tema e sugerem fontes de consulta como livros, apostilas, revistas ou mesmo sites; um professor disse que primeiro pede que os alunos pesquisem, depois em sala de aula ele falava sobre o tema ou assunto.

Esses dados mostram que as pesquisas ficam, quase que inteiramente, a cargo dos alunos, cabendo aos professores apontar o tema ou a atividade das apostilas e livros. Com relação à citação, nenhum professor mencionou que pede que ao aluno que cite as fontes pesquisadas e nem orienta sobre como fazer essa referência.

## **Identificação do plágio**

### *Professores*

Perguntamos aos docentes se eles já identificaram a prática do plágio em pesquisas de seus alunos e todos afirmaram que SIM.

Depois, indagamos se eles buscavam identificar o plágio e, em caso afirmativo, pedimos que dissessem de que maneira faziam isso. Nove professores afirmaram que buscavam indícios de plágio, fazendo a leitura das pesquisas entregues pelos alunos. Eles argumentaram que sabiam a maneira como os alunos escreviam, seu vocabulário e possibilidades linguísticas e tudo que fogia a esse parâmetro de “normalidade”, para eles era plágio.

Somente um profissional disse que não tentava identificar plágio nas pesquisas, porque para este o mais importante era valorizar o esforço do aluno para entregar a pesquisa, mesmo que ele tenha cometido plágio.

As respostas indicam que o plágio era percebido pelos professores e que estes buscavam alternativas para identificá-lo, contudo, não há indícios de que buscavam formas de combatê-lo.

## Motivações para a prática do plágio

### *Professores*

Na oitava questão, perguntamos a que os professores atribuíam o plágio em atividades de pesquisa. Todos responderam e observamos que cada um deles indicou uma razão diferenciada para a prática do plágio.

Embora pudéssemos descrevê-las agrupando-as por similaridade, optamos por apresentá-las separadamente no quadro 14, da maneira como foram nomeadas pelos sujeitos, valorizando a integralidade das percepções dos mesmos.

Quadro 14 – Porque os alunos praticam o plágio

Professores	Razões indicadas
Professor 1	“O aluno não presta atenção quando o professor explica o que pesquisar”
Professor 2	“Preguiça dos alunos em ler o conteúdo antes de copiá-lo”
Professor 3	“Os alunos não sabem o que é plágio”
Professor 4	“Não se valoriza a pesquisa como deveria”
Professor 5	“Os alunos não gostam de pesquisas, preferem receber o conteúdo pronto em forma de texto”
Professor 6	“Falta de tempo devido a inúmeras matérias e atividades extra classe”
Professor 7	“O projeto político pedagógico não valoriza a pesquisa, somente as avaliações bimestrais”
Professor 8	“O professor não acha importante verificar se o aluno cometeu plágio em suas pesquisas, não olha e o aluno acha certo continuar plagiando”
Professor 9	“Não se fala sobre plágio nas escolas, nem nas reuniões pedagógicas”
Professor 10	“É mais fácil copiar tudo da Internet do que ler, entender e criar um texto com opiniões próprias”

Fonte: Elaboração própria

Dentre os motivos apresentados pelos professores, nos chamou atenção o fato de afirmarem que existe falta de entendimento e conhecimento dos alunos sobre o que seja o plágio. A ausência de tratamento do assunto na escola e a facilidade que o aluno encontra ao procurar material na Internet e, conseqüentemente, plagiar, preponderaram nas respostas. Esses dados reiteram a necessidade de informar os estudantes sobre a temática.

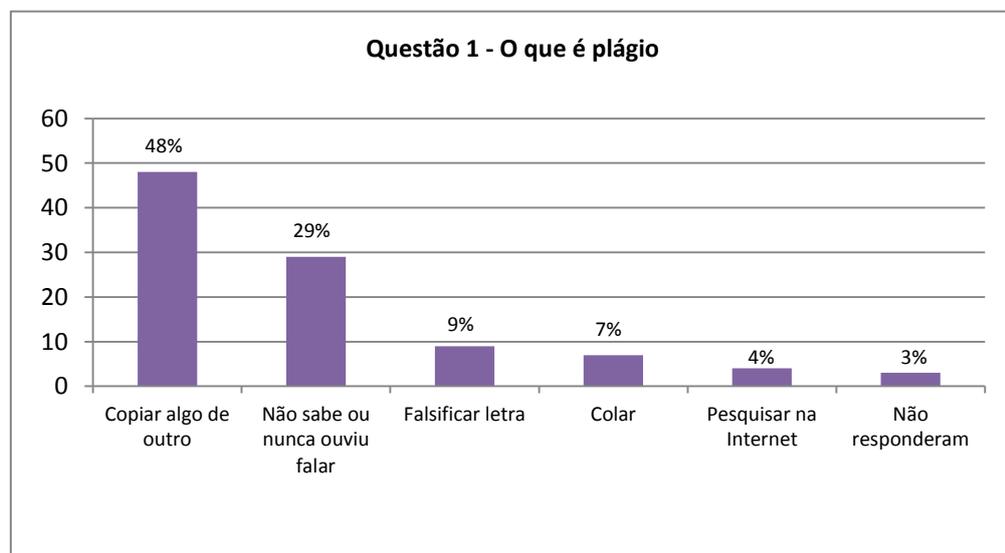
### **Tópico 3 - Questões comuns ao professor e ao estudante**

#### **Definição do que é plágio.**

##### *Estudantes*

Dos 73 alunos que responderam aos questionários, 48% afirmaram que plagiar é copiar algo de outro, destes 75% complementaram a resposta dizendo que é copiar algo de terceiro sem a devida autorização, o que segundo eles gera uma apropriação indevida; 7% manifestaram acreditar que plágio é o mesmo que cola, outros 4% escreveram que fazer pesquisa na Internet é plágio. Não sabem o que é plágio ou nunca ouviram falar sobre tal temática, 29% dos alunos; 9% atribuem o ato de plagiar a uma falsificação de letra, assinatura ou ideias e dois alunos, 3% do total de sujeitos participantes, não responderam esta questão.

Quadro 15 - Definição de plágio



Fonte: Elaboração própria.

Os dados confirmam o que já foi levantado na questão 7, na qual a maioria dos estudantes disse compreender que pesquisar é copiar. O que nos chama a atenção é que para a maioria copiar também é plágio.

##### *Professores*

Para três docentes, plágio é o ato de fazer uma cópia sem autorização do autor; um identificou o plágio como sendo uma apropriação de material de autoria de terceiro sem fazer as devidas citações; um afirmou que plagiar é fazer cópias de partes de livros e utilizá-los na sala de aula; dois disseram que plágio é o que ocorre quando alguém acessa a internet e imprime páginas da web; três nominaram plágio como um crime contra os direitos autorais.

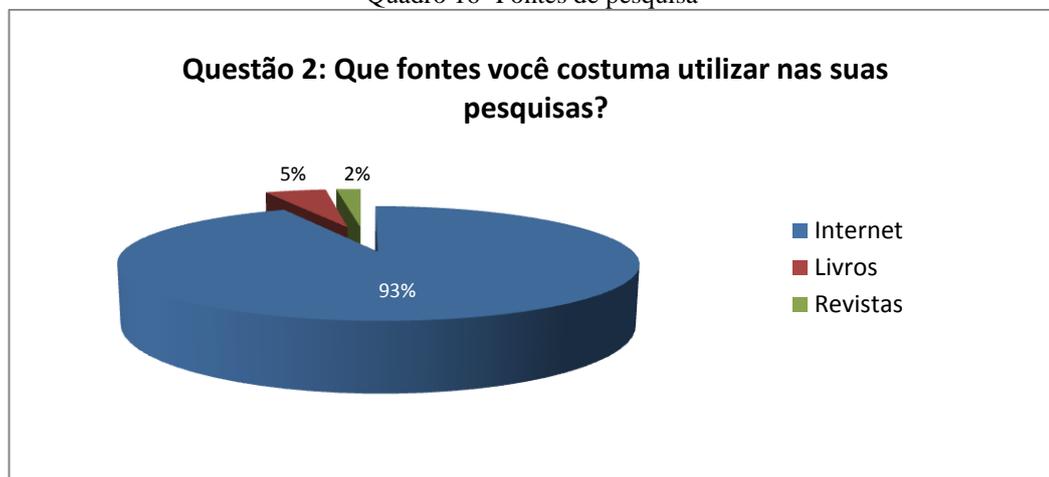
É possível inferir que os docentes entendem o plágio como sendo cópia, da internet, de livros ou outras fontes, entretanto, sabemos que o problema não reside unicamente na cópia, é preciso que a cópia seja feita sem que haja menção ao autor do material pesquisado, ou que a mesma aconteça de maneira inadequada.

## Fontes de Pesquisa

### *Estudantes*

Perguntamos aos estudantes quais fontes eles utilizam nas suas pesquisas e 93% disseram ser a Internet, 5% livros e 2% revistas.

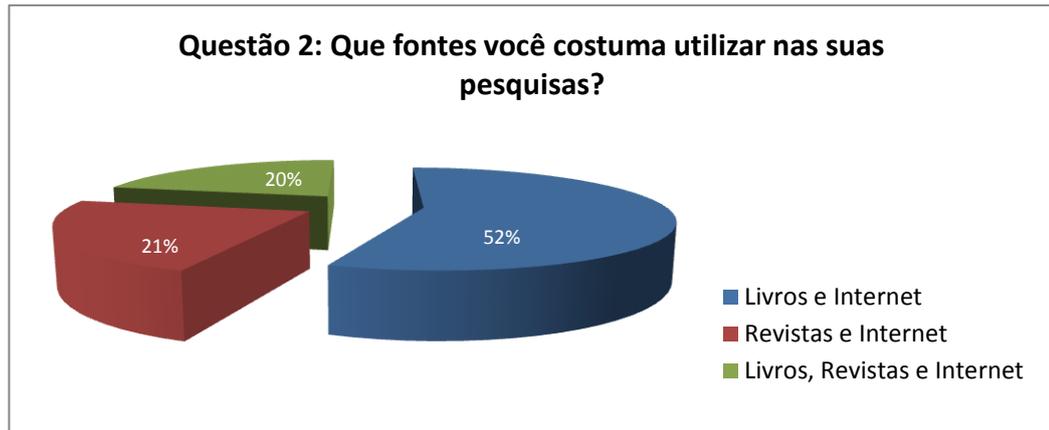
Quadro 16- Fontes de pesquisa



Fonte: Elaboração própria

Dos 93% que usam a Internet, 52% a utilizam associada a consultas a livros; 21% a revistas e 20% mesclam Internet, livros e revistas.

Quadro 17 - Internet associada a outras fontes de pesquisa



Fonte: Elaboração própria

Observamos neste tópico que o uso da Internet retratado isoladamente representa a maior parte da preferência dos alunos ao fazerem suas pesquisas.

### *Professores*

Perguntamos, na questão de número 4 do questionário, o que eles consideram importante que o aluno informe com relação as fontes pesquisadas. Para cinco professores, o importante é que os alunos consultem as indicações que encontram-se previamente selecionadas nas apostilas, neste caso, informar a fonte não é importante, desde que sigam as orientações do material; três disseram que o conteúdo é mais importante que a citação das fontes; dois afirmaram que colocar no final da pesquisa a fonte consultada, como sites ou livros é importante para complementar a pesquisa.

Verificamos que para a maioria dos professores citar a fonte pesquisada não é essencial. Para metade dos docentes, o fato do aluno consultar algum material indicado o desobriga a citar a fonte, mesmo que o aluno faça uma cópia deste material. Somando os cinco professores que pensam assim, aos outros três que acreditam que o conteúdo é mais importante que a citação, temos oito professores que de alguma forma não veem necessidade e nem importância na citação das fontes.

Isso nos permite inferir que se não consideram importante citar as fontes, provavelmente, não discutem com os estudantes sobre essa citação e não orientam sua colocação nas pesquisas. Diante disso, parece natural que os estudantes pratiquem o plágio.

### **Objetivos das atividades de pesquisa escolar**

#### *Alunos*

Perguntamos quais os objetivos do professor ao pedir uma pesquisa. Dos 73 estudantes que responderam ao questionário, 37% disseram que o objetivo do professor ao pedir uma pesquisa é distribuir nota; 35% acreditam que seu objetivo está relacionado com o aprendizado do aluno, no sentido de ampliá-lo ou incentivá-lo; para 21% os professores querem saber o que o aluno aprendeu sobre uma matéria que foi explicada em sala de aula; 5% não sabem o que querem os professores; 1% afirmaram que é para ensinar o aluno como pesquisar e outros 1% entendem que o objetivo seja castigar os alunos que não prestam atenção na aula exigindo deles atividades extraclasse.

Parece que somente 35% entendem a pesquisa como atividade de formação, ou seja, parte do processo de ensino e aprendizagem. A maioria, 58% vê como parte da avaliação. Esses dados relacionam-se com a questão 4, na qual 33% dos estudantes afirmaram que o objetivo da pesquisa é tirar notas altas.

### *Professores*

Perguntamos aos professores quais são seus objetivos ao requisitarem pesquisas aos alunos e três afirmaram que objetivam ampliar o conhecimento dos estudantes sobre um conteúdo visto na sala de aula; dois afirmaram que pedem pesquisa como alternativa para distribuição dos pontos destinados às avaliações; um apontou como objetivo reforçar os conteúdos trabalhados em sala de aula; dois afirmaram que pedem pesquisas com o intuito de extrapolar o conteúdo dos livros didáticos e outros dois pedem que os alunos façam pesquisa como atividade extraclasse para memorizar conteúdos.

As respostas dos professores são semelhantes as dos alunos. Somando os 37% que acreditam que o professor tem como objetivo distribuir nota, aos 21% que veem como maneira de verificar a aprendizagem de conteúdo, temos 48% que aponta a avaliação, ou a obtenção de nota, como objetivos da pesquisa. O mesmo acontece com os professores, para metade deles, pedir pesquisa é para reforçar conteúdo, distribuir nota ou como forma de memorizar informações.

### **Sugestões de ações para minimizar a prática do plágio em atividades de pesquisa escolar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.**

### *Alunos*

Para 63% dos estudantes, a orientação sobre o que é plágio e como se fazer adequadamente uma pesquisa é a ação mais indicada para minimizar sua prática; 18% disseram não saber que ações poderiam ser tomadas; 16% não responderam esta questão; 1% sugeriu releitura dos textos feitos pelos alunos, modificando algumas palavras; 1% citou a proibição da cópia em pesquisas escolares e 1% afirmou que exigir honestidade dos alunos contribuiria para tal intento.

Quadro 18 – Sugestões dos alunos para minimizar o plágio

Ação Sugerida	Percentual de citação
“Fazer releitura, modificando o texto original”	1%
“Não sugeriu nenhuma ação”	18%
“Proibir a cópia”	1%
“Professores orientarem sobre o que é plágio”	63%
“Exigir que o aluno seja honesto”	1%
“Não responderam essa questão”	16%

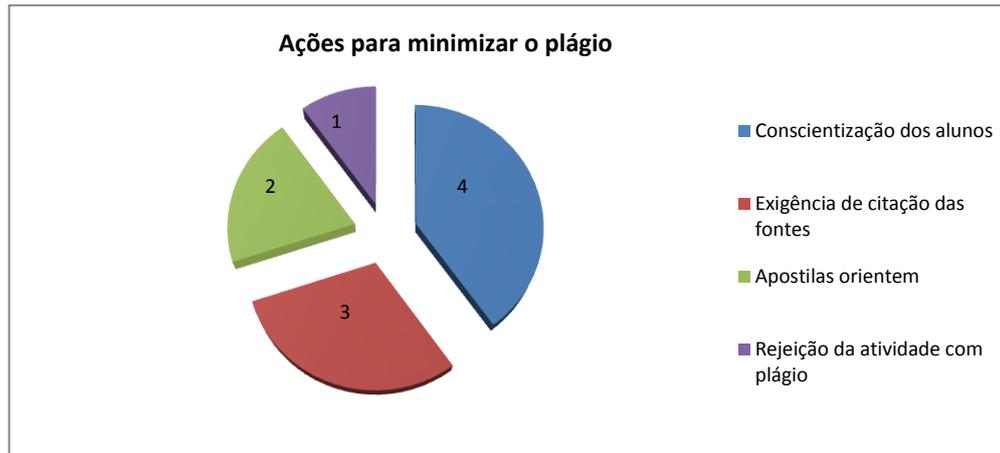
Fonte: Elaboração própria

Nos chamou a atenção o fato da maioria dos alunos identificar como ação mais indicada ao combate do plágio, a informação dada pelos professores sobre o assunto, demonstrando que os estudantes associam a prática a ausência de conhecimento.

#### *Professores*

Dentre as ações citadas pelos professores para minimizar o plágio, quatro afirmaram que era preciso conscientizar os alunos sobre as implicações éticas e morais advindas dessa prática, no entanto, não houve indicação de quem deveria fazê-lo, três professores sugeriram exigir dos alunos que citem as fontes; dois disseram que as especificações das apostilas deveriam informar melhor os alunos, um professor apontou como sugestão que os professores rejeitassem atividades com plágio e que os pontos atribuídos para essa atividade fossem retirados integralmente.

Quadro 19 – Sugestões dos professores para minimizar o plágio



Fonte: Elaboração própria

Diante do exposto, podemos inferir que existe uma necessidade premente de informar os alunos sobre o que é plágio. As sugestões indicam que os alunos não tem conhecimento sobre essa prática. Os professores sugeriram que os alunos precisam ampliar seu conhecimento e a nosso ver este fator está intimamente ligado à informação sobre o plágio. A forma de combatê-lo ou minimizar sua ocorrência, passa pela estruturação e sistematização do ensino sobre o tema.

Este trabalho é o exemplo do que pode ser feito. A busca por ações voltadas à informação sobre o plágio é uma das maneiras de se ensinar sobre o assunto.

### 3.2 Grupo Focal

Nesta parte, apresentamos os dados colhidos com aplicação do grupo focal e sua respectiva análise e interpretação. Elencamos nos quadros 20 e 21 as concepções dos professores e estudantes sobre o que é plágio.

Quadro 20: Concepções dos docentes da *EscoPar* e da *EscoPu* sobre o que é plágio

Sujeitos	Unidade de registro	Unidade de sentido	Categoria
P1, P5 e P10	“...acho que plágio é quando copiamos todo um texto de outra pessoa e o utilizamos como nosso. É algo ilegal, mas que todo mundo faz.”	Copiamos todo um texto	Cópia
		Utilizamos como nosso	Apropriação
		Ilegal	Ilegalidade
		Todo mundo faz	Universal
P2	“...algo muito complexo, porque todo mundo comete o plágio. Apesar dele ser errado, com tanta informação na atualidade é difícil encontrar quem não faça plágio”	Todo mundo comete o plágio	Universal
		Ser errado	Inadequado
		Difícil encontrar quem	

		não faça plágio	Universal
P3	“é um fenômeno que acontece muito na escola, ... os alunos não citam fontes, ....não lêem o que escrevem, aí copiam e colam tudo..., isso é plágio”	Acontece muito na escola Copiam e colam tudo	Frequente Cópia
P4	“Apropriar-se de um trabalho que não é seu...com o tempo isso passa a ser uma ideia sua...encontrar pronto e copiar”	Apropriar-se de um trabalho Encontrar pronto e copiar	Apropriação Cópia
P6	“É uma cópia fiel de um trabalho ou de parte de um trabalho que já está pronto.”	Cópia fiel	Cópia
P7 e P8	“Plagiamos quando xerocamos partes de livros, pegamos textos de outros autores, usamos material que não é nosso....plágio é algo errado, porém comum nas escolas...”	Pegamos textos de outros Algo comum nas escolas	Inadequado Frequente
P9	“É um roubo de intelecto...quando eu não gasto tempo, energia para produzir um texto e utilizo o que outro fez.”	Roubo de Intelecto Utilizo o que outro fez	Apropriação Cópia

Fonte: Elaboração própria

Como podemos perceber seis professores descreveram o plágio como “cópia”, “prática comum” e “algo errado”, confirmando nossa ideia que o plágio é percebido pelos professores e é uma prática frequente nas escolas. Em contrapartida, eles disseram que é uma prática inadequada, precisando, portanto, ser combatida. Os demais docentes (Furto, Ilegalidade, Xérox) o associaram a atos ilícitos, desonestos. Também no grupo focal foi manifestada a ânsia por mudança, pelo combate ao plágio.

As categorias Cópia, Apropriação e Frequente, foram as mais utilizadas pelos professores. A categoria Inadequado apareceu com menor frequência, o que nos faz pensar que caracterizar a prática é mais fácil que julgá-la. Ao apontar características, diferentemente de quando se emite julgamento, não ocorre imbricação na situação, podendo permanecer distante do problema e de possíveis soluções.

Quadro 21: Concepções dos discentes da *EscoPar* e da *EscoPu* sobre o que seja plágio

Sujeitos	Unidade de registro	Unidade de sentido	Categoria
A1	“...Nunca ouvi falar o que é plágio.”	Nunca ouvi falar	Não sabe
A2	“...Acho que é o mesmo que colar, ou alguma coisa parecida com isso.”	O mesmo que colar	Colar
A3	“...é ler uma coisa e fazer um resumo.”	Ler e fazer resumo	Resumir
A4	“...Não sei.”	Não sei	Não sabe

A5	“Plágio é copiar o trabalho da Internet.”	Copiar da Internet	Cópia
A6	“Nunca ouvi falar sobre plágio na escola.”	Nunca ouvi falar	Não sabe
A7	“Acho que é quando colo na prova.”	Colo na prova	Colar
A8	“Não sei o que é isso.”	Não sei	Não sabe

Fonte: Elaboração própria

Para quatro estudantes, o plágio é desconhecido ou eles não souberam definir o que é (“Não sei”, “Nunca ouvi falar”). De fato, para metade dos alunos a terminologia é desconhecida. Percebemos que uma hipótese provável para a prática do plágio nas pesquisas pode estar relacionado a este desconhecimento manifestado pelos alunos. Os outros quatro sujeitos (Colar, Cópia e Resumo) relacionam de forma superficial o que seja plágio. Reiterando os resultados, buscamos dados apresentados por Costa (2012) ao questionar os alunos se sabiam o que é plágio e 68% deles disse não saber. O mesmo se repete com relação aos docentes, para estes 61% dos alunos não sabem o que é plágio. (COSTA, 2012, p.78).

Essa constatação alerta para a necessidade de se incluir nas discussões das salas de aula ou em momentos específicos de instrução, sobre como deve ser feita uma pesquisa escolar. Informando os estudantes sobre fraudes escolares e maneiras de evitá-las.

Os quadros 22 e 23 descrevem, respectivamente, as formas utilizadas pelos docentes para orientar seus alunos para fazerem atividades de pesquisa e a maneira como os estudantes executam essas atividades.

Buscamos confrontar a maneira indicada pelos professores ao procedimento manifestado pelos alunos no momento em que efetuam buscas por material a ser pesquisado.

Quadro 22 – Forma que docentes orientam seus alunos para pesquisarem

Sujeitos	Unidade de registro	Unidade de sentido	Categoria
P1, P3, P6, P8, P10	“...pedimos que façam como está especificado na atividade da apostila, o material usado na sala de aula ensina como”	Façam como está especificado na apostila	Seguir especificação da apostila
P2	“...peço que leiam, procurem em livros, revistas e jornais, ou até na Internet e retirem as partes mais interessantes...oriento que leiam bastante”	Procurar e retirar partes interessantes	Cópia
P4	“Peço que leiam o livro didático e se não tiver tudo ali que pesquisem sobre o	Leiam o livro didático e pesquisem	Cópia

	assunto”		
P5	“...falo com os alunos que não quero cópia da Internet, se quisesse eu mesmo iria lá...separo material para consulta e peço que copiem o mais importante”	Separo material para consulta e peço que copiem o mais importante	Cópia
P7	“...na maioria das vezes falo o tema e peço para eles pesquisarem”	Falo o tema e peço que pesquisem	Cópia
P9	“Quando os alunos tem dúvidas sobre a matéria...peço que pesquisem na Internet...eles gostam mais da Internet...aí peço que copiem o que entenderam”	Peço que copiem o que entenderam	Cópia

Fonte: Elaboração própria

Para sete professores da *EscoPar* e da *EscoPu*, a forma de orientar os estudantes para uma pesquisa se resume a especificar um tema e pedir que eles leiam algum material que pode ou não estar previamente separado e que copiem. Além disso, os docentes entrevistados não apontaram em suas falas nada que sugerisse que eles solicitam aos seus alunos que mencionem as fontes consultadas.

Para um professor, a pesquisa é solicitada quando surge dúvida por parte dos alunos, indo além, dizendo que quando está com dúvida, o aluno é orientado a pesquisar sobre o tema que ainda está obscuro e após a pesquisa o mesmo deve copiar o que entendeu. Parece-nos que nem sempre é profícuo pedir a um aluno que pesquise sobre algo que ainda não conseguiu compreender. Em algumas situações, pode-se gerar uma sensação de dificuldade maior que a real. Os professores pedem para copiar, retirar de algum lugar ou material, ou seja, sugerindo a prática do plágio quando não pedem para citar as fontes.

Quadro 23 – Formas de pesquisar dos alunos

Sujeitos	Unidade de registro	Unidade de sentido	Categoria
A1	“Vou na Internet e pego um monte de coisa...leio alguns pedaços e separo o mais importante...coloco meu nome e entrego”	Vou na Internet e pego  Separo o mais importante...coloco meu nome e entrego	Apropriação  Cópia
A2	“...acesso o Google, digito uma palavra, aparece um monte de coisa, escolho uma e imprimo, ...aparece tudo pronto”	Escolho e imprimo	Cópia
A3	“...não tenho Internet...espero alguém fazer e copio...as vezes leio no livro e copio...não coloco fonte”	Espero alguém fazer e copio  Leio no livro e copio  Não coloco fonte	Cópia  Cópia  Não cita fonte

A4	“...pego tudo na Internet...tem trabalhos bons”	Pego na Internet	Cópia
A5	“Quando o professor deixa apostila separada eu copio dela, quando não deixa eu vou na Internet mesmo...assino o meu nome”	Copio da apostila Copio da Internet...assino o meu nome	Cópia Cópia
A6	“Leio alguma coisa no livro...copio...junto tudo e faço um texto...coloco o nome do livro que li”	Copio Junto tudo e faço um texto Coloco o nome do livro que li	Cópia Cópia Cita nome do livro
A7	“Procuro o que o professor pediu na Internet, escolho um trabalho que apareceu e que parece bom...copio no Word, coloco meu nome...entrego no dia marcado...coloco só meu nome...o professor não pede para colocar fonte”	Escolho um trabalho que apareceu...copio Coloco só meu nome O professor não pede para colocar fonte	Cópia Apropriação Cópia
A8	“Faço do jeito que está na apostila”	Faço do jeito que está na apostila	Segue especificação da apostila

Fonte: Elaboração própria

Os alunos resumiram o ato de pesquisar a, essencialmente, fazer cópias. Algumas vezes, a partir de livros ou apostilas, porém, na maioria das vezes é de materiais colhidos na Internet. Sobre a citação das fontes pesquisadas, somente um aluno disse que coloca o nome do livro, os demais não citam a fonte. Um aluno disse que não é solicitado que eles coloquem as fontes, por isso não o fazem.

Esses dados demonstram que, não sendo pedido aos alunos que citem as fontes consultadas, os mesmos fazem cópias e, conseqüentemente, praticam o plágio, ao assumirem a autoria dos textos que entregam aos docentes textos copiados como se fossem seus.

Os estudantes foram inquiridos sobre as fontes que costumam utilizar para pesquisar e corroborando os dados levantados nos questionários (página 84), oito alunos assumiram a preferência pela Internet e apenas um aluno disse utilizar livros como fonte consultada. Não podemos negar que a Internet tem se configurado em instrumento de busca por dados e informações, sendo preciso que alunos e professores sejam instruídos para utilizar tal ferramenta.

Tabela 1: Fontes de pesquisa consultadas por alunos

Discentes	Nº de Discentes	Respostas dadas pelos discentes*			
		Internet	Livros	Revistas	Jornais
<i>EscoPar</i>	4	3	1		
<i>EscoPu</i>	4	4	1	1	

\*Os alunos citaram mais de uma fonte pesquisada.

Fonte: Elaboração própria

Em relação à maneira como os docentes verificam as fontes consultadas por seus alunos nas atividades de pesquisa e sobre experiências voltadas à detecção do plágio, os professores disseram que verificam as fontes, lendo os trabalhos dos alunos, pela forma como texto está escrito, os professores alegaram conseguir detectar se foi ou não o seu aluno quem fez a pesquisa.

Porém, como a maioria não solicita a citação das fontes, eles alegaram que o mais importante é que o aluno entregue a atividade, que segundo eles é um indício de que o mesmo pelo menos leu algo sobre o tema.

Relacionando esta resposta ao exposto pelos alunos sobre a maneira de pesquisar, há evidências de que os alunos copiam os textos, ou mesmo, basicamente imprimem os mesmos, comprometendo o processo de ensino aprendizagem, porque não lhes é exigido o contrário. Como podemos perceber, existe um ponto falho nesse processo que prioriza o produto em detrimento do seu processo. O fato de entregar um texto impresso, a nosso ver, não significa que o aluno tenha lido e compreendido o exposto, nem tão pouco denota que tenha sido ele mesmo quem tenha feito. No quadro 24, apresentamos os motivos que levam os alunos a plagiarem na perspectiva dos professores e dos próprios alunos.

Quadro 24 – Porque os estudantes praticam o plágio

Fatores que levam os alunos a plagiarem segundo os Professores	Fatores que levam os alunos a plagiarem segundo os Alunos
Preguiça de ler e fazer um resumo do que leu	Preguiça
Facilidade de buscar o que está pronto na Internet	Porque é mais fácil encontrar os trabalhos prontos na Internet
Os alunos não gostam de ler	O professor não explica o que é para ser feito
Os alunos deixam tudo para	Pouco tempo para fazer muita

última hora e depois copiam do colega ou da Internet	atividade
Alunos não querem saber de atividades extra-classe	Professores dão muita atividade para fazer em casa
Alunos não tem interesse pelos temas estudados na sala de aula	Os alunos não sabem o que é plágio

Fonte: Elaboração própria

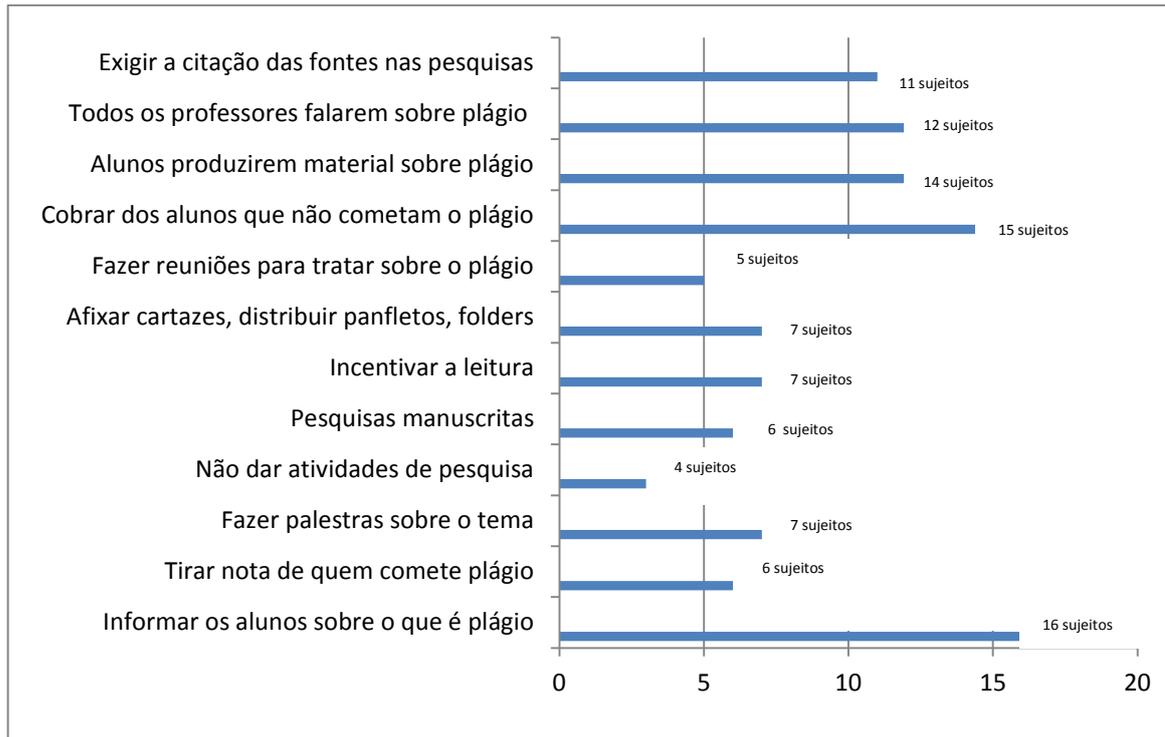
Ao confrontar as respostas dadas por alunos e professores, nos chamou a atenção que temos de um lado os docentes e discentes concordando que a preguiça é um fator que motiva o plágio e que a facilidade de acesso a Internet facilita a cópia de materiais, no entanto, os professores dizem que os alunos não leem e fazem tudo às pressas, ao passo que os alunos dizem ter muita atividade extraclasse e que não recebem orientação para pesquisarem. Os alunos apontaram que eles praticam plágio por não saberem o que é, logo, os dois grupos não compactuam da mesma opinião todo o tempo.

Os professores também foram perguntados sobre as implicações do plágio na formação dos alunos enquanto sujeitos participantes de um processo de ensino e aprendizagem e todos concordaram que esse tipo de prática influencia negativamente na construção de valores como respeito, ética e moral.

Além dessas consequências, eles afirmaram que o aluno que comete o plágio perde uma valiosa oportunidade de aprender ou aprofundar seu entendimento acerca de determinados assuntos. De qualquer forma, é unânime a afirmativa de que o plágio é algo ruim e que precisa ser combatido nas escolas.

Sugestões de modos possíveis de se fazer esse combate, foram dadas por professores e alunos. Todos concordaram que o primeiro passo é explicar e discutir o que é plágio, suas consequências e comprometimentos na aprendizagem dos alunos. Além disso, foi evidente a necessidade de esclarecer sobre os tipos de plágio e as consequências dessa ação para além do campo educativo, ou seja, suas implicações na vida pessoal dos sujeitos fora da escola, na sociedade, na sua vida profissional e acadêmica. No quadro 25 foram apontadas as sugestões dos alunos e dos professores.

Quadro 25 - Sugestão de docentes e discentes para minimizar o plágio na pesquisa



\*Alunos e Professores puderam sugerir mais de uma opção.  
 Fonte: Elaboração própria.

A ação mais sugerida pelo grupo foi a divulgação de informação sobre o que é plágio (“professores falarem sobre o plágio”, “alunos produzirem material sobre o plágio”, “fazer reuniões para tratar sobre o plágio”, “cartazes”, “panfletos”, “folders”, “palestras” e “informar os alunos sobre o que é plágio”). Os dados do grupo focal indicam que a maior parte dos alunos disse não saber o que é plágio. Sendo assim, podemos dizer que uma das prováveis causas para a prática do plágio, seja a falta de conhecimento e informação. Costa (2012) verificou a relação entre a prática do plágio e o desconhecimento manifestado pelos alunos ao perceber que 100% dos alunos pesquisados, disseram não saber o significado da palavra plágio, nem tampouco as medidas relacionadas ao ato de plagiar.

Perguntamos aos professores se eles utilizam o termo plágio em sala de aula, oito docentes disseram que Não. Eles afirmaram que falam sobre a importância de se ler e entender o que é pesquisado, porém, não utilizam a palavra plágio e não explicam aos alunos o que é. A segunda ação mais sugerida foi “cobrar dos alunos que não cometam plágio” relaciona-se com “exigir que os alunos citem as fontes consultadas”. Concordamos que são ações justas e necessárias, porém, para que as mesmas obtenham êxito e favoreçam o combate ao plágio, carecem ser precedidas da informação, explicando e incentivando os alunos e se

posicionarem criticamente diante do conteúdo pesquisado e cobrando dos estudantes que citem autores e fontes.

Ações punitivas foram citadas como “tirar nota”, “exigir manuscrito” e “não dar atividades de pesquisa”. Tanto uma como a outra são atos isolados que reforçam um sistema de punição e prêmio, cujo foco, a nosso ver, deixa de ser o de ensinar e aprender, para ser o de “aprender e premiar” e o de “não aprender e punir” (FLEURI, 2008, p.02). Essas práticas assim como o plágio, estão presentes no dia a dia da escola e são usadas como paliativo para correção de algo que ainda não pode ser corrigido eficazmente.

Justificando a orientação metodológica indicada para este estudo – Pesquisa-Ação, após esta fase de pesquisa, sequenciamos os estudos buscando as ações. Os mesmos sujeitos do grupo focal, participaram dos seminários (estudo de grupo). As ações criadas pelo grupo, a Cartilha e a Fan Page serão apresentadas no próximo tópico.

### **3.3 Ações**

Dialogamos com alunos e professores. Confrontamos as práticas dos dois grupos e constatamos que:

- a) Os alunos cometem o plágio, em parte, por falta de informação sobre esse assunto;
- b) Os professores não exigem dos alunos que citem as fontes que consultam em suas pesquisas;
- c) Alunos e professores percebem o plágio como um problema, como algo errado;
- d) Alunos e professores concordam que o plágio precisa ser combatido.

Isso posto, nos disponibilizamos a criar mecanismos que pudessem minimizar o plágio na pesquisa escolar de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. O que mais nos chamou a atenção nesta pesquisa foi a falta de informação dos alunos sobre o plágio. Por isso, partimos do pressuposto que para contribuir na resolução da problemática, seriam necessárias ações voltadas à informação. Optamos então pela criação e divulgação de dois materiais, um impresso (Cartilha) e um virtual (Fan Page) para atender a esse objetivo.

#### *Cartilha*

A Cartilha, apresentada a seguir, foi construída pelos professores, alunos e pela pesquisadora e representa uma ação proposta pelo grupo investigado que teve como motivação a busca por soluções para o problema do plágio na pesquisa escolar e a convicção de que se os alunos forem informados sobre o plágio, essa prática tende a diminuir.

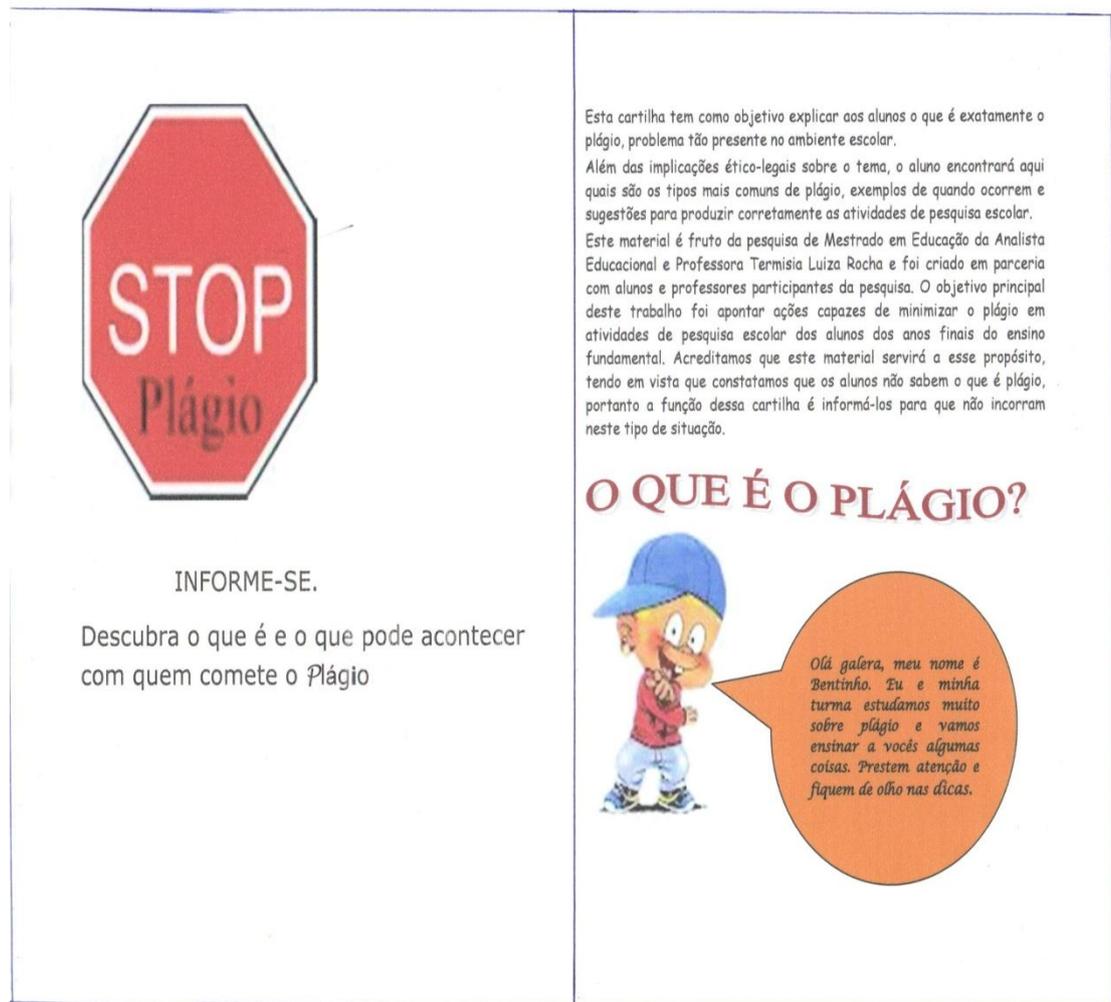


Figura 7 - Primeira folha da Cartilha  
 Fonte: Dados da Pesquisa

Na primeira parte da Cartilha, foi usada uma imagem que traduz o que buscamos com este material: que os estudantes parem de praticar o plágio. Explicamos os objetivos da cartilha, como ela surgiu e os responsáveis pela elaboração deste instrumento. O personagem “Bentinho” faz parte de uma turma de amigos fictícios que foram criados para dialogarem com os leitores da cartilha. As imagens e os nomes que apareceram foram escolhidos pelos alunos, inspirados neles mesmos. Este momento representou um importante mecanismo de interação dos alunos com o tema abordado. Ao se colocarem como personagens eles se sentiram parte do produto final.

Pois é pessoal, aprendi que nós cometemos Plágio quando retiramos, seja de livros ou da Internet, ideias, conceitos ou frases de outro autor (que as formulou e as publicou), sem lhe dar o devido crédito, sem citá-lo como fonte de pesquisa.

O que o nosso amigo Marcelino quis dizer é que plagiar é o mesmo que pegar uma coisa do seu colega e dizer que é sua. Ora, quando copiamos um texto e colocamos nosso nome é exatamente isso que fazemos e agir assim é errado.

Gente, vocês sabem quando alunos como eu e vocês cometemos PLÁGIO? Conta pra gente Bia.

Tá bom, Ana. Vocês amiguinhos estão lembrados daquelas atividades de *Pesquisa* que os professores pedem “pra” gente fazer. Pois é, são nelas que geralmente *plagiamos*. *Toda vez que copiamos* alguma informação de um livro, da Internet, de uma revista, ou de outro lugar e **NÃO** citamos o verdadeiro autor, ou seja, a **FORTE** dessa informação e assinamos o nosso nome na capa do trabalho, estamos cometendo PLÁGIO. Não é Pedro?

É isso aí. Outro dia mesmo a Dona Ana Júlia pediu uma pesquisa sobre “*Os Presidentes do Brasil*” e como eu não sabia o que era plágio, eu simplesmente fui lá na Internet, digitei “Presidentes do Brasil” em um site de busca, tipo o Google. Apareceu um montão de coisa e pronto, peguei a primeira que abriu e depois de copiar e colar no Word, mandei imprimir. Mas antes de imprimir, coloquei meu nome, como se tivesse sido “euzinho” quem escreveu aquilo tudo. Impossível não é gente, eu só tenho 11 anos. Agora sei que preciso citar a fonte

Figura 8 – Segunda folha da Cartilha  
Fonte: Dados da Pesquisa

Na segunda folha, o diálogo entre os personagens “Marcelino” “Bia” “Pedro” e “Ana” inicia a abordagem sobre o tema. A primeira caixa de texto traz uma definição do que é plágio. Depois usando uma linguagem simples fala-se novamente o que é plagiar. A partir daí, são citados exemplos comuns de plágio cometidos pelos estudantes em atividades de pesquisa escolar e questiona-se a maneira como os estudantes devem agir neste tipo de exercício para que não incorram em plágio.

**Coisa complicada.**

**Talvez seja melhor não copiar mais nada de lugar nenhum. Aí ninguém comete Plágio.**



Ok Pedro, vou mostrar pra vocês como eu fiz a pesquisa sobre "Bulling" depois de estudar sobre Plágio.

Bom primeiro eu pesquisei na Internet, porque eu acho mais rápido e mais fácil. Depois de digitar em um site de busca, selecionei 2 textos que apareceram lá.



Calminha aí Serginho, você faltou na reunião onde estudamos a maneira correta de fazer uma pesquisa. Não é necessário parar de copiar informações dos livros ou da Internet, é só fazer as coisas da maneira certa. Toda vez que um professor pedir uma pesquisa você precisa mencionar de onde tirou a informação que copiou. Olha carinha, você tem que concordar comigo que assinar nosso nome em um texto que não fomos nós quem escrevemos tá errado!

A Isabel vai dar um exemplo legal pra gente entender melhor.



## 1º Texto

**DEFINIÇÃO DO QUE É BULLYING**

**Bullying** é uma situação que se caracteriza por **agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.** O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido **como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.**

**Este eu encontrei nesta página: <http://revistaescola.abril.com.br>**

Figura 9 – Terceira folha da Cartilha  
 Fonte: Dados da pesquisa

Para elucidar essa ação, foi proposta uma pesquisa sobre o tema “Bullying”. A personagem, encarregada de exemplificar uma pesquisa sem plágio, argumentou com os leitores que utilizaria dois textos da Internet para fazer sua pesquisa. Utilizamos esse recurso levando em consideração que dados da investigação mostraram que os alunos preferem a Internet no momento de selecionarem fontes de pesquisa.

## Já o 2º Texto que usei foi esse:

BULLYING NA ESCOLA

Por [Thais Pacievitch](#)

**Bullying** é um ato caracterizado pela violência física e/ou psicológica, de forma intencional e continuada, de um indivíduo, ou grupo contra outro(s) indivíduo(s), ou grupo(s), sem motivo claro. A palavra “Bullying” é de origem inglesa.

No Brasil, a palavra “Bullying” é utilizada principalmente em relação aos atos agressivos entre alunos e/ou grupos de alunos nas escolas. Até pouco tempo, o que hoje reconhecemos como Bullying, era visto como fatos isolados, “briguinhas de criança”, e normalmente família e escola não tomavam atitude nenhuma a respeito. Atualmente o Bullying é reconhecido como problema crônico nas escolas, e com consequências sérias, tanto para vítimas, quanto para agressores.

As formas de agressão entre alunos são as mais diversas, como empurrões, pontapés, insultos, espalhar histórias humilhantes, mentiras para implicar a vítima a situações vexatórias, inventar apelidos que ferem a dignidade, captar e difundir imagens (inclusive pela internet), ameaças (enviar mensagens, por exemplo), e a exclusão.

Entre os meninos, os tipos de vitimação são mais de cunho físico. Ainda que não efetivada a agressão, os agressores costumam ameaçar, meter medo em suas vítimas. Já as meninas agressoras costumam espalhar rumores mentirosos, ou ameaçarem e espalharem segredos para causar mal estar.

*O 2º texto eu encontrei no site:  
<http://www.infoescola.com> (esse é o endereço que vem lá em cima, é o endereço da página na Internet, nesse caso significa que o texto que escolhi está na página do site da infoescola) e logo no cabeçalho estava escrito o nome da autora do mesmo que é THAIS PACIEVITCH.*

*Assim que escolhi os 2 textos, fiz a leitura e tentei compreender o que seria o Bullying. Busquei fazer uma relação entre o que li no primeiro texto e no segundo, pra ver se tinham coisas iguais, se eram parecidos.*

*Depois que analisei isso, comecei a pensar em como escrever um texto sobre BULLYING a partir do que entendi dos dois textos.*

*Eu sabia que precisava citar os autores e o local do qual retirei as idéias do meu texto, ou seja, a fonte, então depois de pensar um pouquinho, comecei a escrever.*

Figura 10 – Quarta folha da Cartilha  
 Fonte: Dados da Pesquisa

Os dois textos apresentados foram retirados de sites da Internet. Buscamos relacionar, o mais próximo possível, as ações propostas na cartilha com a realidade manifestada pelos alunos nos questionários. A folha seguinte forneceu um modelo de pesquisa que foi construída utilizando dados dos textos pesquisados.

## FICOU ASSIM:

### Bullying

*Bullying de acordo com reportagem da Revista Nova Escola edição 30 de 1bril de 2012, é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Assistimos a esse tipo de atitude todos os dias na escola, alunos agredindo outros por serem gordos, usarem óculos, terem cabelos encaracolados ou mesmo por serem negros.*

*A autora Thais Pacievitch escreveu em reportagem para o site infoescola de maio de 2011, que no Brasil o bullying acontece de maneira diferente entre meninos e meninas. Os garotos geralmente praticam bullying usando de força física ou seja batendo nos outros garotos. Entre as meninas o que mais acontece são as ameaças ligadas a fofocas, por exemplo, uma menina descobre um segredo de outra e fica falando que vai contar para todo mundo.*

*Entendi que o bullying é uma coisa errada, porque causa sofrimento e é muito ruim ser alvo de fofocas e chacotas dos colegas, por isso ninguém deve fazer esse tipo de coisa.*

Aluna: Isabel Silva

Fontes pesquisadas: Revista Nova Escola e Infoescola (texto de Thais Pacievitch)

Sites: <http://www.infoescola.com> e <http://revistaescola.abril.com.br>

Depois de pronto, Isabel entregou essa pesquisa para o Professor Carlos, que disse o seguinte:



Vejam só : A aluna Isabel, dividiu sua pesquisa em três partes:

1ª Parte: ela usou frases do 1º texto que escolheu, porém, informou que o mesmo foi retirado do site da Revista Nova Escola. Depois ela ainda colocou sua opinião dizendo que é comum esse tipo de atitude na escola, dando inclusive alguns exemplos.

2ª Parte: Isabel leu e compreendeu o texto de autoria de Thais Pacievitch assim ela pode escrever com suas palavras o que entendeu do texto lido e o mais importante ela citou a autora em seu texto de pesquisa.

3ª Parte: No último parágrafo, a aluna concluiu sua pesquisa dando sua opinião sobre bullying. Essa parte é muito importante, pois ela enriquece o conhecimento dos alunos e demonstra que a aluna realmente pesquisou, leu e compreendeu o tema da pesquisa.

Se ela tivesse impresso alguns dos textos, ou mesmo copiado partes do primeiro e misturado com partes do segundo texto, colocado seu nome e entregado a professora como sendo sua pesquisa, ela teria plagiado, porque ela teria assinado como autora de um texto que na verdade não foi ela quem escreveu.

Mas, felizmente Isabel entendeu que pesquisar não é somente copiar o que os outros escreveram, mas, ler, entender e redigir um texto com sua opinião sobre o assunto.

Então, alunos, podemos dizer que não há problema algum em consultar e copiar trechos de ou mesmo de sites da Internet, porém é preciso citar os autores e as fontes. É muito importante é você se posicionar, ou seja, dizer o que entendeu de tudo que leu. É assim que você aprenderá sempre mais.

Espero ter ajudado. Boa sorte e não se esqueçam: Plagiar não vai ajudá-los a aprender.

Figura 11 – Quinta folha da Cartilha  
Fonte: Dados da Pesquisa

Além do exemplo de pesquisa foram feitas observações acerca dos procedimentos eleitos pela personagem na execução da atividade de pesquisa. Nesse tópico, foi mostrada a importância e a necessidade de se fazerem as citações a materiais consultados. A última folha da Cartilha abordou a questão dos direitos autorais e valor pedagógico de atividades de pesquisa.

## DIREITOS AUTORAIS

# QuEm TeM?

De acordo com a Lei 9.610/98 que regula os direitos autorais, considera-se **Autor** a pessoa física criadora da obra literária. O primeiro a expressar uma idéia e fixá-la em suporte material (livro, jornal, etc) ou mesmo em meios virtuais (caso da Internet).

Por isso quando copiamos material de outra pessoa e não o citamos em nossas pesquisas, podemos dizer que estamos ferindo esta lei.



**ATENÇÃO ESTUDANTES:**

As Pesquisas Escolares oferecem oportunidades de aprendizado, nas quais vocês podem ter contato com diversos textos, de diferentes autores. O indicado é que você escreva a pesquisa com suas próprias palavras, explicando no seu texto as opiniões de autores consultados e quando necessário citando o nome dos autores que você consultou.

Ao cometer plágio, você acaba perdendo a oportunidade de aprender, ou seja, o mais prejudicado nisso tudo é VOCÊ mesmo.

**A**gora que você já sabe como fazer uma pesquisa sem cometer plágio,

**P**ratique essa idéia em todos os seus trabalhos e quando estiver seguro de que é preciso citar os autores e as fontes consultadas,

**P**ergunte ao seu professor sobre as normas da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas, mas esse é assunto para outro momento, por enquanto, comece assim.

**L**embre-se: leia bastante, compare idéias, consulte livros e textos e se mesmo assim restar algumas dúvida na hora de redigir sua pesquisa, consulte seu professor ou professora.

REFERÊNCIAS:

Cartilha sobre Direitos Autorais Convenção Universal Lei de Direitos Autorais/ Constituição. Disponível em: [www.uff.br/publicidade](http://www.uff.br/publicidade), acesso em setembro de 2012.

Texto de Thais Paclevitch "Bullying", Revista Info Escola, edição de abril de 2010, disponível em: <http://www.infoescola.com>, acesso em setembro de 2012.

Texto "Definição do que é Bullying", Revista Nova Escola de Junho de 2011, disponível no site: [www.revistanovaescola.abril.com.br](http://www.revistanovaescola.abril.com.br), acesso em setembro de 2012.

Figura 12 – Parte final da Cartilha

Fonte: Dados da Pesquisa

Este material foi testado em duas turmas e apesar de não haver uma previsão em relação aos resultados imediatos, o que se notou foi que os alunos participaram de forma ativa, lendo, discutindo e mostrando interesse pela temática abordada. Podemos dizer que, além de assimilarem o conteúdo, sentiram-se capazes de mudar sua prática e cooperar para minimizar o plágio na pesquisa escolar de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Porém, compreendemos que não bastam leituras esporádicas, é necessário sistematização e constância no estudo desse tema, tal como ocorre com outros temas lecionados nas escolas.

## Fan Page

As imagens, abaixo, ilustram a Fan Page “Nós não curtimos o plágio” que foi criada pelos professores e alunos. O objetivo desta página foi torná-la um material de divulgação de informações sobre o plágio em um ambiente virtual. A imagem mostrada na figura 13 foi idealizada por um aluno da *EscoPu* e além de ter servido ao propósito de elucidar a Fan Page, motivou um grafite nos muros da *EscoPu*.



Figura 13 – Página inicial da Fan Page  
Fonte: www.facebook.com



Figura 14 - Sobre a Fan Page “Nós não curtimos o Plágio”  
Fonte: www.facebook.com



Na fase de testes, 59 alunos foram convidados a acessar a Fan Page. Até a data em que esta dissertação foi redigida tínhamos registrado na página, 90 acessos. Isso nos possibilita dizer que os estudantes manifestaram curiosidade pela página e além dos convidados, outros indivíduos acessaram o conteúdo. Essa é a dinâmica dos ambientes desse gênero, pessoas interessadas em determinados assuntos buscam plataformas onde os localizem. O aluno *APar1*, ficou encarregado de alimentar a Fan Page.

Consideramos que a Fan Page é uma das formas de se colocar a prática do plágio em evidência, suscitando e sensibilizando para a importância de se refletir e discutir sobre ela. Para potencializar esse recurso, a Fan Page precisa ser acessada e alimentada por estudantes e professores com sugestões de como fazer pesquisas interessantes, quais sites tem informações confiáveis, as formas de se fazer citações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as perspectivas de professores e alunos sobre o plágio na pesquisa escolar em duas escolas de Monte Carmelo/MG, mostrou-se uma tarefa bastante desafiadora. Este trabalho procurou ampliar a discussão sobre o entendimento dado a atividade de pesquisa e sua relação com a prática do plágio.

O plágio está associado à dificuldade dos alunos para desenvolver pesquisas de maneira autônoma, podendo comprometer sua formação no que diz respeito ao aprendizado. Verificamos com base nas afirmações de professores e alunos que o tema plágio é pouco explorado nas escolas analisadas. As atividades de pesquisa, em contrapartida, são bastante solicitadas. O aluno deixa de aprender quando pratica o plágio, dificultando que adquira habilidades de escrita, de elaboração de texto, desenvolva ideias originais e aprenda a pensar e exercite o senso crítico (PAIVA, 2010). Essas dificuldades nos motivaram a investigar tal prática. A possibilidade dos estudantes começarem praticando plágio nos anos iniciais da escolarização, estendendo-se até o Ensino Superior e à sua vida profissional e acadêmica, sinaliza a urgência em se pensar em intervenções que informem e esclareçam sobre perdas e prejuízos na sua formação.

De fato, reconhecemos que o plágio na pesquisa não é algo novo (MORAES, 2006) e está arraigado no cotidiano das escolas. As poucas pesquisas e discussões sobre fraude acadêmica no Brasil demonstram que esta ocorre de forma reiterada nas salas de aula e embora distorçam e prejudiquem o processo de avaliação da aprendizagem, têm sido tratadas como socialmente aceitas (PIMENTA, 2008). Trazer o plágio para o campo das consequências esperadas, por motivos culturais, estruturais ou sociais, camufla os efeitos negativos dessa prática na formação ética, moral e intelectual dos estudantes, que são seguramente os mais prejudicados com essa ação.

A expansão tecnológica, a facilidade de acesso a banco de dados, a falta de informação sobre o que seja plágio e a forma como é concebida a atividade de pesquisa, são fatores que contribuem para tornar o plágio algo fácil de ser praticado. É tão comum plagiar, que os alunos confundem pesquisa com cópia. Ao serem perguntados sobre as maneiras escolhidas para se produzir uma pesquisa, basicamente tivemos como resposta que pesquisar é copiar. Estes procedimentos nos possibilitaram perceber, as limitações do uso da pesquisa escolar e sua relação direta com o plágio, afinal, são nestas atividades que os alunos plágiam.

Partimos da importância da pesquisa escolar enquanto instrumento pedagógico que busca soluções a algo problematizado em sala de aula, transcendendo a técnica e

desenvolvendo o raciocínio crítico. Buscando compreender os significados contidos nos depoimentos dos professores e dos alunos que participaram dessa investigação, foi possível perceber a necessidade de se ter um entendimento claro sobre o que é pesquisa e qual o seu papel no processo de ensino-aprendizagem, para que se possa então, promover qualquer ação que vise informar ou esclarecer os estudantes a respeito do plágio. Por este motivo, essa pesquisa teve como objetivo geral construir ações de enfrentamento ao plágio, juntamente com alunos e professores.

A análise e interpretação das respostas dos estudantes revelaram que eles não citam os autores e as fontes consultadas, além de afirmarem que não recebem orientação do professor sobre como realizar uma pesquisa. O uso da Internet como principal fonte de busca de informações, aliada a maneira indicada pelos alunos ao definirem como fazem suas atividades, levaram-nos a reflexão de como essa ferramenta, tem servido à prática do plágio neste e em outros níveis de ensino. O ciber-plágio (COMAS & SUREDA, 2007) apontou a necessidade de compreender o computador como uma ferramenta que pode motivar a aprendizagem e diversificar a prática pedagógica do professor, contudo, demanda que docentes, gestores, alunos, administradores e demais membros da comunidade escolar, reflitam sobre os usos desse instrumento e criem mecanismos de verificação da pertinência e adequação ao contexto educacional.

Os estudantes confirmaram que praticam o plágio em suas pesquisas, na busca por notas altas, devido a facilidade em copiar textos prontos, por falta de explicações do professor, por preguiça e por não saberem que o que fazem é plágio. Elencar, entender e estudar esses motivos pode ajudar na compreensão do porque se pratica o plágio. Entendemos que mais que compreender os condicionantes do plágio, faz-se necessário enfrentá-lo.

Os professores admitiram que percebem o plágio como um entrave ao processo de aprendizagem dos alunos e consideram que a maior consequência dessa prática é a defasagem na formação moral e ética dos estudantes. A construção de posturas éticas pode ser iniciada e/ou continuada eleito pelo professor durante sua prática pedagógica, no dia a dia da sala de aula, entendendo o processo de ensino-aprendizagem como resultado de múltiplas ações dos sujeitos imbricados. É preciso que o professor ensine sobre plágio, valorize a pesquisa enquanto instrumento útil para o aprendizado do aluno, indique como deve ser feita uma pesquisa sem incorrer em fraude acadêmica e cobre do aluno que exercite cotidianamente o que aprendeu, fomentando no estudante o hábito da pesquisa enquanto exercício de criticidade.

Entendemos que o enfrentamento da prática do plágio é responsabilidade de todos que trabalham na escola. Por isso, sugerimos que os vários tipos de fraude acadêmica sejam incorporados às matrizes pedagógicas das escolas, como acontece com o ensino sobre Gramática, Filosofia etc.. Faz-se necessário que se identifique de maneira clara, nos documentos que regem as atividades escolares, seja no Projeto Político Pedagógico ou no Regimento Escolar, o que é importante ser aprendido e qual o lugar das pesquisas escolares nas práticas educativas. Além disso, é imprescindível que toda a comunidade escolar tome ciência desses documentos.

Os estudantes precisam agir de maneira diferente frente às atividades de pesquisa e ao plágio e isso requer adoção de novas posturas, que precisam ser construídas nas escolas, na ambiência da sala de aula, a partir de uma maior atenção dos professores quanto à informação e orientação sobre a maneira de se pesquisar. Esta deve ter início nos anos iniciais da escolarização, a fim de que tenhamos, no futuro, menor de incidência de plágio no Ensino Superior. Discussões sobre fraude acadêmica, buscando reflexões coletivas que permitam estudantes compreenderem a importância de agirem com ética, na escola ou fora dela, são formas de se buscar a construção de um mundo mais respeitoso, justo e ético.

Durante todo o processo de pesquisa, sempre tivemos a convicção de que ações elaboradas, pensadas e sugeridas pelos professores e alunos, frutos de seu envolvimento em um processo contínuo de busca por melhoria de suas condições de estudo, incitariam o questionamento e iriam refletir em suas práticas pedagógicas. Temos a consciência de que foram poucos encontros para alterar algo que está tão consolidado como é o caso da prática do plágio na pesquisa, porém, acreditamos na possibilidade de efetuarmos um primeiro movimento neste sentido.

Na investigação tivemos êxitos e podemos perceber algumas limitações. Criamos a Cartilha e a Fan Page focados no objetivo de informar os alunos sobre o plágio. A linguagem acessível e a adaptação ao contexto dos estudantes contribuiu para favorecer seu entendimento e despertar interesse dos pares por estas ações. A Cartilha, apesar de estar associada a uma famigerada forma de se alfabetizar, contribuiu para criar um primeiro mecanismo de informação sobre como fazer uma pesquisa sem incorrer em plágio. O envolvimento dos alunos na construção dos personagens e do texto da Cartilha demonstrou que o interesse dos estudantes tende a aumentar quando estes se sentem responsáveis pelas ações a serem tomadas nas escolas.

Sobre a Fan Page percebemos que, mesmo estando em fase de teste e tendo sido apresentada a um reduzido número de alunos, ela já extrapolou os limites das escolas, dada a

sua característica interativa, na qual qualquer indivíduo interessado no assunto pode compartilhar as informações do conteúdo disposto na página. Aproveitar a motivação dos alunos pelas redes sociais e ao mesmo tempo informá-los sobre o plágio mostrou-se uma maneira proveitosa e inteligente.

Entendemos que permanece o desafio de mudar o conceito de pesquisa escolar e a necessidade de identificar, estudar, esclarecer e combater o plágio. As ações iniciadas nos encontros - produção do material impresso e virtual -, precisam se tornar constantes por parte de toda escola, não só professores e estudantes.

A Cartilha pode ficar como uma referência e ser estudada, frequentemente, nas salas de aula, não bastando uma única leitura. Professores e alunos podem melhorar este material, aumentá-lo, disponibilizá-lo em outros meios e de outras maneiras, fazendo-o circular na escola e em outros ambientes. A Fan Page precisa ser alimentada frequentemente, ampliando o número de acessos aos materiais informativos, criando um espaço de diálogo e troca de ideias sobre fraude acadêmica, ética etc.

Compreendemos que ainda há muito ainda por fazer. Há muito que se estudar, experienciar e aprofundar em relação à prática do plágio na pesquisa escolar, especialmente em formas de enfrentamento desse problema nas escolas. Os fatores que produzem a predominância de um contato pedagógico baseado em ambientes de repasse e cópia precisam ser investigados; as tecnologias devem ser mais e melhor exploradas; a formação dos professores para lidarem com as mudanças sociais, tecnológicas e educacionais carecem estudo; a educação precisa ser privilegiada.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. **A Pesquisa-ação como instrumento de análise e avaliação da prática docente.** 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362005000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362005000300008), acesso em 31/05/2012.
- ABE, Veridiana. **A busca de informação na Internet: bibliotecários e estudantes de Ensino Médio de escolas particulares de Itajaí e Florianópolis.** Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2009, p.49. Disponível em: [http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/abe\\_pesquisa%20escolar.pdf](http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/abe_pesquisa%20escolar.pdf), acesso em 15/09/2012.
- ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade.** 2001. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf), acesso em 16/05/2012.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p.02.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos.** Tradução Mario Gama kury, 4ª edição. Brasília: UNB, 2001, p.34.
- AVELAR, Mariza G. Soares. **A utilização da Internet como instrumento educacional.** Monografia apresentada na Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/26456/AVELAR,%20MARIZA%20GONSALES%20SOARES.pdf?sequence=1>, acesso em 16/05/2012.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na Escola o que é como se faz.** 21ª edição. São Paulo: Loyola, 2007, p.18.
- BARBASTEFANO, Rafael Garcia; SOUZA, Cristina Gomes de. **Percepção do conceito de plágio acadêmico entre alunos de engenharia de produção e ações para sua redução.** Revista Produção On Line, Florianópolis, Edição Especial, Dezembro 2007, p.02. Disponível em: [producaoonline.org.br/rpo/article/download/52/52](http://producaoonline.org.br/rpo/article/download/52/52), acesso em 15/09/2012.
- BARBIER, Renê. **A Pesquisa-Ação.** Brasília: Liber, 2007, p.54.
- BABOSA, Ronaldo. **Pesquisa na Internet: direitos autorais e distância transacional.** 2009. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/view/1599>, acesso em 15/07/2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Edição 70, 1997, p.29.
- BAUMAN, Zigmund. **Vida Líquida.** Rio de Janeiro. Zahar. 2007, p.7.
- BERBEL, Neusi A. N. **Metodologia da Problematização no Ensino Superior e sua contribuição para o plano da práxis.** Semina: v.17, n. esp., p.142, 1998. Disponível em: <http://web02.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/PA-323-TC.pdf>, acesso em 11/09/2012.

BONETTE, Luzia Maristela Cabreira. **A formação do aluno-pesquisador no Ensino Médio: o papel do professor frente ao uso da Internet nas pesquisas.** Curitiba, 2006, p.92. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde\\_arquivos/3/TDE-2007-03-12T115512Z-521/Publico/Luzia.pdf](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/3/TDE-2007-03-12T115512Z-521/Publico/Luzia.pdf), acesso em 14/10/2012.

BRANCO, Sérgio. **A lei autoral brasileira como elemento de restrição à eficácia do direito humano à educação.** Revista Internacional de Direitos Humanos. Número 6. Ano 4. 2007, p.124. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-64452007000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452007000100007), acesso em 17/10/2012.

BRITO, Glaucia da Silva Brito; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **“PESCÓPIA” NO CIBERESPAÇO: UMA QUESTÃO DE ATITUDE.** Diálogo Educacional, Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, nº 15, p.75-86, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?ddl=667&dd99=view>, acesso em 12/08/2012.

CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). **A Internet na pesquisa escolar: um panorama do uso da Web por alunos do Ensino Fundamental.** 2000, p.03. Disponível em: [ibict.br/archive/00000832/01/T029.pdf](http://ibict.br/archive/00000832/01/T029.pdf), acesso em 16/10/2012.

CASTRO, Aldemar A. **Revisão sistemática e meta-análise.** 2001, p.01. Disponível em: <http://www.metodologia.org/meta1.PDF>, acesso em 15/10/2012.

CENSO ESCOLAR 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16179](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16179), acesso em 16/10/2012.

CERVO, Amando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica.** São Paulo: Makron Books, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2006, p.15.

CHOO, Chun Wei. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões.** São Paulo: Senac, 2003, p.89.

CHRISTOFE, Lilian. **Intertextualidade e plágio: questões de linguagem e autoria.** Campinas (SP): IEL/Unicamp, 1996, 193 páginas. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Estadual de Campinas/SP, p.20. Disponível em: [libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000115064](http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000115064), acesso em 12/10/2012.

COMAS, Ruben & SUREDA, Jaume. **Cyber-plágio: Uma abordagem para o estado do conhecimento.** 2007, p.01. Revista Textos da Ciber-Sociedade, nº 10. Disponível em <http://www.cibersociedad.net>, acesso em 13 de maio de 2011.

CONNORS, M. **Cybercheating the Internet could become the newest battleground in academic fraud.** 1996. Disponível em: <http://www.carillon.uregina.ca/Sept12.96/feature/feature1.html>, acesso em 12/10/2012.

COSTA, Regina M. M. **As Tics nos anos finais do Ensino Fundamental: Internet e Plágio.** 115f, p.34. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Uberaba, 2012.

CRUZ, Angelo A. A. C et. al. **Impacto dos periódicos eletrônicos em bibliotecas universitárias.** 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n2/17032.pdf>, acesso em 27/08/2012.

CUNHA, Roberto Bastos. **O Plágio e a cultura do copy/paste: um desafio para o ensino básico.** 2006. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/portal/5seminario/PDFs\\_titulos/O\\_PLAGIO\\_E\\_A\\_CULTURA\\_DO\\_COPYPASTE\\_U\\_M\\_DESAFIO.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/portal/5seminario/PDFs_titulos/O_PLAGIO_E_A_CULTURA_DO_COPYPASTE_U_M_DESAFIO.pdf), acesso em 20/05/2012.

DELCIN, Rosimeire Carvalho do Amaral. **A metamorfose da sala de aula.** In ASSMANN, Hugo. *Redes Digitais e Metamorfose do Aprender.* Petrópolis: Vozes, 2005, cap III, p.59. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf>, acesso em 12/09/2012.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** São Paulo: Editores Associados, 1997, p.23.

ECKSTEIN, Max A. **Combating academic fraud towards a culture of integrity.** 2003. Paris: International Institute of Educational Planning/UNESCO. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001330/133038e.pdf>, acesso em 03.08.2012.

ELLIOT, John. **La investigación-acción en educación.** Tradução de Pablo Manzano. 3ª edição, Madrid: Morata, 1997, p.17. Disponível em: <http://www.salgadoanoni.cl/wordpressjs/wp-content/uploads/2010/02/10ELLIOT-Jhon-Cap-1-y-5.pdf>, acesso em 16/9/2012.

FACHINI, Gilson J.; DOMINGUES, Maria J. C. S. **Percepção do plágio acadêmico entre alunos de programas de pós-graduação em Administração e Contabilidade.** 2008. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/11semead/resultado/trabalhosPDF/842.pdf>, acesso em 18/06/2012.

FERREIRA, Aurélio B. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** São Paulo: Positivo, 1986, p.1343.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Rebeldia e democracia na escola.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2008, vol.13, n.39, pp. 470-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n39/05.pdf>, acesso em: 12/09/2012.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 485, set./dez. 2005. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf), acesso em 03/10/2012.

FREIRE, Wendel. **Mídia-Educação: reflexões e práticas de um terceiro espaço.** In: FREIRE, Wendel. **Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente.** Rio de Janeiro: Wak, 2008, p.52. Disponível em: [http://www.uff.br/pos\\_educacao/joomla/images/stories/Teses/wendel%20uff.pdf](http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/wendel%20uff.pdf), acesso em 14/09/2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 29ª ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1996. p. 52-61.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra S/A, São Paulo, 1999, p.98.

FILHO, Plínio Martins. **Direitos autorais na Internet**. Ci. Inf. v.27 n.2 Brasília 1998. Scielo. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19651998000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651998000200011&lng=pt&nrm=iso), acesso em 17/09/2012.

FOX, E. **Digital libraries: introduction**. Communications of the ACM, n. 38, p. 23, 2001, p.6.

GARCEZ, Eliane Fioravante. **Pesquisa escolar na educação básica: discurso de bibliotecários catarinenses**. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: 2009. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=163768](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=163768), acesso em 20/09/2012.

GANLDELMAN, Henrique. **De gutenberg à internet: direitos autorais na era digital**. Rio de Janeiro: Record, 1997, p.154.

GARSCHAGEN, Bruno. **Universidade em tempos de plágio**. 2006. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=366ASP006>, acesso em 12/08/2012.

GARZON, Ana Rosa Lemos da Cunha. **Direitos Autorais: busca do equilíbrio**. 2006. 114 f. Dissertação apresentada Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, p.36. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EBAD-6VXGB9/mestrado\\_disserta\\_\\_o.versaoCompleta.pdf;jsessionid=B73A30790CE4F4C097107FF10AF69B1C?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EBAD-6VXGB9/mestrado_disserta__o.versaoCompleta.pdf;jsessionid=B73A30790CE4F4C097107FF10AF69B1C?sequence=1), acesso em 12/10/2012.

GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamin. **O Inquérito. Teoria e Prática**. Oeiras: Celta Editora, 1992, p.119.

GREEN, Stuart P. **Cheating. Law and Philosophy**. Academic Publishers. Printed in the Netherlands. 2004. p. 137–185.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Gregório de matos, o boca de brasa** (Um Estudo de Plágio e Criação Intertextual). Petrópolis: Vozes, 1985, p.118.

HARTMANN, Ernesto. **Variações sobre Plágio**. Confraria arte e literatura. N. 8, mai/jun 2006, p.01. Disponível em <http://www.confrariadovento.com/revista/numero8/ensaio03.htm>. Acesso em 29/04/2012.

HOUAISS, A. (Ed.). **Novo dicionário Folha Webster's: Inglês/Português, português/Inglês**. Co-editor Ismael Cardim. São Paulo: Folha da Manhã, 2009, p.89.

IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Rev Esc Enf USP, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001.p.116. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>, acesso em 20/08/2012.

IOCOHAMA, Celso Hiroshi. **Reflexões sobre a "cola" nas avaliações do curso de Direito e a indicação de uma alternativa viável para sua superação.** Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1361, 2007, p.02. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/9610>>. Acesso em: 8/11/2012.

KROKOSZ, Marcelo. **Abordagem do plágio nas três melhores universidades de cada um dos cinco continentes e do Brasil.** Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 48 set.-dez. 2011, p.745. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a11.pdf>, acesso em 20/08/2012.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1990.

LEI DE DIREITOS AUTORAIS – LDA. 1998. Disponível em: [http://www.dou.gov.br/materias/do1/do1legleg19980220180939\\_001.htm](http://www.dou.gov.br/materias/do1/do1legleg19980220180939_001.htm), acesso em 12/09/2012.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.1996. Disponível em: [www.educacao.mg.gov.br](http://www.educacao.mg.gov.br), acesso em 10/08/2012.

LESSA, S. **A ontologia de Lukács.** Maceió. Edufal, 1997, p.46. Disponível em: [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5\\_06.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_06.pdf), acesso em 23/09/2012.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed.34, 2003, p.17.

LINDLEY, Alexander. **Plagiarism and Originality.** New York: Harper and Brothers Publishers, 1952.

MACHADO, D. P.; MACHADO, D. G.; SOUZA, M. A.; SILVA, R. P. **Incentivo à pesquisa científica durante a graduação em ciências contábeis: um estudo nas universidades do Rio Grande do Sul.** Revista de Informação Contábil, Recife, v. 3, n. 2, p.40, abr. 2009. Disponível:<http://repositorio.furg.br:8080/jspui/bitstream/1/837/3/incentivo%20a%20pesquisa%20cientifica.pdf>, acesso em 28/08/2012.

MARTINS, Jorge Santos. **O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio.** 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MARTINS, L. C. **A dimensão ética no processo de formação universitária.** 2008, p.01. Disponível em: < <http://www.ufmg.br/bioetica/trabalhos/>, acesso em 19/08/2012.

MATTOS, Elenir Maria A; CASTANHA, André Paulo. **A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental.** 2009. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2009/anais/arquivos/1241\\_1359\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/1241_1359_01.pdf), acesso em 15/08/2012.

MARTUCCI, E. M. et al. **Requalificação da pesquisa escolar : um compromisso social do departamento de referência da biblioteca comunitária da UFSCAR com o ensino fundamental e médio.** Florianópolis, UFSC, 2000. Disponível em: [www.nre.sed.pr.gov.br](http://www.nre.sed.pr.gov.br), acesso em 17/08/2012.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p.10.

MORAES, Heloisa J. Preis. **Ética e moral da técnica: uma análise teórica da venda de trabalhos acadêmicos na Internet**. 2007. Disponível em: <http://apps.unibrasil.com.br/revista/index.php/comunicacao/article/viewFile/384/304>, acesso em 28/06/2012.

MORAES, Raquel de A. **A primeira década de Informática Educativa na escola pública no Brasil. A história dos projetos Educom, Eureka e Gênese**. In: LACERDA SANTOS, Gilberto. (Org.) *Tecnologias na Educação e Formação de Professores*. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../txt.../Raquel%20Moraes.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../txt.../Raquel%20Moraes.doc), acesso em 02/10/2012.

MORAN, J.M. **Como Utilizar a Internet na Educação**. Artigo publicado na Revista Ciência da Informação, Vol 26, n.2, 2000, p. 11. Disponível em: [www.eca.usp.br/moran/internet.htm](http://www.eca.usp.br/moran/internet.htm), acesso em 12/08/2012.

MOREIRA, Walter. **Sistema de armazenamento e recuperação ou Sistemas de Busca: a recuperação da Informação em evolução**. (Trabalho apresentado no I Simpósio Internacional de Propriedade Intelectual, Informação e Ética - CIBERÉTICA. Florianópolis, nov., 1998, p.13. Disponível: [revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/337/400](http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/download/337/400), acesso em 13/09/2012.

OLIGURSKI, Eliana Maria e PACHANE, Graziela Giusti. **A possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana do professor do ensino fundamental**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26, n.02, p.249-276, ago. 2010, p. 252. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982010000200012&script=sci_arttext), acesso em 02/10/2012.

OIKAWA, Alysson Hautsch. **O marco regulatório do direito autoral**. 2009. Disponível em: [http://www.bheringadvogados.com.br/port/mid/pdf\\_valor\\_DtoAutoral20080919.pdf](http://www.bheringadvogados.com.br/port/mid/pdf_valor_DtoAutoral20080919.pdf), acesso em 03/10/2012.

PAIVA, Ricardo B. **Visando orientação sobre o combate ao plágio e comércio de monografias**. Brasília. DF: OAB, 2010. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/000/20/CombatePlagioDocumentoOAB.pdf>, acesso em 15/08/2012.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN's). **Documento Introdutório Ministério da Educação e Cultura (MEC)/Secretaria do Ensino Fundamental (SEF)**, 2001, p. 107. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>, acesso em 15/08/2012.

PERISSÉ, Gabriel. **Nossos filhos não sabem usar o mouse ético**. Revista Máxima, nº 01, agosto, 2006, p.12. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000238](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000238), acesso em 12/09/2012.

PIMENTA, M. A. A. **Ética e a Formação de Professores: uma reflexão sobre a cola**. Revista educação & cidadania, vol 7, no. 1, jan/jun, 2008, p. 67. Disponível em: [www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/187](http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/187), acesso em 03/10/2012.

PORTILHO, Evelise M. L., ALMEIDA, Siderly do C.D. **Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio**. Ensaio: Avaliação das Políticas Públicas Educacionais, Rio de Janeiro, v. 16, n. 60, p. 469-488, jul./set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a09.pdf>, acesso em 13/09/2012.

PORTILHO, E.; ALMEIDA, S. **Avaliando a aprendizagem e o ensino com pesquisa no Ensino Médio**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro: Scielo, 2008, p.19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n60/v16n60a09.pdf>, acesso em 18/09/2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual Gregoriano Canedo. Monte Carmelo, 2010, p.26.

RAMAL, Andrea. **Escola e redes sociais: combinação possível?**. 2012. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/materias/redes-sociais-na-escola>, acesso em 02/10/2012.

RELATÓRIO COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Kids Online. 2012. Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/index.htm>, acesso em 17/10/2012.

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS BRASIL 2008. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), p.28. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001592/159294por.pdf>, acesso em 17/10/2012.

RELATÓRIO DE METAS DO PROGRAMA TODOS PELA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/dados-sobre-as-5-metas/>, acesso em 17/10/2012.

ROCHA, Luciano Roberto. **A concepção de pesquisa no cotidiano escolar: possibilidades da utilização da metodologia WebQuest na educação pela pesquisa**. Curitiba, 2007. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/10182>, acesso em 27/09/2012.

ROMANCINI, Richard. **A praga do Plágio Acadêmico**. Revista Científica da FAMEC, v.6, nº 06, 2007, p.02. Disponível em: <https://sites.google.com/site/richardromancini/pragaplagio>, acesso em 08/09/2012.

ROSA, Rosemar. **O potencial educativo das TIC no ensino superior: uma revisão sistemática**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Uberaba, 2009, p.33. Disponível em: <http://www.uniube.br/biblioteca/novo/base/teses/BU000181088.pdf>, acesso em 15/10/2012.

ROSALES, F.; GARCIA, A.; RODRIGUES, S.; PEDRAZA, J.L.; MENDEZ, R.; NIETO, M. M.; **Detection of plagiarism in programming assignments**. I.E.E.E. Transactions on Education, v. 51, n. 2, p. 174-183, maio 2008. Disponível em: <http://ieeexplore.ieee.org/xpl/login.jsp?tp=&arnumber=4455467&url=http%3A%2F%2Fieeexplore.ieee.org%2Fiel5%2F13%2F4512114%2F04455467.pdf%3Farnumber%3>, acesso em 17/09/2012.

SALOMON, V.B. **Perdidos entre o plágio e a originalidade**. 2008, p.03. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/anais16/sem12pdf/sm12ss04\\_08.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/anais16/sem12pdf/sm12ss04_08.pdf), acesso em 23/09/2012.

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa de análise científica.** 2006, p.84. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-35552007000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013), acesso em 16/08/2012.

SCHNEIDER Michel. **Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.48.

SILVA, Aleteia K.L.; DOMINGUES, Maria J. de S..**Plágio no meio acadêmico: percepção de alunos de pós-graduação sobre o tema.** 2008, p.01. Disponível: <http://home.furb.br/mariadomingues/site/publicacoes/2008/evento-2008-06.pdf>, acesso em 28/09/2012.

SILVA, Obnália Santana Ferraz. **Entre o plágio e a autoria: qual o papel da Universidade?**.2008.Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n38/12.pdf), acesso em 19/06/2012.

SILVA, Gabriela A.; ROCHA, Marina M.; OTTA, Emma; PEREIRA, Yevaldo L.; BUSSAB, Vera S. R.. **Um estudo sobre a prática da cola entre universitários.** Porto Alegre, 2006, p.02. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000100004&script=sci_arttext), acesso em 17/09/2012.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. **Cotidiano e Trabalho: Trabalhadores ceramistas em Monte Carmelo/MG 1970/2000.** Uberlândia: UFU, 2001 (Dissertação mestrado), p-14-15. Disponível em: <http://www.acervobiblioteca.ufu.br:8000/cgi-bin/gw/>, acesso em 12/08/2012.

SILVA, Virgílio Rego da Silva. **ESCOLA, AUTONOMIA E FORMAÇÃO: Dinâmicas de poder e lógicas de ação numa escola secundária de Braga.** Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, BRAGA, 2003. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/362/5/TeseVirg%C3%ADlio2-Parte%20Pr%C3%A9Textual.pdf>, acesso em 09/09/2012.

SIMON, Imre. **A propriedade intelectual na era da Internet.** Universidade de São Paulo, 2000, p.07. Disponível em <http://www.ime.usp.Br/~is/>, acesso em 17/07/2012.

SPLITTER, L.; SHARP, A. M. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 1999, p.11.

TAGATA, C. M. **Ética na pesquisa científica - o papel do professor na construção de um cidadão ético.** Rev. Ciên. Jur. e Soc. da Unipar. Umuarama. v. 11, n. 1, p. 115-125, jan./jun. 2008.Disponível em: <http://revistas.unipar.br/juridica/article/view/2253/1854>, acesso em 12/08/2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008, p 14.

THOMAS, Brian. **Plagiarism and voice in the age of information.** 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade do Tennessee, Knoxville, 2003. Disponível em: <http://www.openthesis.org/documents/Plagiarism-voice-in-Age-Information-138508.html>, acesso em 29/10/2012.

TRIVERS, R.L. **The evolution of reciprocal altruism.** Quarterly Review of Biology.1971.p.35-57.

VAZ, Telma Romilda Duarte. **O avesso da ética: a questão do plágio e da cópia no ciberespaço.** São Paulo, v.5, nº 01, p.159-172, 2006. Disponível em: [http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos\\_posgraduacao/cadernosv5n1edu/cdposv5n1edu\\_2\\_13.pdf](http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/cadernos_posgraduacao/cadernosv5n1edu/cdposv5n1edu_2_13.pdf), acesso em 18/09/2012.

WHERTEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios.** Ci. Inf. vol.29 n.2 Brasília May/Aug. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652000000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652000000200009&script=sci_arttext), acesso em 27/09/2012.

## APÊNDICE A

## ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Professor(a)

- 1- Para você o que é plágio?
- 2- De que forma você orienta os trabalhos de pesquisas de seus alunos?
- 3- Qual orientação é dada em relação as fontes pesquisadas? Você fala sobre citação de fontes com seus alunos?
- 4- Como você verifica as fontes consultadas pelos alunos nos trabalhos de pesquisa? Você utiliza algum meio específico para isso, como sites da Internet ou programas específicos?
- 5- Quais as implicações educacionais da prática do plágio por parte dos alunos em atividades de pesquisa?
- 6- Você tem alguma experiência relacionada à detecção de plágio em atividades de pesquisa dos seus alunos?
- 7- A que você atribui o plágio em atividades de pesquisa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental?
- 8- O que poderia ser feito por alunos a professores para minimizar o plágio em atividades de pesquisa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental?

## APÊNDICE A

## ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Aluno(a)

- 1- Para você o que é plágio?
- 2- Você faz citações nas suas pesquisas? Você cita as fontes que consulta? De que forma você faz citações nos seus trabalhos de pesquisa escolar?
- 3- Quais fontes você utiliza para pesquisar, livros internet, revistas? Você cita essas fontes em seu trabalho? De que maneira?
- 4- A que você atribui o plágio em atividades de pesquisa dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental? Porque os alunos cometem plágio?
- 5- O que poderia ser feito por alunos e professores para minimizar o plágio em atividades de pesquisa escolar?

APÊNDICE B

**QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR**

1 - O que você entende por plágio?

---

---

---

---

---

---

2 – Como você vê a prática do plágio no processo de formação dos estudantes do Ensino Fundamental?

---

---

---

---

---

---

---

---

3 - De que forma você orienta as pesquisas de seus alunos?

---

---

---

---

---

---

---

---

4 - Em relação as fontes de pesquisa, o que você considera importante que o aluno informe no texto pesquisado?

---

---

---

---

---

---

---

---

5 - Quais seus objetivos quando requisita uma pesquisa do aluno?

---

---

---

---

---

---

6 – Você já identificou a prática do plágio?

( ) SIM                      ( ) NÃO

7- Você busca identificar se houve plágio?

( ) SIM                      ( ) NÃO

Se SIM, marque como:

( ) somente pela leitura

( ) usando programas da Internet

Quais programas: \_\_\_\_\_

8 – A que você atribui o plágio em atividades de pesquisa dos alunos dos anos finais do ensino fundamental?

---

---

---

---

---

---

---

---

09 – Quais ações poderiam minimizar o plágio nas atividades de pesquisa dos alunos?

---

---

---

---

---

---

---

---

## APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO DO ALUNO(A)

1 - O que é plágio?

---

---

---

---

---

---

---

---

2 – Quais fontes você costuma utilizar nas suas pesquisas?

( ) Livros

( ) Revistas

( ) Internet

( ) Outros. Cite:

---

---

3 – Você cita as fontes que utilizou na sua pesquisa?

( ) SIM ( ) NÃO

Em caso afirmativo diga como você faz essa citação:

---

---

---

---

4 - Você já cometeu plágio alguma vez?

( ) SIM ( ) NÃO

Em caso afirmativo diga por que:

---

---

---

---

---

---

5- Quais os objetivos do professor ao pedir uma pesquisa?

---

---

---

---

6- Descreva como você faz a pesquisa, a partir do pedido do professor até a entrega do texto.

---

---

---

---

---

---

7- Os alunos usam cópias de textos em suas pesquisas?

( ) SIM                      ( ) NÃO

Em caso afirmativo diga por que:

---

---

---

8- Quais ações poderiam minimizar a prática do plágio em atividades de pesquisa?

---

---

---

---

---

---

---

**APÊNDICE C**

MONTE CARMELO, \_\_\_/\_\_\_/2012.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Nome da pesquisa: PLÁGIO NA PESQUISA: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Responsável pela Pesquisa:** *Termisia Luiza Rocha*

**Telefone para contato:** (034) 8836-3281

**Endereço:** Rua Santa Catarina, nº 408, Bairro Nossa Senhora de Fátima – Monte Carmelo/MG

Nome do professor:

Identificação RG do professor:

Instituição:

Este trabalho sobre o plágio em pesquisa no Ensino Fundamental, na perspectiva de docentes e discentes se justifica dado o aumento expressivo da incidência do plágio em trabalhos acadêmicos. Os meios de informação e os noticiários nos alertam diariamente sobre o agravamento dessa prática no meio estudantil, sobretudo facilitado pelo uso da Internet. Partindo do pressuposto que os alunos do ensino superior são hoje estudantes no Ensino Fundamental, o presente trabalho se faz ainda mais necessário, pois os atuais alunos do 6º ao 9º ano, serão os futuros acadêmicos e é a estes que importa orientar. O objeto da pesquisa é a prática do plágio, entre os estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo principal é identificar propostas de alunos e professores para o enfrentamento do plágio. A coleta de dados se dará a partir da aplicação de questionários e grupo focal com os estudantes e professores. Os estudos se darão ainda em forma de encontros entre grupos de professores e alunos, com periodicidade quinzenal na própria escola, onde o pesquisador oportunizará discussões e estudos sobre a temática, por meio de leitura e discussão de artigos, teses e dissertações pertinentes, bem como anotar as sugestões dos alunos e professores sobre possíveis ações para minimizar essa prática nas escolas. O ANONIMATO DOS RESPONDENTES SERÁ GARANTIDO E O GRUPO FOCAL SERÁ GRAVADO E/OU FILMADO. Espera-se como resultado dessa pesquisa colher apontamentos de alunos e professores para o combate ao plágio nas escolas. Considera-se que o benefício de sua participação em um processo de pesquisa será contribuir significativamente na construção do conhecimento. Não está prevista nenhuma espécie de desconforto por sua participação e os riscos são os mínimos possíveis.

Além disso, sua participação é voluntária, não havendo nenhum prejuízo caso decida não participar ou desistir a qualquer momento. Cabe ressaltar que, uma vez tendo concordado em participar, a assinatura deste termo de consentimento é uma exigência legal dos órgãos governamentais competentes.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização assim como os benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

---

Assinatura do Professor

---

Assinatura da Pesquisadora Responsável

## APÊNDICE C

MONTE CARMELO, \_\_\_/\_\_\_/2012.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Nome da pesquisa:** **PLÁGIO NA PESQUISA: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Responsável pela Pesquisa:** *Termisia Luiza Rocha*

**Telefone para contato:** (034) 8836-3281

**Endereço:** Rua Santa Catarina, nº 408 – Bairro Nossa Senhora de Fátima – Monte Carmelo/MG

Nome do(a) aluno (a):

Identificação RG do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_

Nome do responsável:

Identificação RG do responsável: \_\_\_\_\_

**Instituição:** \_\_\_\_\_

Este trabalho sobre o plágio em pesquisa no Ensino Fundamental, na perspectiva de docentes e discentes se justifica dado o aumento expressivo da incidência do plágio em trabalhos acadêmicos. Os meios de informação e os noticiários nos alertam diariamente sobre o agravamento dessa prática no meio estudantil, sobretudo facilitado pelo uso da Internet. Partindo do pressuposto que os alunos do ensino superior são hoje estudantes no Ensino Fundamental, o presente trabalho se faz ainda mais necessário, pois os atuais alunos do 6º ao 9º ano, serão os futuros acadêmicos e é a estes que importa orientar. O objeto da pesquisa é a prática do plágio, entre os estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo principal é identificar propostas de alunos e professores para o enfrentamento do plágio. A coleta de dados se dará a partir da aplicação de questionários e grupo focal com os estudantes e professores. Os estudos se darão ainda em forma de encontros entre grupos de professores e alunos, com periodicidade quinzenal na própria escola, onde o pesquisador oportunizará discussões e estudos sobre a temática, por meio de leitura e discussão de artigos, teses e dissertações pertinentes, bem como anotará as sugestões dos alunos e professores sobre possíveis ações para minimizar essa prática nas escolas. O ANONIMATO DOS RESPONDENTES SERÁ GARANTIDO E O GRUPO FOCAL SERÁ GRAVADO E/OU FILMADO. Espera-se como resultado dessa pesquisa colher apontamentos de alunos e professores para o combate ao plágio nas escolas. Considera-se que o benefício de sua participação em um processo de pesquisa será contribuir significativamente na construção do conhecimento. Não está prevista nenhuma espécie de desconforto por sua participação e os riscos são os mínimos possíveis.

Além disso, sua participação é voluntária, não havendo nenhum prejuízo caso decida não participar ou desistir a qualquer momento. Cabe ressaltar que, uma vez tendo concordado

em participar, a assinatura deste termo de consentimento é uma exigência legal dos órgãos governamentais competentes.

Eu, \_\_\_\_\_, (representado pelo meu responsável legal), concordo em participar deste estudo, tendo recebido informações sobre os objetivos, justificativas e procedimentos que serão adotados durante a sua realização assim como os benefícios que poderão ser obtidos.

Autorizo a publicação das informações por mim fornecidas com a segurança de que não serei identificado e de que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com a minha privacidade.

Tendo ciência do exposto acima, assino esse termo de consentimento.

---

Assinatura do Responsável Legal

---

Assinatura da Pesquisadora Responsável

## **ANEXO 1: ORIENTAÇÕES DA CAPES PARA COIBIR A PRÁTICA DO PLÁGIO**

Brasília (4/01/2011) - A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) recomenda, com base em orientações do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que as instituições de ensino públicas e privadas brasileiras adotem políticas de conscientização e informação sobre a propriedade intelectual, adotando procedimentos específicos que visem coibir a prática do plágio quando da redação de teses, monografias, artigos e outros textos por parte de alunos e outros membros de suas comunidades.

A orientação é proveniente de proposição da Comissão Nacional de Relações Institucionais e da Seccional da OAB/Ceará (n. 2010.19.07379-01) aprovada pelo referido Conselho em sessão plenária no dia 19 de outubro de 2010. O texto ressalta que as ferramentas tecnológicas da informática e o advento da internet proporcionam acesso irrestrito a muitos bancos de dados oficiais e particulares e que algumas distorções advindas desta facilidade de acesso eletrônico têm gerado preocupações no sentido da prática nociva de copiar e colar textos. “Além da prática ilegal de apropriar-se da obra de terceiro sem autorização e sem a referência devida, o procedimento nefasto infecciona a pesquisa, produzindo danos irreparáveis.”

A OAB recomenda o uso de softwares que fazem a leitura eletrônica do texto (artigo, monografia, dissertação ou tese). Em seguida, realizam rastreamento comparativo em vários sites de busca na internet e em base de dados, verificando se o autor copiou frase ou parágrafo, por exemplo, identificando a base de dados e o texto copiado. A OAB orienta ainda que, por não se tratar de programa absoluto, procedimentos internos nas instituições acadêmicas devem ser adotados para aferir se houve ou não plágio. Um deles, citado como necessário, é que as instituições criem comissão que avalie os resultados obtidos pelo software de forma objetiva, aferindo o grau de gravidade no caso dos textos copiados. A Capes concorda com as orientações da Ordem dos Advogados do Brasil e reforça a necessidade de combate ao plágio onde quer que este se manifeste. A íntegra do documento aprovado pelo Conselho está disponível na internet no seguinte endereço:

Fonte: <http://www.oab.org.br/combateplagio/CombatePlagio.pdf>, acesso em 05/12/2012